

ANO  
2015



UNIVERSIDADE DO ESTADO DE SANTA CATARINA – UDESC  
CENTRO DE CIÊNCIAS DA SAÚDE E DO ESPORTE – CEFID  
PROGRAMA DE PÓS GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS DO MOVIMENTO HUMANO -  
PPGCMH

MARILUCE POERSCHKE VIEIRA | NÍVEL DE SATISFAÇÃO COM A VIDA DE ATLETAS  
SEGUNDO SEXO, PERFIL PSICOLÓGICO DE GÊNERO E STATUS SOCIAL SUBJETIVO  
NAS MODALIDADES ESPORTIVA

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

**NÍVEL DE SATISFAÇÃO COM A  
VIDA DE ATLETAS SEGUNDO SEXO,  
PERFIL PSICOLÓGICO DE GÊNERO E  
STATUS SOCIAL SUBJETIVO NAS  
MODALIDADES ESPORTIVAS**

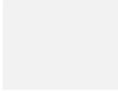
MARILUCE POERSCHKE VIEIRA

FLORIANÓPOLIS, 2015

O presente estudo teve como principal intuito avaliar uma possível associação entre o nível de satisfação com a vida de atletas catarinenses do sexo masculino e feminino, com a satisfação pelo esporte, o *status* social subjetivo, os esquemas de gênero do autoconceito e o perfil idiocêntrico-alocêntrico nas modalidades esportivas. Os resultados apontam que, o nível de satisfação com a vida está associado com o nível de satisfação com o esporte, o *status* social subjetivo na família e o perfil idiocêntrico-alocêntrico e que, embora haja uma predominância de determinados perfis, não é possível definir um perfil psicológico ideal para os atletas.

Orientador: Fernando Luis Cardoso

Florianópolis, 2015



**MARILUCE POERSCHKE VIEIRA**

**NÍVEL DE SATISFAÇÃO COM A VIDA DE ATLETAS  
SEGUNDO SEXO, PERFIL PSICOLÓGICO DE GÊNERO E  
STATUS SOCIAL SUBJETIVO NAS MODALIDADES  
ESPORTIVAS**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências do Movimento Humano do Centro de Ciências da Saúde e do Esporte – CEFID, da Universidade do Estado de Santa Catarina, como requisito parcial para o grau de mestre em Ciências do Movimento Humano.

Orientador: Prof. Dr. Fernando Luiz  
Cardoso

**FLORIANÓPOLIS – SC**

**2015**

v658n

Vieira, Mariluce Poerschke

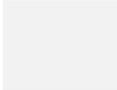
Nível de satisfação com a vida de atletas segundo sexo, perfil psicológico de gênero e status social subjetivo nas modalidades esportivas / Mariluce Poerschke Vieira. - 2015.

p. : il. ; 21 cm

Orientador: Fernando Luiz Cardoso  
Dissertação (mestrado)-Universidade do Estado de Santa Catarina, Programa de Pós-Graduação em Ciências do Movimento Humano, 2015  
Bibliografias

1. Esportes - Aspectos psicológicos. 2. Atletas - satisfação no trabalho - Santa Catarina. 3. Qualidade de vida. I. Cardoso, Fernando Luiz. II. Universidade do Estado de Santa Catarina. Programa de Pós-Graduação em Ciências do Movimento Humano. III. Título.

CDD 20.ed. - 796.01



**MARILUCE POERSCHKE VIEIRA**

**NÍVEL DE SATISFAÇÃO COM A VIDA DE ATLETAS  
SEGUNDO SEXO, PERFIL PSICOLÓGICO DE GÊNERO E  
STATUS SOCIAL SUBJETIVO NAS MODALIDADES  
ESPORTIVAS**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências do Movimento Humano do Centro de Ciências da Saúde e do Esporte – CEFID, da Universidade do Estado de Santa Catarina, como requisito parcial para o grau de mestre em Ciências do Movimento Humano.

**Banca Examinadora:**

Orientador(a): \_\_\_\_\_  
Prof. Dr. Fernando Luiz Cardoso  
Universidade do Estado de Santa Catarina

Membro: \_\_\_\_\_  
Prof. Dr<sup>a</sup>. Gislane Ferreira de Melo  
Universidade Católica de Brasília

Membro: \_\_\_\_\_  
Prof. Dr<sup>a</sup>. Andreia Pelegrini  
Universidade do Estado de Santa Catarina

**Florianópolis-SC, 29 de junho de 2015.**



Dedico esse trabalho ao Meu Marido (Mauro) e aos meus filhos (Bruno, André e Caroline) por estarem sempre ao meu lado. E, a minha grande amiga, irmã de coração, Lia Mara Barbosa da Fontoura (*in memoriam*), que mesmo em seus últimos momentos de sua vida não deixou de me incentivar para que eu concluísse mais esta etapa na minha vida.

## AGRADECIMENTOS

Primeiramente agradeço a Deus por me abençoar com saúde, força e persistência neste processo.

Agradeço os meus pais (*in memoriam*), por todos os ensinamentos que me passaram, entre eles, a humildade e a coragem para enfrentar os desafios.

Agradeço o apoio e a compreensão do meu marido Mauro Ivon Bilo Vieira e dos meus filhos Bruno, André e Caroline Poerschke Vieira pela minha ausência em muitos momentos.

A Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup>. Janice Zarpellon Mazo (UFRGS) e a Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Giovana Zarpellon Mazo (UDESC) pelo incentivo e por acreditarem que eu seria capaz de enfrentar mais este desafio em minha vida. Um MUITO OBRIGADO ESPECIAL para vocês.

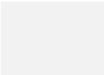
Ao meu orientador Prof<sup>o</sup> Dr. Fernando Luiz Cardoso por me aceitar em seu laboratório e não medir esforços para que eu pudesse finalizar este processo dentro das minhas limitações.

Aos Profs. Drs. Érico Felden, Andréia Pelegrini. Pessoas maravilhosas as quais tive o prazer de conhecer e conviver. Aprendi muito com vocês, excelentes pessoas e profissionais.

Aos professores Nilton Formiga, Gislane Melo e demais professores que contribuíram com seu conhecimento para que eu conseguisse atingir meus objetivos.

Aos meus colegas do Laboratório (LAGESC/NUPECIS): Cinara, João, Elisa, Ana Carolina, Isabela, Thiago, Fabiano, Allana, Wallan, Pâmella, Fernanda Rocha, Fernanda Fronza, e aos demais colegas de curso, pela acolhida, troca de conhecimentos, companhia e amizade que construímos neste período.

Agradeço também ao Colégio Marista São Francisco e a Universidade do Oeste de Santa Catarina (UNOESC – Chapecó) pelo

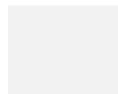


apoio recebido para realizar este Curso de Pós Graduação *Stricto Sensu*, bem como meus colegas destas instituições que, estiveram ao meu lado transmitindo força e palavras de apoio quando precisei.

Agradeço ao Secretário de Esportes da Prefeitura Municipal de Chapecó, Sr: Clóvis Marinello, os técnicos e atletas das diversas modalidades esportivas, deste município, pela colaboração na coleta de dados. Além destes, também agradeço os técnicos e atletas de outros municípios catarinenses que colaboraram em responder os questionários para que o estudo em questão apresentasse um resultado mais fidedigno.

Aos demais familiares e amigos que sempre me incentivaram pessoalmente ou virtualmente, em especial minha comadre Rochele Vaucher, minha grande amiga Deisy Santin de Souza e minha sobrinha Thaise Poerschke Damo que me acolheram por muitas noites em suas casas.

Enfim a todos que de alguma forma contribuíram para que eu atingisse mais este objetivo em minha vida, meu **MUITO OBRIGADO**.



“Se eu quero, eu posso, eu consigo! Cada um é o único responsável pelas suas escolhas. Cada escolha é o que nos leva aos nossos objetivos”.

Cris Alckmin

## RESUMO

O presente estudo teve como principal intuito avaliar uma possível associação entre o nível de satisfação com a vida de atletas catarinenses do sexo masculino e feminino, com a satisfação pelo esporte, o *status* social subjetivo, os esquemas de gênero do autoconceito e o perfil idiocêntrico-alocêntrico nas modalidades esportivas. Trata-se de uma pesquisa não probabilística, descritiva, exploratória, quali-quantitativa com delineamento transversal. Participaram deste estudo 529 atletas catarinenses distribuídos em 10 modalidades individuais e 04 coletivas, sendo 307 do sexo masculino com média de idade de 21,51 anos e 222 do sexo feminino, com média de idade de 20,37 anos. Como instrumentos foram utilizados questionários, com informações sobre as situações sociodemográficas, econômicas e esportivas dos atletas, incluindo o nível de satisfação com a vida e satisfação com o esporte. A Escala MacArthur de Status Social Subjetivo versão para jovens, o Inventário Masculino dos Esquemas de Gênero do Autoconceito Masculino e Feminino (IMEGA e IFEGA) e, por último, o Perfil Idiocêntrico-Alocêntrico foram aplicados. Os dados foram analisados por meio de análises descritivas, frequência absoluta e relativa, média e desvio padrão. Além dessas, foram utilizados o teste U de Mann-Whitney e o Quiquadrado, com um nível de significância de 5% para todas as análises. Os resultados apontam que, tanto nas modalidades individuais, como nas coletivas, a maioria dos atletas catarinenses apresentou um nível alto de satisfação com a vida e com o esporte que praticam, em especial, os atletas do sexo masculino. Em ambas as modalidades, percebem suas famílias com um *status* elevado perante a comunidade, percebem-se com um *status* médio no clube, mas gostariam de estar em um *status* mais elevado na equipe. Além disso, há uma predominância do perfil isoesquemático, principalmente no sexo masculino, tanto nas modalidades individuais como nas coletivas. E, no que diz respeito ao perfil idiocêntrico-alocêntrico, nas modalidades individuais há um predomínio do perfil heteroalocêntrico em ambos os sexos, mas nas modalidades coletivas, há uma predominância maior do perfil isocêntrico no sexo masculino e do heteroalocêntrico no sexo feminino. Por fim, os resultados mostram que, o nível de satisfação com a vida está associado com: o nível de satisfação com o esporte, o *status* social subjetivo na família e o perfil idiocêntrico-alocêntrico. Diante disso conclui-se que, embora haja uma predominância de determinados



perfis, não é possível definir um perfil ideal para os atletas. A partir destes resultados, sugerem-se novos estudos com esta temática para uma melhor compreensão das variáveis, as quais podem auxiliar os técnicos, psicólogos e dirigentes das equipes na busca de um melhor rendimento do atleta como um todo em termos físico, técnico, tático e psicológico.

**Palavras-chave:** Atletas. Satisfação com vida. *Status*. Esquemas de Gênero. Perfil idiocentrismo-alocentrismo.

## ABSTRACT

The present study had as main objective to evaluate a possible association between the level of life satisfaction of male and female Santa Catharina's athletes, regard to the satisfaction with sport, subjective social status, gender schemes of the self-concept and the idiocentric- allocentric profile in sports. It is a non-probability, descriptive, exploratory, qualitative and quantitative research with cross-sectional design. The study included 529 athletes from Santa Catarina distributed in 10 individual and 04 collective sports modalities, being 307 males with a mean age of 21.51 years old and 222 female with a mean age of 20.37 years old. As instruments of measures were used questionnaires with information about the socio-demographic, economic and sporting situations of athletes participants, including the level of life satisfaction and satisfaction with the sport. The Idiocentric-Allocentric Profile Questionnaire, the Masculine and Feminine Self-concept Gender Schemes Inventory and the MacArthur Scale of Subjective Status were also applied. Data were analyzed using descriptive statistics, absolute and relative frequency, mean and standard deviation. Besides these, we used the Mann-Whitney U test and the Chi-Square Test, with a 5% level of significance for all analyzes. The results show that both in individual and collective sports, most of Santa Catarina athletes showed a high level of satisfaction with life and with their sport, in particular the male athletes. In both sport modalities, athletes perceive their families with a high status in the community; perceive their status at the club as an average, but athletes from collective sports would like to be at a higher status in the team. In addition, there is a predominance of iso schematic profile, especially among males in collective as well in individual modalities. Regard to idiocentric-allocentric profile, in individual sports there is a predominance of heteroallocentric profile in both sexes, but in team sports, there is a greater prevalence of isocentric profile in both sexes. Finally, the results show that the level of satisfaction with life is associated with: the level of satisfaction with sport, subjective social status in the family and the idiocentric-allocentric profile. Therefore it is concluded that, although there is a predominance of certain profiles, you cannot define an ideal profile for the athletes. From these results, it is suggest new studies on this issue for a better understanding of the variables, which can assist technicians, psychologists and managers of



sports' teams in search of a better athlete's performance as a whole in terms of physical, technical, tactical and psychological aspects.

**Keywords:** Athletes. Life satisfaction. Status. Gender schemas. Idiocentrism-allocentrism profile.

## LISTAS DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 -	Grupos Tipológicos dos Esquemas de Gênero do Autoconceito no Modelo Interativo.....	39
Figura 2 -	Escala MacArthur <i>Status Social</i> Subjetivo versão para jovens.....	61
Quadro 1 -	Número de atletas catarinenses participantes de acordo com o sexo e as modalidades esportivas.....	56
Quadro 2 -	Número de atletas participantes por modalidades esportivas, individuais e coletivas.....	57
Quadro 3 -	Modalidades Esportivas de acordo com sua natureza, complexidade, identidade, pontuação e participação.....	78

## LISTAS DE TABELAS

Tabela 1 - Perfil sociodemográfico e econômico dos atletas catarinenses do sexo masculino e feminino, participantes nas modalidades individuais e coletivas.....	67
Tabela 2 - Perfil esportivo dos atletas do sexo masculino e feminino participantes nas modalidades individuais e coletivas.....	70
Tabela 3 - Nível de competição e melhores resultados alcançados pelos atletas do sexo masculino e feminino, nas modalidades individuais e coletivas.....	71
Tabela 4 - Nível de satisfação com a vida, satisfação com o esporte, nível do <i>status</i> social subjetivo na família, no clube e na equipe dos atletas catarinenses do sexo masculino e feminino nas modalidades esportivas.....	74
Tabela 5 - Esquemas de gênero do autoconceito, perfil idiocêntrico-alocêntrico dos atletas do sexo masculino e feminino nas modalidades esportivas individuais e coletivas.....	76
Tabela 6 - Associação do nível de satisfação com a vida, com o sexo, modalidades esportivas, satisfação com o esporte, <i>status</i> social subjetivo nas três esferas: família, clube e equipe, esquemas de gênero do autoconceito e perfil idiocêntrico-alocêntrico.....	79

## LISTA DE ABREVIATURAS

HM	Heteroesquemático masculino
HF	Heteroesquemático feminino
ISOE	Isoesquemático
HI	Heteoridiocêntrico
HÁ	Heteroalocêntrico
ISOC	Isocêntrico
Perfil I-A	Perfil Idiocêntrico-Alocêntrico
SSS	<i>Status Social Subjetivo</i>
SWLS	<i>Satisfaction With Life Scale</i>
ESV	Escala de Satisfação com a vida
BES	Bem Estar Subjetivo
ASQ	Questionário de Satisfação do Atleta
SES	<i>Status Socioeconômico</i>
BSRI	<i>Bern Sex-Role Inventory</i>
EM	Esquema Masculino
EF	Esquema Feminino
IEGA	Inventário dos Esquemas de Gênero do Autoconceito
IMEGA	Inventário Masculino dos Esquemas de Gênero do Autoconceito
IFEGA	Inventário Feminino dos Esquemas de Gênero do Autoconceito
IDO	Idiocêntrico
ALO	Alocêntrico
JASC	Jogos Abertos de Santa Catarina

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>017</b>
1.1	CONTEXTUALIZAÇÃO DO PROBLEMA.....	017
1.2	OBJETIVOS.....	020
<b>1.2.1</b>	<b>Objetivo Geral.....</b>	<b>020</b>
<b>1.2.2</b>	<b>Objetivos Específicos.....</b>	<b>020</b>
1.3	QUESTÕES DE PESQUISA.....	021
1.4	ESTRUTURA DA DISSERTAÇÃO.....	022
<b>2</b>	<b>REVISÃO DE LITERATURA.....</b>	<b>023</b>
2.1	EVOLUÇÃO SOCIAL.....	023
2.2	SATISFAÇÃO COM A VIDA E SATISFAÇÃO COM O ESPORTE.....	025
2.3	<i>STATUS</i> SOCIAL SUBJETIVO.....	029
2.4	ESQUEMAS DE GÊNERO DO AUTOCONCEITO.....	033
2.5	PERFIL IDIOCÊNTRICO-ALOCÊNTRICO.....	041
2.6	O MUNDO DO ESPORTE.....	045
<b>3</b>	<b>MATERIAIS E MÉTODOS.....</b>	<b>055</b>
3.1	CARACTERIZAÇÃO DO ESTUDO.....	055
3.2	PARTICIPANTES DO ESTUDO.....	055
3.3	ASPECTOS ÉTICOS.....	057
3.4	PROCEDIMENTOS PARA COLETA DE DADOS.....	058
3.5	INSTRUMENTOS E VARIÁVEIS.....	059
<b>3.5.1</b>	<b>Características sociodemográficas, econômicas e esportivas dos atletas participantes.....</b>	<b>059</b>
<b>3.5.2</b>	<b>Escala MacArthur de <i>Status</i> Social Subjetivo Versão para Jovens.....</b>	<b>060</b>
<b>3.5.3</b>	<b>Inventário dos esquemas de gênero do autoconceito masculino (IMEGA) e feminino (IFEGA).....</b>	<b>062</b>
<b>3.5.4</b>	<b>Inventário do Perfil Idiocêntrico-Alocêntrico (Perfil I-A).....</b>	<b>062</b>
3.6	ANÁLISE DE DADOS.....	063
<b>4</b>	<b>RESULTADOS.....</b>	<b>065</b>
4.1	PERFIL SOCIODEMOGRÁFICO, ECONÔMICO E ESPORTIVO DOS ATLETAS CATARINENSES.....	065
4.2	NÍVEL DE SATISFAÇÃO COM A VIDA, SATISFAÇÃO COM O ESPORTE, <i>STATUS</i> SOCIAL SUBJETIVO, ESQUEMAS DE GÊNERO DO AUTOCONCEITO E PERFIL I-A DOS ATLETAS DO	

	SEXO MASCULINO E FEMININO NAS MODALIDADES ESPORTIVAS.....	069
4.3	MODALIDADES ESPORTIVAS DE ACORDO COM SUA NATUREZA, COMPLEXIDADE, IDENTIDADE, PONTUAÇÃO E PARTICIPAÇÃO.....	075
4.4	ASSOCIAÇÃO ENTRE O NÍVEL DE SATISFAÇÃO COM A VIDA, COM O ESPORTE, COM O <i>STATUS</i> SOCIAL SUBJETIVO, ESQUEMAS DE GÊNERO DO AUTOCONCEITO, PERFIL I-A DOS ATLETAS CATARINENSES E COM AS MODALIDADES ESPORTIVAS.....	077
5	<b>DISCUSSÃO.....</b>	<b>081</b>
6	<b>CONCLUSÃO.....</b>	<b>091</b>
	<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>093</b>
	<b>APÊNDICE I – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO PARA OS REPRESENTANTES DAS EQUIPES.....</b>	<b>123</b>
	<b>APÊNDICE II – TERMO DE ASSENTIMENTO.....</b>	<b>125</b>
	<b>APÊNDICE III– CARACTERÍSTICA SOCIODEMOGRÁFICAS, ECONÔMICAS, ESPORTIVAS E INFORMAÇÕES REFERENTES A SATISFAÇÃO COM A VIDA, SATISFAÇÃO COM O ESPORTE E AUTOPERCEPÇÃO DOS ATLETAS CATARINENSES.....</b>	<b>126</b>
	<b>ANEXO I – ESCALA MACRTHUR DE <i>STATUS</i> SOCIAL SUBJETIVO VERSÃO PARA JOVENS.....</b>	<b>129</b>
	<b>ANEXO II – INVENTÁRIO DOS ESQUEMAS DE GÊNERO DO AUTOCONCEITO MASCULINO (IMEGA).....</b>	<b>130</b>
	<b>ANEXO III - INVENTÁRIO DOS ESQUEMAS DE GÊNERO DO AUTOCONCEITO FEMININO (IFECA).....</b>	<b>134</b>
	<b>ANEXO IV- PERFIL I-A.....</b>	<b>138</b>

# 1 INTRODUÇÃO

## 1.1 CONTEXTUALIZAÇÃO DO PROBLEMA

Falar sobre esporte e atletas, é fácil, pois para quem está inserido na área isto se torna rotina. Porém, escrever, entender, contextualizar, discutir os diversos constructos que, de alguma forma, estão vinculados a eles se torna mais difícil devido à complexidade que envolve o cenário esportivo. Cenário este que, além dos aspectos físicos, técnicos e táticos, busca novas alternativas na área da psicologia e da sociologia para obter melhores rendimentos, performance e resultados.

A psicologia do esporte vem demonstrando um amplo desenvolvimento com relação ao atleta de rendimento (LEVY, 2008). Já a sociologia do desporto de acordo com Elias, Dunning (1995) é uma área que não vem recebendo a necessária atenção dos sociólogos contemporâneos, o que pode ser um lapso, pois ambas podem contribuir muito com o esporte atual. Porém, mesmo com algumas dificuldades em debater o desporto como um todo, dentro da psicologia e da sociologia do esporte, percebe-se que o indivíduo atleta tem ganhado grande visibilidade social ao longo de sua história (CARVALHO, 2003).

Em prol desta visibilidade, o atleta busca uma satisfação que lhe proporcione melhor qualidade de vida na sociedade em que está inserido, a qual pode estar diretamente afetada pelos seus traços de personalidade, nível socioeconômico, educação, estado civil, atividades de vida diária, condições de transporte, interação social, moradia, lazer, nível de saúde percebida, posse de bens de consumo duráveis, (SPIRDUSO, 1995; CARVALHO, 2003) e também pela prática do esporte (NASCIMENTO JR et al., 2011).

No caso do esporte, a satisfação de um atleta caracteriza-se por ser uma condição afetiva positiva a qual pode ser determinada por estruturas, processos e resultados avaliativos e complexos, relacionados com sua experiência esportiva (CHELLADURAI; RIEMER, 1997). Isso porque a satisfação com a vida é um dos componentes do bem-estar subjetivo e está diretamente ligado ao aspecto cognitivo do indivíduo, referindo-se a um julgamento da própria vida, a uma avaliação da vida de acordo com seus critérios (SHIN; JOHNSPN, 1978; DIENER et al, 1985; ALBUQUERQUE; TRÓCOLLI, 2004).

A partir do julgamento que o indivíduo faz sobre sua própria vida, ele busca um melhor *status* dentro da sociedade, da comunidade, do grupo do qual faz parte, visto que o *status* é um atributo que tem

grandes influências nas relações sociais e se refere às avaliações coletivas de superioridade e inferioridade que adquirem uma existência além das crenças individuais (OLLIVIER, 2009). Assim, o *status* é visto sob duas formas: status subjetivo, em que o indivíduo se percebe frente ao grupo e social, que é o consenso do grupo sobre ele (MORRIS, 1967), sendo que este é marcado pela presença da hierarquia (MACLEOD et al., 2005). Como exemplo da presença hierárquica podem-se citar algumas situações presentes no contexto esportivo: o técnico, o capitão da equipe são percebidos como os indivíduos ocupando níveis mais altos de hierarquia e liderança (LOUGHEAD; HARDY; EYS, 2006; RÚBIO, 2003).

Além disso, à masculinidade e a feminilidade, os quais são constructos sociais utilizados em psicologia desde o início do século XX, também podem influenciar na busca por um *status* mais elevado (GIAVONI; TAMAYO, 2000). Estes constructos resultam no desenvolvimento dos esquemas masculino e feminino, incorporando traços, papéis e valores relacionados à masculinidade e à feminilidade, respectivamente (GIAVONI; TAMAYO, 2003). Em se tratando dos esquemas masculinos e femininos, Bem (1981) caracteriza-os como redes de associações cognitivas, que organizam, selecionam e orientam as percepções individuais. Características de suma importância no contexto esportivo, pois como Gomes; Sotero; Giavoni; Melo (2011) ressaltam, que a função dos esquemas é permitir ao indivíduo relacionar novas experiências com as anteriormente vivenciadas, caracterizando-se, portanto, como estruturas funcionais, maleáveis, mutáveis e adaptativas.

No que diz respeito aos esquemas de gênero, Markus (1977), destaca que os indivíduos podem diferir em relação aos mesmos, sendo que é possível encontrarmos indivíduos com o esquema masculino, com esquema feminino, com os dois esquemas e aesquemáticos (MELO, 2008). Porém, Giavoni (2000), com o intuito de tratar os constructos masculinidade e feminilidade, individualismo e coletivismo, como pares opostos, desenvolveu o Modelo Interativo classificando os indivíduos em heteroesquemáticos masculinos (HM), os que apresentam características masculinas, heteroesquemáticos femininos (HF), indivíduos com características femininas e isoesquemáticos (ISOE) os que apresentam uma simetria entre os dois esquemas.

A partir deste modelo interativo, Melo (2008) avaliou o perfil psicológico de atletas brasileiros denominando os indivíduos com traços predominantemente individualistas de heteroidiocêntricos (HI), os indivíduos com traços predominantemente coletivistas de

heteroalocêntricos (HA) e os indivíduos que apresentam uma simetria entre os dois constructos (idiocentrismo e alocentrismo) de isocêntricos (ISOC). Para obter esta classificação, Melo (2008) usou a teoria do Individualismo-Coletivismo: Horizontal e Vertical proposto por Triandis; Gelfand (1998), bem como os resultados do estudo de Oishi et al. (1998).

Percebe-se que o esporte, estabelecido como um fenômeno sócio-cultural que atravessa os tempos, pode ser encontrado em distintas eras, nos diferentes povos, sendo que seus atributos vão depender das características da sociedade na qual está inserido (GUTTMANN, 1979). Entretanto, no mundo atual é notável que as diferenças fisiológicas, técnicas e táticas estão tendendo a uma menor variabilidade no âmbito esportivo, em que o diferencial está em voltar-se para o processamento psicológico do atleta, para a sua capacidade de enfrentamento, tanto das circunstâncias de treino quanto as relacionadas às competições (MELO, 2008).

Abordando as questões psicológicas no esporte, pode-se observar que existe uma relação entre o perfil psicológico dos atletas dos jogadores de futebol e suas funções em campo (AMARAL; MELO; GIAVONI, 2010), bem como a existência de características psicológicas especiais e únicas em atletas brasileiros de alto rendimento quando comparados com uma amostra de não-atletas (BARA FILHO; RIBEIRO; GARCIA, 2005).

Em se tratando de esporte, percebe-se que a literatura aborda separadamente os constructos satisfação com a vida e satisfação com o esporte (GOMES; PEREIRA; PINHEIRO, 2008, GOMES; PAIVA, 2010; NASCIMENTO JR et al., 2011; RESENDE; GOMES; VIEIRA, 2013), *status* social subjetivo (GOULD; DIEFFENBACH; MOFFETT, 2001; STEWART et al., 2003; AGRESTA; BRANDÃO; NETO, 2008; MEDEIROS; FERRARI; CARDOSO, 2014), esquemas de gênero do autoconceito (GOMES, 2007; MARQUES, et al.; 2010; GOMES; SOTERO; GIAVONI; MELO, 2011) e o perfil idiocêntrico-alocêntrico (MELO; 2008; AMARAL; MELO; GIAVONI, 2010; MELO; GIAVONI, 2010).

Diante disto, o desafio do estudo é verificar se há uma possível associação do nível de satisfação com a vida, com os constructos acima citados e nas modalidades esportivas, para assim contribuir com o desempenho do atleta no esporte brasileiro, entendendo-o como um ser humano e não somente como uma máquina de resultados. Acredita-se que, quando o atleta é desenvolvido nos aspectos técnicos, táticos,

físicos e psicológicos, o rendimento dele será melhor na modalidade esportiva a qual pratica.

Espera-se também, que a presente análise desperte novos interesses para pesquisas, pois os constructos analisados apresentam vários fatores que não serão discutidos neste momento, mas também, são de suma importância para compreendermos melhor os aspectos psicossociais dos atletas brasileiros, inclusive delineando um novo perfil para eles dentro das modalidades esportivas analisadas.

Considerando todo o cenário apresentado, formula-se a seguinte questão problema: existe uma associação do nível de satisfação de vida de atletas catarinenses do sexo masculino e feminino com a satisfação com o esporte, o *status* social subjetivo, os esquemas de gênero, o perfil idiocêntrico-alocêntrico (Perfil I-A) nas modalidades esportivas praticadas?

## 1.2 OBJETIVOS

### 1.2.1 Objetivo Geral

- Avaliar uma possível associação do nível de satisfação com a vida de atletas catarinenses do sexo masculino e feminino com a satisfação com o esporte, o *status* social subjetivo, os esquemas de gênero do autoconceito e o Perfil I-A nas modalidades esportivas praticadas.

### 1.2.2 Objetivos Específicos

- Descrever as características referentes ao perfil sociodemográfico, econômico e esportivo de atletas catarinenses, nas modalidades esportivas individuais e coletivas.
- Descrever as características psicossociais, nível de satisfação com a vida, nível de satisfação com o esporte, *status* social subjetivo, esquemas de gênero do autoconceito e Perfil I-A de atletas catarinenses, nas modalidades esportivas individuais e coletivas.
- Descrever as modalidades esportivas de acordo com sua natureza, (coletiva, individual e neutra, cíclica, acíclica, complexa, não complexa) e sua identidade de gênero (masculina, feminina e neutra).

- Verificar o nível de satisfação com a vida de atletas catarinenses, segundo o sexo o nível de satisfação com o esporte, o *status* social subjetivo, os esquemas de gênero do autoconceito, o Perfil I-A e as modalidades esportivas individuais e coletivas.
- Verificar se há associações entre o nível de satisfação com a vida de atletas catarinenses segundo o sexo, o nível de satisfação com o esporte, o *status* social subjetivo, os esquemas de gênero do autoconceito, o Perfil I-A, e as modalidades esportivas individuais e coletivas.

### 1.3 QUESTÕES DE PESQUISA

As questões de pesquisa foram construídas a partir da literatura consultada para a realização do estudo. Cabe salientar que a escolha por questões de pesquisa e não hipótese se deve à natureza descritiva e exploratória desta (GAYA, 2008).

- 1- Qual o perfil sociodemográfico, econômico e esportivo dos atletas catarinenses participantes, do sexo masculino e feminino, nas modalidades esportivas individuais e coletivas?
- 2- Qual o nível de satisfação com a vida, nível de satisfação com o esporte, *status* social subjetivo, os esquemas de gênero do autoconceito e o Perfil I-A dos atletas catarinenses do sexo masculino e feminino nas modalidades esportivas individuais e coletivas?
- 3- Como as modalidades esportivas são categorizadas de acordo com sua natureza e identidade?
- 4- Qual o nível de satisfação com a vida segundo o sexo, o nível de satisfação com o esporte, o *status* social subjetivo, os esquemas de gênero do autoconceito e o Perfil I-A, nas modalidades esportivas individuais e coletivas?
- 5- Existem associações entre o nível de satisfação com a vida dos atletas catarinenses e o sexo, com a satisfação com o esporte, o *status* social subjetivo, os esquemas de gênero do autoconceito e o Perfil I-A, nas modalidades esportivas individuais e coletivas?

## 1.4 ESTRUTURA DA DISSERTAÇÃO

A dissertação foi estruturada em seis capítulos. O primeiro apresenta o tema, justificativa, os objetivos e o problema desta dissertação. O segundo aborda o referencial teórico, o qual está organizado em seis subcapítulos: a) Evolução Social; b) Satisfação com a Vida; c) *Status* Social Subjetivo (SSS); d) Esquemas de Gênero do Autoconceito; e) Idiocentrismo-Alocentrismo e f) O Mundo dos Esportes.

O terceiro capítulo enfatiza o desenvolvimento do estudo, a metodologia utilizada, a sua caracterização, os participantes, aspectos éticos, procedimentos para a coleta de dados, os instrumentos e variáveis e a análise de dados coletados em campo. O quarto capítulo apresenta os resultados alcançados no estudo, os quais são explicados de acordo com os objetivos do mesmo.

O quinto capítulo aborda a discussão dos achados, momento em que há um confronto dos resultados alcançados com a teoria e estudos anteriores. Finalizando, o sexto capítulo apresenta a conclusão desta dissertação, em relação ao tema e aos objetivos propostos.

Ressalva-se que os capítulos foram organizados pela própria autora, a fim de facilitar o entendimento do leitor no encadeamento dos constructos apresentados.

## 2 REVISÃO DE LITERATURA

Na perspectiva de apresentar uma literatura mais recente, buscaram-se, primeiramente, artigos e resumos publicados a partir do ano 2004, entretanto, foi necessário rever alguns estudos clássicos que alertaram para a temática, desenvolvidos em anos anteriores. Sendo assim, este capítulo será subdividido em seis momentos teóricos, os quais abordam os principais temas deste estudo.

Em um primeiro momento, será exposta a evolução social do homem e, após, uma síntese da obra de Norbet Elias (1994) “A sociedade dos indivíduos”, procurando demonstrar o processo de socialização que sofre o indivíduo, devido à relação indivíduo-sociedade.

No segundo momento, a revisão de literatura será voltada para as questões mais específicas do estudo, as quais serão analisadas e discutidas. Dar-se-á início pela satisfação com a vida e a satisfação com o esporte; na sequência, *status* social subjetivo, esquemas de gênero e perfil I-A, em que serão abordados alguns conceitos, pressupostos e estudos direcionados principalmente ao esporte.

Finalizando a revisão de literatura, serão apresentadas algumas questões relacionadas ao esporte, a evolução do mesmo perante o contexto social, a organização, o indivíduo atleta, a performance, a competitividade, enfim como o esporte evoluiu perante todas as modificações que ocorreram nos diferentes tempos na sociedade e como o mesmo se encontra na atualidade.

### 2.1 EVOLUÇÃO SOCIAL

Evoluir socialmente significa modificar-se constantemente, interagir com os outros em prol de um ideal, satisfazer suas necessidades em busca de condições para sua sobrevivência (ANDERY et al., 2000). Certamente, este movimento de interação é visto e interpretado de várias maneiras, dependendo do tempo, do espaço e da crença do indivíduo em relação às suas concepções.

Para Darwin (1985), a evolução ocorre sob dois pontos: um por nossos ancestrais semelhantes aos primatas até os seres humanos de uma forma "anatômica" ou biologicamente moderna, certificados como *Homo Sapiens* e, por um processo cultural e histórico, desde um passado primitivo da humanidade até a civilização. No entanto, para entender este processo torna-se necessário conhecer as principais correntes

teóricas que, de alguma forma, direcionaram o indivíduo na sociedade, desde seus primórdios.

Como uma das primeiras correntes, aborda-se a teoria filosófica-teológica, da qual o filósofo Hegel (1770-1831) é considerado um dos desbravadores. Para Hegel, o homem deve ser capaz de conhecer a Deus, pois, sem isto, ele perde a possibilidade de conhecer a verdade. Ele ressalta que o papel da religião cristã atinge dimensões profundas, a começar pela busca de todas as sociedades por explicações para o mundo e a vida, a qual possibilitou a expressão da verdade, uma vez que reconheceu na fé, de forma intuitiva, que a razão rege o mundo (FRANÇA, 2008).

Já as teorias comteanas, tendo Comte (1798-1857) como principal desbravador, formularam a célebre lei dos três estados: o teológico, o metafísico e o positivo, que demonstravam as diferentes etapas da evolução histórica, sendo que as passagens das concepções teológicas para as metafísicas e destas para as positivas sempre foram "revolucionárias", pois envolveram amplas visões de mundo. Segundo o teórico, a passagem das fases teológica e metafísica para a positiva é muito mais importante; ela consiste em passar do absolutismo filosófico para o relativismo, nisso consistindo a "revolução moderna" (LACERDA, 2009).

Com o passar dos tempos, surge a teoria crítico-científica da qual Marx (1818-1883) é um dos desbravadores. Defende que as relações entre os indivíduos era construída historicamente, descartando toda a herança que pressupunha a existência abstrata de uma "natureza humana" (SOUZA, 2010). Sua teoria teve uma grande influência no século XX, em que a economia era a chave para entender a sociedade, sendo o capitalismo o acontecimento mais importante da época (CHARON; VIGILANT, 2013).

Marx acreditava que o capitalismo criaria uma ordem mundial, um mundo no qual as sociedades e nações seriam dominadas por um mercado maior e mais poderoso, um sistema mundial capaz de criar liberdade e igualdade para os trabalhadores do mundo todo (CHARON; VIGILANT, 2013). De acordo com estes mesmos autores, a visão de Marx em relação à economia mundial está se realizando e, hoje, chamamos de economia globalizada a qual desenvolve uma estrutura, uma cultura e instituições próprias.

Friedman (2012) ressalta que o mundo tornou-se global devido à tecnologia que revolucionou a comunicação, a industrialização, o marketing, a informação e as práticas econômicas eficientes.

Atualmente, apesar de a atividade econômica ser a principal força de sustentação da conectividade global, o mundo está conectado pela economia, cultura e política (LECHNER; BOLI, 2014).

Além de Hegel, Comte e Marx, outros autores como Durkheim, Max Weber, Aristóteles, Habermas também contribuíram de alguma forma para explicar este processo social. Em uma visão mais recente, Elias (1994) em sua obra “A sociedade dos indivíduos” procura demonstrar o processo de socialização que sofre o indivíduo a partir da relação dele nas suas interações com a sociedade.

Inicialmente, Elias (1994) expõe que a sociedade somos todos nós. Ela é uma porção de pessoas juntas, porém essa reunião de pessoas não fora planejada por nenhum indivíduo. O autor ressalta que, para compreender o que vem a ser a sociedade, é necessário acompanhar a historicidade de cada indivíduo, passando por seu nascimento e crescimento até chegar à fase adulta. Para Elias, o homem é um ser social que depende da companhia de outras pessoas. Quando se tenta separar o indivíduo da sociedade para analisar seus conceitos e estruturas, percebe-se que o desenvolvimento de um está intimamente ligado ao outro e, mais ainda, sua dissociação é impossível. Nota-se isto quando as pessoas estabelecem para si diferentes objetivos em que “*a sociedade é o objetivo final e o indivíduo é o meio*” ou “*o indivíduo é o objetivo final e a união dos indivíduos numa sociedade é apenas um meio para seu bem-estar*” (p. 18). Com isso, se o indivíduo é moldado pela sociedade, o mesmo também irá moldar as suas relações com os demais, dependendo do contexto em que está inserido, seja por meio da economia, política, religião ou da cultura.

Ainda segundo Elias (1994), hoje a vida social é repleta de incoerências. As pessoas estão em um movimento constante que aparenta certa liberdade, contudo, na medida em que cada um tem uma função, um trabalho, uma tarefa, um lugar específico, proporcionando-lhe uma renda como resultado, há certo tipo de comportamento esperado. É a partir deste comportamento que o indivíduo busca adquirir uma melhor satisfação com a vida e um melhor *status* na sociedade, constructos estes, a serem vistos na sequência deste estudo.

## 2.2 SATISFAÇÃO COM A VIDA E COM O ESPORTE

Atualmente, vem se discutindo muito na área acadêmica, o tema bem-estar subjetivo (BES) como uma nova visão dentro da área da psicologia (NORIEGA et al, 2003), o qual pode ser influenciado por

variáveis como idade, gênero, nível socioeconômico e cultural (GIACOMONI, 2002).

O BES é constituído por dois componentes: afetivo e cognitivo. O componente afetivo relaciona-se aos aspectos emocionais, os quais podem ser de caráter positivo<sup>1</sup> ou negativo<sup>2</sup> (DIENER, 1984) e o componente cognitivo refere-se aos aspectos intelectuais acerca da satisfação com a vida (PAVOT et al, 1991; DIENER, et al., 1999; DIENER; BISWAS-DIENER, 2000).

Gouveia, et al. (2009) demonstraram, em grande amostra brasileira, que a satisfação com a vida se correlaciona positivamente com os aspectos positivos e negativamente com os aspectos negativos e apesar destes componentes se correlacionarem entre si, representam constructos diferentes (DIENER et al, 1985).

Partindo deste pressuposto, a discussão a seguir, neste sub-capítulo, será voltada para o componente cognitivo: a satisfação com a vida, a qual é um fenômeno complexo por se tratar de um julgamento de alguns domínios do indivíduo, como moradia, saúde, trabalho, entre outros (ALBUQUERQUE; TRÓCCOLLI, 2004; JOIA, RUIZ, DONALISIO, 2007), bem como por um processo de juízo e avaliação geral da própria vida (EMMONS, 1986).

Quando se trata de julgamento, torna-se necessário entender que ele depende de uma comparação entre as circunstâncias de vida do indivíduo e um padrão por ele estabelecido (ALBUQUERQUE; TRÓCCOLLI, 2004), ou seja, remete-se também a uma comparação com o seu meio social, cultural e histórico (SCORSOLINI-COMIM; SANTOS, 2010, 2012).

Glatzer (1987) sugeriu, de acordo com a especificidade ou generalidade vivida, uma sub-divisão para a satisfação de vida em três sub-níveis: (a) nível de satisfação diante de características específicas das condições particulares de vida; (b) nível de satisfação com a totalidade de conteúdos particulares da vida e (c) nível de satisfação com a totalidade dos domínios gerais de vida, denominada, exclusivamente, satisfação de vida ou satisfação com a vida em geral ou, ainda, satisfação de vida como um todo (DIENER, 1984).

---

<sup>1</sup> Aspectos positivos: emoções agradáveis como amor, felicidade, orgulho (DIENER, 1984).

<sup>2</sup> Aspectos negativos: Emoções desagradáveis como angústia, depressão, ansiedade (DIENER, 1984).

No entanto, quando o foco é o atleta, a satisfação é entendida como “*um estado afetivo positivo resultante de um processo complexo de avaliação de estruturas, processos, e resultados associados à experiência desportiva*” (CHELLADURAI; RIEMER, 1997, p. 135). Na realidade, este conceito traduz o nível de encontro entre o que é vivenciado pelo atleta e seus padrões de exigência (BORREGO et al., 2010). Ela pode estar associada aos resultados, aos padrões de melhorias pessoais nos esportes (GAUDREAU, et al., 2008), bem como com a qualidade de vida ou a maneira como o atleta percebe e administra sua carreira esportiva<sup>3</sup> (RIEMER; CHELLADURAI, 1998).

No contexto esportivo, a satisfação como área de estudo vem despertando um grande interesse de pesquisadores, principalmente, pelo fato de os treinadores acreditarem que o desempenho e a satisfação estão relacionados, já que a participação do atleta é basicamente voluntária e a satisfação parece ser um pré-requisito para que eles desempenhem o máximo de seu potencial (RIEMER; CHELLADURAI, 1998).

Segundo Gaudreau et al. (2008), a melhora no nível de satisfação com a vida de atletas estaria relacionada com os resultados desportivos. Corroborando com esta idéia, Chelladurai; Riemer (1997) ressaltam que nas experiências desportivas os processos conduzem a resultados que, por sua vez, levam à satisfação e que, tanto os processos como os resultados podem ser associados ao indivíduo ou à equipe, podendo estes serem orientados para a tarefa ou para o social.

Cabe destacar que o nível de satisfação pode influenciar no grau de coesão de uma equipe, levando-a a um melhor desempenho e sucesso da mesma (CARRON et al., 2002; FREITAS et al., 2009). Em relação a estas variáveis, Nascimento Júnior et al. (2011) realizou um estudo com atletas de futsal e as equipes que apresentaram melhores níveis de satisfação pessoal também apresentaram melhores percepções de coesão de grupo, o que leva os técnicos a ficarem mais atentos à satisfação de seus atletas.

De acordo com Diener e Biswas-Diener (2000), na área de psicologia há vários aspectos ligados às modalidades esportivas como: motivação (ALMAGRO; CONDE, 2012; MAUREIRA, 2014), liderança (EYS; LOUGHEAD; HARD, 2007; LOPES; SAMULSKI; SILVA,

---

<sup>3</sup> Carreira Esportiva é entendida como a prática voluntária e plurianual de uma atividade esportiva escolhida pelo atleta com o objetivo de alcançar altos níveis de desempenho em um ou vários eventos esportivos (ALFERMANN & STAMBULOVA, 2007, apud MARQUES; SAMULSKI, 2009).

2007; GOMES; PAIVA, 2010; RESENDE; GOMES; VIEIRA, 2013), liderança e coesão (GOMES; PEREIRA; PINHEIRO, 2008), ambiguidade (EYS, et al., 2003), ansiedade, autoconfiança e BES (FERNANDES; RAPOSO; FERNANDES, 2012), competitividade (HARRINGE; LINDBLAD; WERNER, 2004; HARRINGE; RENSTRÖM; WERNER, 2007), entre outros são focos de estudos que buscam melhorar o desempenho do atleta.

Para mensurar o constructo satisfação com a vida Diener et al. (1985) propôs a *Satisfaction With Life Scale-SWLS*, que apresenta itens de natureza global e tem como propósito avaliar a forma como as pessoas se julgam acerca do quanto estão satisfeitas com suas vidas, tendo em conta seus próprios interesses e valores. Ela é uma escala unifatorial, simples e breve (PAVOT et al., 1991; PAVOT; DIENER, 1993) de ser respondida e suas qualidades psicométricas já foram avaliadas em amostras brasileiras (GOUVEIA, V. V. et. al., 2003; OLIVEIRA; COSTA; RODRIGUES, 2008).

A escala de satisfação com a vida (ESV) pode ser aplicada para várias populações, entre elas, praticantes de exercícios físicos (TORREGROSA; BELANDO; MORENO-MÚRCIA, 2014), estudantes (MORALES et al., 2011; LUNA-BERNAL, 2012; SERAFINI; BANDEIRA, 2011), adultos (GONÇALVES; KAPCZINSKI, 2008; SOUZA; DUARTE, 2013; COIMBRA; MENDONÇA, 2013; DIAZ et al., 2013; BREDEMEIER et al., 2014), bombeiros (GOMES; TEIXEIRA, 2013), universitários (ALBUQUERQUE et al., 2006; REMOR; GOMÉZ, 2012), MATTA; BIZARRO; REPPOLD, 2009; NUNES; HUTZ; GIACOMONI, 2009; BARDAGI; HUTZ, 2010; ZANON et al., 2013, MACHADO; BANDEIRA; PAWLOWSKI, 2013), casais (SCORSOLINI-COMIM; SANTOS, 2010; 2011), portadores de necessidades especiais (OLIVEIRA; COSTA; RODRIGUES, 2008; RESENDE; GOUVEIA, 2011), idosos (GUEDEA et al. 2006; FIGUEIREDO; LIMA; SOUSA, 2009; ALBUQUERQUE; SOUSA; MARTINS, 2010; YASSUDA; SILVA, 2010), RESENDE et al., 2010), médicos (GOUVEIA et al., 2005), militares (AFONSO; GOMES, 2009), professores universitários (NUNES et al., 2014), professores do Ensino Fundamental (FONSECA; CHAVES; GOUVEIA, 2006), adolescentes (AVANCI et al., 2007; BANDEIRA; ARTECHE; REPPOLD, 2008; BUENO; STRELHOW; CÂMARA, 2010; SEGABINAZI et al., 2010; 2012), cuidadores sociais (KALITERNA; PRIZMIC; ZGANEC, 2004), atletas (FERNANDES; RAPOSO; FERNANDES, 2012), entre outros.

Porém, percebe-se que a maioria dos estudos que abordam o constructo em questão no contexto esportivo (EYS et al., 2003; LOPES; SAMULSKI; SILVA, 2007; EYS; LOUGHEAD; HARD, 2007; GOMES; PAIVA, 2010; NASCIMENTO JR et al., 2011; RESENDE; GOMES; VIEIRA, 2013) utilizam o Athlete Satisfaction Questionnaire (ASQ), instrumento multidimensional, desenvolvido por Riemer e Chelladurai (1998) que avalia a satisfação dos atletas com a sua experiência desportiva. O mesmo é constituído por 15 dimensões que, para os autores, representam os fatores mais relevantes para a satisfação do atleta.

Lopes et al. (2007) analisaram quatro das dimensões do ASQ e associaram a liderança na população brasileira, designando de ASQ – versão liderança, e este instrumento foi validado e adaptado para a versão portuguesa por Borrego et al. (2010).

Indiferente do método de avaliação da satisfação com a vida, a mesma é subjetiva e reflete as expressões de cada pessoa quanto aos seus próprios critérios de satisfação como um todo e também em domínios específicos como saúde, trabalho, moradia, relações sociais e outros (RESENDE et al., 2006; SCORSOLINI-COMIN; SANTOS, 2010).

### 2.3 STATUS SOCIAL SUBJETIVO

*Status* é uma característica fundamental das relações sociais e está presente em muitos grupos e organizações (MEDEIROS; FERRARI; CARDOSO, 2014). Ele pode ser visto sob duas formas: *status* subjetivo, em que o indivíduo se percebe frente ao grupo, compreendendo o sentimento de pertencimento a algum estrato na sociedade e *status* social, que é o consenso do grupo sobre este indivíduo (MORRIS, 1967; JACKMAN; JACKMAN, 1973). O social é marcado pela presença da hierarquia que pode ser representada por uma escala analógica contínua, do “melhor” para o “pior” (MACLEOD et al., 2005).

A partir dos conceitos acima, considera-se a definição de *status* social subjetivo como a crença de uma pessoa sobre sua localização, numa ordem de *status* (Davis, 1956), em que os indivíduos usam critérios subjetivos (por exemplo, o reconhecimento) para fazer julgamentos sobre o seu próprio *status* social (SINGH-MANOUX; ADLER; MARMOT, 2003). Estes critérios são percebidos em alguns estudos (OPERÁRIO; ADLER; WILLIAMS, 2004; GONG, et al., 2011;

SANCHÓN-MACIAS et al., 2015), em que os indivíduos que desenvolveram melhor *status*, eram propensos a ter renda mais elevada, níveis mais elevados de escolaridade e uma ocupação melhor.

Já os indivíduos que apresentaram condições de vida precárias, comportamentos não saudáveis, bem como dificuldades de acesso à assistência médica (WILKINSON; PICKETT, 2008; BELON; BARROS; MARÍN-LÉON, 2012), eram propensos a desenvolverem um baixo *status*. Nota-se isso no estudo sobre o efeito do *status* socioeconômico (SES), associado ao controle de peso corporal para melhora da saúde de crianças e adolescentes (ODEA; CAPUTI, 2001), em que os autores encontraram que os meninos com um *status* socioeconômico baixo eram significativamente mais propensos a sofrerem com excesso de peso do que as meninas, principalmente porque eles eram menos propensos a receber aconselhamento dietético ou um controle de peso.

Crosnoe; Frank; Mueller (2008) ressaltam que a valorização do tamanho corporal, bem como a origem de sua raça são valores de fundamental importância na construção de hierarquia e *status* social. Tanto é que possuir um corpo esteticamente bonito para os padrões da sociedade atual é garantia de sucesso nos relacionamentos interpessoais.

Por outro lado, Adler et al. (2000) destacam que as crenças subjetivas das pessoas sobre seu *status* social pode ser mais consistente e fortemente relacionada à saúde em geral do que as objetivas, que são apenas indicadores do *status* social. Porém, Macleod et al. (2005) discordam deste achado, pois em seu estudo com ambas medidas verificaram que o social objetivo, principalmente no início da vida, é mais determinante para a saúde do que o *status* relativo (SING-MANOUX; MARMOT; ADLER, 2005).

Referindo-se à saúde, a literatura aponta que os indivíduos que apresentam menores propensões às doenças desenvolvem um grau de *status* social subjetivo mais elevado em relação àqueles propensos a adquirir doenças mais facilmente (FRANZINI; FERNANDEZ-ESQUER, 2006; DEMAKAKOS, et al., 2008). Neste cenário, um dos fatores em que o *status* pode afetar a saúde, em parte, é o psicológico (como por exemplo, os sentimentos de ansiedade, estresse e da desigualdade) que, quando relacionado com percepções de relativamente baixo *status* social, pode estar associado com as respostas fisiológicas que influenciam a saúde (ADLER et al., 2000).

Devido a isso, a Escala MacArthur de *Status Social Subjetivo* foi desenvolvida para resolver estes problemas e avaliar a percepção dentro da hierarquia social entre adultos (ADLER et al., 2000). Esta escala tem sido usada em vários estudos com adultos, e os resultados apontam que o *status* subjetivo está relacionado a uma série de indicadores de saúde, incluindo a saúde debilitada, auto-avaliação, a mortalidade mais alta, depressão, risco cardiovascular, diabetes e doenças respiratórias. Cita-se como exemplo o estudo com funcionários públicos britânicos (SINGH-MANOUX; MARMOT; ADLER, 2005), com mulheres grávidas (OSTROVE et al., 2000), idosos (HU, et al., 2005; WRIGHT; STEPTOE, 2005).

Porém, esta escala foi modificada por Goodman et al. (2001) para atender um indicador específico para adolescentes, pois a mesma, para adulto, apresenta indicadores voltados à educação, renda e ocupação que não são apropriados para este público devido ao fato de muitos não serem financeiramente independentes. Assim, passou a ser identificada por Escala MacArthur do *Status Social Subjetivo* versão Jovem e tem como indicador o *status* da família na sociedade e o *status* do adolescente na comunidade escolar, além do *status* perante os colegas (GOODMAN, et al, 2001). Esta escala apresenta uma flexibilidade que é considerada um componente importante, uma vez que avalia as percepções individuais e não os posicionamentos objetivos (GOODMAN et al., 2003). Dessa forma alguns estudos foram desenvolvidos com adolescentes no Centro-Oeste dos Estados Unidos (GOODMAN, et al., 2001; GOODMAN et al., 2003) e no contexto brasileiro (MEDEIROS; FERRARI; CARDOSO, 2014).

Além das questões de saúde, esse atributo também é evidenciado no esporte, sendo que alguns aspectos são determinantes para o *status* social no contexto esportivo, tais como: o tamanho corporal, a idade e o tempo em que está no clube, associação esportiva, o suporte familiar, o convívio com os amigos, a motivação e o encorajamento dado por treinadores, estrutura do clube, o uso de testosterona, entre outros (PERES; LOVISOLO, 2006; EDWARDS; WETZEL; WYNER, 2006; CROSNOE; FRANK; MUELLER, 2008; LEVANDOSKI, 2009).

Levando em consideração os aspectos citados acima, o atleta desenvolve uma trajetória esportiva<sup>4</sup>, a qual apresenta características

---

<sup>4</sup> Trajetória esportiva: mudança de uma das fases da carreira para outra fase, acompanhada por concomitantes mudanças nas características psicológicas e

diferenciadas pelo perfil do atleta, pela cultura organizacional da modalidade esportiva e pelo ambiente socioeconômico em que estão inseridos (MARQUES; SAMULSKI, 2009). Como o ambiente leva o atleta a se inserir no grupo e relacionar-se socialmente, a ligação de amizade, de aceitação do grupo, de louvor ao treinador, as orientações de prazer, percebidas na competência física e da motivação intrínseca são relevantes quando consideradas ao lado das orientações de tarefa e ego (STUNTZ; WEISS, 2009). Contudo, o fato de em uma mesma equipe existirem elementos orientados para tarefa e o ego, ou elementos de convivência com os amigos, pode levar alguns atletas ao abandono da prática desportiva regular por desmotivação, desinteresse ou aborrecimento (CARDOSO, 2004).

O futebol, por exemplo, é considerado um fenômeno de socialização, utilizado como transmissor dos valores da comunidade na qual o atleta está inserido, visto que agrega aspectos sociais resultantes das interações dos vários agentes (família, colegas de equipe, treinadores) com quem o atleta se relaciona (MARQUES, 2005). No entanto, torna-se necessário a comissão técnica estar atenta, pois também se nota que alguns atletas sofrem consequências diante da pressão psíquica e social exercida pelo jogo (FREITAS et al., 2009).

Nesta perspectiva, quando analisado o *status* de acordo com as posições dos jogadores no futebol, Medeiros; Ferrari e Cardoso (2014) observaram que os goleiros apresentam maior *status* social subjetivo da família na sociedade do que os laterais, meio-campistas e atacantes. Os autores salientam, ainda, que existe um alto índice de insatisfação com o *status* social subjetivo entre os atletas, tanto no clube quanto na categoria, independente da posição, talvez por viverem em um ambiente extremamente competitivo, o que leva à busca por um melhor *status*.

Além disso, tal insatisfação pode estar relacionada com a restrição das experiências dos atletas, dos seus relacionamentos interpessoais e pela própria vivência de papéis, o que dificulta o desenvolvimento em outros domínios, podendo, assim, afetar no *status* de identidade<sup>5</sup> dos atletas e na comunidade do ciclo de vida (VISSOCI, 2009).

---

sociais do atleta e da necessidade de recursos para lidar com cada momento (AGRESTA; BRANDÃO; NETO, 2008)

<sup>5</sup> Identidade remete a um conjunto de valores, crenças e metas aceitas pelo indivíduo e marcadas pelo seu comprometimento com as mesmas (ERIKSON, 1968. In: VERÍSSIMO, R., 2002).

Esses achados vêm ao encontro do estudo de Magee; Galinski, (2008) quando os mesmos acreditavam que o ambiente esportivo de rendimento é permeado por relações constantes de hierarquia e liderança, o que leva os atletas sempre a buscarem ser os melhores dentro de campo, bem como obter reconhecimento e *status* nos outros ambientes que os circundam. Cabe destacar que, na sociedade brasileira, o atleta é valorizado por manter-se ativo, pelo cargo que exerce e pela posição social que ocupa (AGRESTA; BRANDÃO; NETO, 2008). Desta forma, pode-se afirmar que o *status* sofre modificações de acordo com o momento de vida do indivíduo (BERZONSKI; KUK, 2005).

Em relação ao ambiente familiar, a análise da formação e o desenvolvimento dos atletas de elite, a partir de sua trajetória esportiva, confirmam que a família, tanto no aspecto de orientação à prática esportiva quanto no suporte emocional e financeiro independentemente do estilo de vida do grupo familiar é o agente social que mais contracena com o atleta, portanto o principal coadjuvante neste processo (DURAND-BUSH; SALMELA, 2002; GOULD; DIEFFENBACH; MOFFETT, 2001). A questão familiar também é notada nos estudos em que os atletas declararam que apresentam como principais suportes de sustentação para o esporte a família, os amigos, professores e técnicos (RECH et al., 2003).

Outra questão abordada no meio esportivo com relação ao *status* refere-se à sua associação com alguns fatores dos esquemas de gênero do autoconceito. Medeiros, Ferrari e Cardoso (2014), em seu estudo com jogadores de futebol, fizeram esta associação e concluíram que a racionalidade, o egocentrismo, a sensibilidade, a integridade e a emotividade estão relacionadas ao *status* social subjetivo dos jogadores no clube, bem como os fatores racionalidade, sensibilidade, integridade e ousadia estão relacionados à percepção de *status* subjetivo dos jogadores das diferentes posições no que diz respeito ao *status* na categoria.

Para melhor entender esta relação, apresentar-se-ão questões referentes aos esquemas de gênero e seus principais pressupostos.

## 2.4 ESQUEMAS DE GÊNERO DO AUTOCONCEITO

A questão de gênero, apontada na literatura, é discutida nas mais diversas áreas de conhecimento, como educação, psicologia, sociologia, antropologia. Entretanto, sabe-se que por volta de 1970, o termo gênero começou a ser utilizado como um conceito que indica a

rejeição ao determinismo biológico implícito no uso de termos como sexo ou diferenciação sexual (CARDOSO; SACAMORI, 2012). Em relação a esta diferenciação, Money (1998), deixa claro que ser macho ou fêmea, ou ainda intersexo, são categorias que se estruturam a partir do critério da genitália com a qual o indivíduo nasceu. O gênero é algo singular e não-plural, uma medida de masculinidade e feminilidade, com duas dimensões que irão estruturar categorias como masculino, feminino e/ou andrógino. Desta forma, os indivíduos caracterizados por sexo processam as informações recebidas em termos de definições de masculinidade e feminilidade, as quais já se encontram estruturados na sociedade e se fazem presentes em todas as culturas (BEM, 1981; MARKUS et al., 1982). Os papéis de gênero são expectativas relacionadas ao modo como os indivíduos de cada sexo devem se comportar. Assim, pode-se encontrar, na sociedade, um conjunto de idéias concernentes à natureza da masculinidade e feminilidade (FORMIGA; CAMINO, 2001).

Bem (1974), desenvolveu um inventário, o *Bern Sex-Role Inventory* (BSRI), que trata masculinidade e feminilidade como duas dimensões independentes. Com a finalidade de avaliar os papéis sexuais, classificou o indivíduo em masculino, feminino e andrógino. Por meio deste inventário, Bem (1974) concluiu que as dimensões da masculinidade e feminilidade são empírica e logicamente independentes e que o conceito de androginia psicológica é fidedigno e está definido operacionalmente pela obtenção, de índices altos ou de índices baixos, em ambas as escalas de masculinidade e/ou feminilidade. Bem (1974) também concluiu que os escores altamente tipificados sexualmente refletem uma tendência específica para se autodescrever em concordância com os padrões de comportamento desejáveis para homens e mulheres e não uma tendência geral para responder em uma direção socialmente desejável.

Formiga; Camino (2001) estudaram as dimensões de masculinidade e feminilidade utilizando-se o BSRI e reconheceram a competência deste inventário para medir estereótipos vinculados ao sexo. Na cultura brasileira, este instrumento foi revisado e readaptado por Hutz; Koller (1992), os quais apresentaram uma nova lista de adjetivos para compor as três subescalas: masculinidade, feminilidade e neutra.

Os estudos também mostram que o BSRI pode ser aplicado com homens e mulheres (HERNANDEZ, 2009), mulheres grávidas (HERNANDEZ; HUTZ, 2008), crianças (PASSOS, 2010), professores

de Educação Física (HERNANDEZ; OLIVEIRA, 2006), casais homo e heterossexuais (HERNANDEZ; SOARES, 2013), crianças e adolescentes (CARLO; KOLLER, 2012), estudantes (HARRISON; LYNCH, 2005), atletas e não atletas (GIAVONI, 2002; KOCA; ASÇI; KIRAZCI, 2005; WILINSKI, 2012; RUBINSTEIN; LANSISKY, 2013).

Segundo Giavoni (2000), para uma melhor compreensão de masculinidade e feminilidade por meio dos esquemas, Bem (1981) e Markus (1977) formularam duas teorias: A Teoria dos Esquemas de Gênero e a do Auto-Eschema.

A Teoria dos Esquemas de Gênero está relacionada ao processo de tipificação sexual e é resultante de uma esquematização baseada no gênero, sendo o autoconceito<sup>6</sup> assimilado pelo esquema de gênero, classificando o indivíduo em esquemáticos, sujeitos tipificados sexualmente e não-esquemáticos, sujeitos que apresentam uma tendência de sexo cruzado (BEM, 1981).

Na Teoria do Auto-Eschema, os esquemas de gênero são partes constitutivas do autoconceito, resultantes da estruturação de conceitos, teorias, valores e experiências que o indivíduo obtém ao longo da vida no contato com o meio sócio-cultural. Isto faz com que os indivíduos apresentem diferenças em relação aos esquemas de gênero, podendo existir aqueles com esquema masculino (EM), com esquema feminino (EF), com os dois esquemas e os aesquemáticos (MARKUS, 1977). Porém, ambas as teorias apresentam constructos teóricos semelhantes, e não contraditórios, indiferentes das suas concepções teóricas (BEM, 1982).

Alicerçados na Teoria do Auto-Eschema, Giavoni; Tamayo (2000) desenvolveram um instrumento psicométrico para avaliar os esquemas de gênero do autoconceito, denominado de Inventário dos Esquemas de Gênero do Autoconceito (IEGA), o qual foi aplicado em uma amostra de universitários, composta por 1.175 sujeitos, com faixa etária média de 22 anos, sendo 592 do sexo masculino. Neste instrumento Giavoni; Tamayo (2000) extraíram quatro fatores provenientes do conceito masculinidade, que representam aspectos da subjetividade social e que estão estruturados na subjetividade individual compondo o EM e um fator de segunda ordem. São eles: negligência, racionalidade, ousadia, agressividade e o fator indiferença que é de

---

<sup>6</sup> Autoconceito - são estruturas de cognições bem organizadas a respeito de uma entidade social como uma pessoa, um grupo, um papel, uma situação (MELO, 2008).

segunda ordem. Para a escala feminina estes autores extraíram os seguintes fatores os quais compõe o EF: tolerância, insegurança, sensualidade, emotividade, responsabilidade e um fator de segunda ordem, a sensibilidade.

Percebe-se na literatura que o IEGA foi utilizado para avaliar o autoconceito de indivíduos universitários (GIAVONI; TAMAYO, 2000; RIGGOTTO, 2006), adolescentes escolares, (SALDANHA; OLIVEIRA; AZEVEDO, 2011), trabalhadores brasileiros e angolanos (GONDIM et al., 2013) e atletas (MELO; GIAVONI; TRÓCCOLI, 2004).

A partir deste instrumento e das estruturas fatoriais das escalas masculina e feminina do IEGA, Giavoni e Tamayo (2003) elaboraram e validaram o Inventário Masculino dos Esquemas de Gênero do Autoconceito (IMEGA) para avaliar os EM e EF do autoconceito dos indivíduos do sexo masculino. Porém, segundo estes autores, no IMEGA, apenas três fatores da escala masculina representam os aspectos da masculinidade estruturados no *self*, comparados ao IEGA. São eles:

- **Fator Egocentrismo:** que reúne os fatores agressividade e indiferença do IEGA e focaliza o eu como centro de todo o interesse. Além disto, avalia comportamentos relacionados à agressividade, autoritarismo, insensibilidade, negligência e a incapacidade do indivíduo de aceitar condições, opiniões e atitudes divergentes daquelas esperadas e desejadas por ele.

- **Fator Ousadia:** avalia comportamentos relacionados à ousadia de submeter-se a novos desafios, à coragem e determinação de lutar pelos desejos e ideais, à capacidade de adaptar-se às situações e à busca do prazer individual.

- **Fator Racionalidade:** este fator enfoca a razão, enquanto instrumento que permite ao *self* explorar e compreender o seu ambiente, conhecer e relacionar objetos e/ou idéias, medir e calcular, refletir, deduzir, considerar, discorrer e expressar-se.

Já na escala feminina cinco fatores representam os aspectos da feminilidade estruturados no *self* (GIAVONI; TAMAYO, 2003), são eles:

- **Fator Integridade:** reúne os fatores responsabilidade e tolerância do IEGA e focaliza os princípios e valores que regem a conduta do *self*. Avalia valores individuais condizentes com as normas sociais, tais como: moralidade, integridade, lealdade e honestidade; e valores

coletivistas de preocupação e interesse pelo bem-estar alheio, tais como: respeito, gratidão e bondade.

- **Fator Sensualidade:** focaliza a auto-imagem e sua influência na interação com os outros e avalia aspectos somáticos, sensoriais e estéticos do *self*, traduzidos na preocupação com a imagem e a aparência física, no poder de sedução, capacidade de envolver o(s) outro(s) e necessidade de causar boa impressão.

- **Fator Insegurança:** este fator focaliza a insegurança e a dependência do *self*, em relação às opiniões e expectativas dos outros.

- **Fator Emotividade:** avalia o compartilhamento e comprometimento afetivo do *self*, a livre expressão das emoções e dos sentimentos, bem como a delicadeza do sentir, refletidos no comportamento e atitudes diárias.

- **Fator Sensibilidade:** este, de segunda ordem, reúne os fatores tolerância, responsabilidade e emotividade do IEGA, focalizando um aspecto subjacente a estes fatores. É a sensibilidade do *self* que procura traduzir, em comportamentos, os seus princípios e valores pessoais.

Giavoni; Tamayo (2003) destacam que o IMEGA foi aplicado em 592 estudantes universitários, com faixa etária média de 22,23 anos. Os autores concluíram que como os constructos sociais de masculinidade e feminilidade, os EM e EF que compõem o autoconceito dos homens são formados por estruturas multidimensionais e caracterizam aspectos individualistas e coletivistas do *self*, respectivamente.

Dentro da mesma perspectiva do IMEGA, porém baseado na estrutura fatorial obtida para as mulheres, Giavoni; Tamayo (2005) elaboraram e validaram o Inventário Feminino dos Esquemas de Gênero do Autoconceito (IFEGA). Para validar este instrumento foi utilizada uma amostra de 583 estudantes universitárias, com faixa etária média de 21,75 anos.

No IFEGA, os fatores extraídos para a escala masculina representam, na subjetividade individual, aspectos da masculinidade enquanto construto da subjetividade social. Neste sentido pode-se afirmar que o EM das mulheres é composto pelos fatores (GIAVONI; TAMAYO, 2005):

- **Negligência** - focaliza aspectos de irresponsabilidade, negligência e despreocupação em relação à vida e aos compromissos sociais.

- **Egocentrismo:** baseado no IMEGA (GIAVONI; TAMAYO, 2003).

- **Arrojamento:** enfoca comportamentos que avaliam a capacidade de submeter-se a novos desafios, a busca da originalidade e da liderança,

assim como avalia comportamentos condizentes com o uso da razão, tais como: praticidade, objetividade, determinação e lógica.

De igual forma, os fatores extraídos para a escala feminina que representam o EF das mulheres é formado pelos seguintes fatores (GIAVONI; TAMAYO, 2005):

- **Sensualidade:** baseado no IMEGA (GIAVONI; TAMAYO, 2003).

- **Inferioridade:** este fator avalia características que vão da dependência, insegurança, indecisão e timidez à malícia, interesse, rancor, vingança, inveja, desconfiança e falsidade.

- **Ajustamento Social:** avalia a moralidade, lealdade, fidelidade, honestidade e responsabilidade, bem como os aspectos coletivistas de preocupação pelo bem-estar alheio, sensibilidade e compartilhamento da dor e do sofrimento dos outros.

Giavoni; Tamayo (2005), concluíram no IFEGA que, como os constructos sociais de masculinidade e feminilidade, os EM e EF que compõem o autoconceito das mulheres são formados por estruturas multifatoriais. Contudo, os fatores que compõem a escala masculina (EM) possuem características mais individualistas do que aqueles que constituem a escala feminina (EF), cuja composição é mais coletivista.

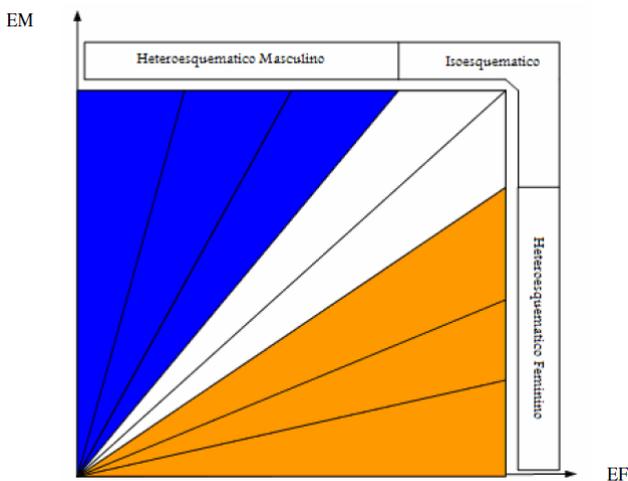
Giavoni (2000) acredita que todos os indivíduos são portadores de dois esquemas, porém variam de acordo com o desenvolvimento e à proporcionalidade. E, diante da interação entre os pares opostos, EM e EF do autoconceito, ela propõe o Modelo Interativo, o qual busca avaliar constructos bidimensionais, no nível cultural e individual, sendo que o cruzamento dos pares opostos resulta em três variáveis matemáticas: ângulo, distância e intensidade de interação que, psicologicamente, explicam as diferenças perceptivas, cognitivas, afetivas e comportamentais (GIAVONI, 2000; GIAVONI; TAMAYO, 2010).

Em termos psicológicos, a variável ângulo determina que indivíduos com predomínio de um constructo sobre o outro tenderão a: a) memorizar atributos relativos ao constructo dominante; b) engajar em comportamentos consistentes ao constructo dominante e evitar comportamentos consistentes ao domínio do esquema rudimentar; c) ter a percepção dos eventos regida pelo constructo dominante, dentre outros aspectos. No entanto, indivíduos que apresentam simetria entre os constructos tenderão a memorizar, engajar e perceber os eventos, utilizando-se tanto dos elementos que formam um constructo quanto do outro (MELO, 2008).

A partir do momento em que os indivíduos se posicionam no campo do modelo interativo, eles são denominados de ISOE; aqueles indivíduos que estão posicionados no campo central, os que se direcionam para o eixo **Y** são denominados de HM e os que se direcionam para o eixo **X**, denominados de HF (GIAVONI; TAMAYO, 2010), como mostra a figura 1.

Segundo Leite (2009) os indivíduos HM tendem a perceber e assimilar melhor os estímulos representativos da masculinidade, o que propicia respostas comportamentais condizentes com a estrutura do esquema dominante. Os indivíduos HF percebem e assimilam melhor os estímulos representativos da feminilidade e apresentam respostas cognitivas, afetivas e comportamentais consistentes com a estrutura deste esquema. E os indivíduos ISOE apresentam simetria no nível de desenvolvimento dos esquemas e tendem a apresentar respostas cognitivas, afetivas e comportamentais consistentes com a estrutura dos dois esquemas.

Figura 1 - Grupos Tipológicos dos Esquemas de Gênero do Autoconceito no Modelo Interativo



Fonte: MELO (2008); GIAVONI; TAMAYO (2010).

Em relação aos esquemas de gênero do autoconceito dos indivíduos, algumas diferenças são notáveis na literatura. Entre estas, cita-se um estudo em que mulheres HM diferem das ISOE e HF em relação à aquisição de força, de resistência e de força máxima. As HM apresentam maior ganho de força, o que está diretamente associado ao treinamento da musculação possuir fortes traços de masculinidade (MELO; GIAVONI; CUSTÓDIO, 2012).

E, quando observados homens e mulheres, atletas e não atletas em relação à tolerância da dor, observa-se que o grupo dos atletas (homens e mulheres) e os HM são mais tolerantes à dor do que os não atletas e os demais grupos tipológicos respectivamente. Isto ocorre devido às experiências esportivas do atleta e suas habilidades em lidar com a dor. Já a tolerância por parte dos HM é explicada visto que a masculinidade possui traços de tolerância à dor, superação de limites, coragem, força e perseverança (LEITE, 2009).

Além dessas populações, os esquemas de gênero também são percebidos nos estudos com idosos (VASCONCELOS, 2011), com estudantes universitários (BARBOSA, 2009; DAMASCENO et al., 2012), enfermeiras e portadoras de estoma intestinal (MEIRELES; CUSTÓDIO, 2011) e também no cenário esportivo como mostram os estudos abaixo.

Um estudo com jogadores de futsal profissional mostra que os HM apresentam maior fadiga quando comparados aos ISOE e HF, porque os HM tendem a imprimir maior potência nos tiros iniciais, esgotando suas reservas lácticas. Este resultado levou os autores a concluir que os diferentes perfis psicológicos adequam-se melhor ao desempenho de determinadas posições do jogo e/ou a determinadas situações específicas durante o jogo (GOMES, 2007). Já em relação à composição corporal, os grupos tipológicos não apresentam diferenças nos jogadores de futsal (GOMES; SOTERO; GIAVONI; MELO, 2011), porém estes autores corroboram com os resultados encontrados no estudo anterior sobre a fadiga, chegando, assim, à mesma conclusão sobre os diferentes perfis psicológicos.

Bara Filho; Ribeiro; Garcia (2005) complementaram estes achados, ressaltando que a “interação com a modalidade praticada, a posição no jogo em um esporte coletivo ou a distância em um individual, juntamente como o nível de performance e a possibilidade de sucesso no esporte”, devem ser levados em conta quando ao avaliar a personalidade dos atletas.

Quando comparados bailarinos com jogadores de futebol percebe-se que os bailarinos apresentam-se, na maioria dos fatores, mais próximos do autoconceito de androginia, afirmando o equilíbrio na presença de características femininas e masculinas. Contudo, na dança a utilização da sensualidade e dos movimentos suaves e delicados não implicam em homens com características predominantemente femininas (SOARES; ASSIS; SOUSA, 2005). Assim como os bailarinos apresentam um maior grau de androginia, Wilinski (2012) também detectou que a androginia está presente nas jogadoras de futebol feminino, o que provavelmente é uma estratégia eficaz para a sobrevivência em condições que não são adequadas em esportes típicos masculinos inadequados em termos de gênero, bem como os bailarinos na dança.

No entanto, quando avaliado o nível de estresse pré-competitivo de atletas classificados em grupos tipológicos de esquemas de gênero, observa-se que as mulheres apresentam maiores níveis de estresse do que os homens e que os HM apresentam menor estresse físico quando comparados aos demais grupos. Diante destes resultados, os grupos tipológicos permitem ampliar a compreensão da relação atleta, evento estressor, desde a perspectiva dos esquemas cognitivos (MARQUES et al., 2010).

Outro constructo que é de suma importância para definir um perfil psicológico, seja do atleta ou de qualquer outro indivíduo, está relacionado ao Idiocentrismo-Alocentrismo, o qual será abordado no próximo sub-capítulo.

## 2.5 IDIOCENETRISMO-ALOCENETRISMO

No intuito de esclarecer as questões do idiocentrismo e alocentrismo, este sub capítulo abordará alguns conceitos, pressupostos e estudos que dizem respeito a este assunto.

Quando se analisam traços que caracterizam a personalidade dos atletas, como por exemplo, extroversão, dominância, agressividade, controle emocional, autoconfiança, orientação ao rendimento, desejo de vencer, concentração, persistência, competitividade, entre outros, Melo; Giavoni (2010) questionam se eles não poderiam ser agrupados de tal forma que o atleta pudesse vir a ser estudado a partir de dimensões, o que vem caracterizando os estudos transculturais em psicologia, denominadas de Individualismo e Coletivismo.

Estes estudos iniciaram quando Hofstede (1980) formulou a teoria do individualismo-coletivismo, identificando o individualismo como um das quatro dimensões principais de variação cultural na organização de valores e práticas, além de constatar a existência de quatro fatores principais, que medem as relações interpessoais e hierárquicas, denominados de: Distância Hierárquica (percepção da autoridade, poder), Individualismo-Coletivismo (relação que o indivíduo possui no grupo), Masculinidade-Feminilidade (força relativa do masculino versus feminino) e Evitação de Incerteza (evitar a incerteza da sociedade sobre o imprevisível, grau de ameaça).

Esta teoria vem sendo discutida por meio das diferenças culturais encontradas nas sociedades, como por exemplo, as culturas simples (caçadores e coletores) ou complexas (sociedade da informação), as culturas individualistas (ocidentais, atributos pessoais internos) ou coletivistas (orientais, com deveres, obrigações que mantêm determinadas relações), sendo que as culturas podem se tornar mais individualistas, quanto mais complexas e afluentes forem às sociedades (TRIANDIS, 1989).

Triandis et al. (1985); Triandis (1989, 1995) quando se referem ao atributo pessoa, destacam que em ambas as culturas existem indivíduos individualistas e/ou coletivistas, sendo os indivíduos com traços individualistas denominados de Idiocêntricos (IDIO) e de Alocêntricos (ALO) os indivíduos com traços coletivistas.

O IDO apresenta autoconceito independente dos grupos os quais pertença, caracteriza-se pelo distanciamento emocional e preocupa-se mais com a realização do eu individual. Já o ALO enfatiza a integridade do grupo, recebe um apoio social nas suas ações, apresenta um autoconceito interdependente, valorizando a integridade da família e os laços de solidariedade com o grupo o qual pertença, (TRIANDIS et al., 1985; 1986; TRIANDS, 1989). Desta maneira, Triandis et al. (1990) assinala que a abordagem do coletivismo e individualismo associam-se às normas, papéis e valores que tipificam uma determinada cultura, enquanto a via preferencial de acesso ao idiocentrismo e alocentrismo devem ser as crenças, atitudes e autodefinições que configuram o indivíduo, relacionados à preocupação ou não-preocupação com o outro.

De acordo com Gouveia et al. (2002) o individualismo e o coletivismo passaram a ser tratados como bidimensionais nos estudos de Triandis; Gelfand (1998), em que uma pessoa pode obter altos ou baixos escores em ambas as dimensões ou alto em uma e baixo em outra, sendo, assim, concebidos como constructos multidimensionais.

Segundo Melo (2008), várias escalas foram elaboradas para medir o constructo do individualismo-coletivismo, entre elas a INDCOL (HUI, 1988), a *Self-Constructual Scale* de Singelis (1994), a *The Horizontal-Vertical Collectivism-Individualism Scale* (SINGELIS et al.; 1995), a escala composta por cenários (TRIANDIS; GELFAND, 1998), a Escala Multifatorial de Individualismo e Coletivismo (GOUVEIA et al., 2002).

De acordo com Triandis; Gelfand (1998) há uma infinidade de medidas para o individualismo e coletivismo, consistindo o teor do individualismo em quatro fatores: autosuficiência, concorrência, distância emocional dos grupos e hedonismo. Já o teor do coletivismo é composto por três fatores: interdependência, a integridade da família e a sociabilidade.

A partir de uma revisão de literatura realizada a respeito das escalas psicométricas idealizadas para avaliar o Individualismo-Coletivismo, Melo (2008), elaborou uma escala para avaliar o Perfil I-A em atletas, cujo principal objetivo foi de buscar um perfil psicológico de atletas brasileiros, baseando-se na teoria de individualismo e coletivismo. Nesta escala, o idiocentrismo foi subdividido em três categorias, denominadas de autorrealização e competitividade, hedonismo e distância emocional da equipe, enquanto o alocentrismo foi subdividido em interdependência e integridade da equipe.

Para classificar os atletas, em ISOC, HA e HI, Melo (2008) utilizou o mesmo Modelo Interativo aplicado aos esquemas de gênero do autoconceito proposto por Giavoni (2000), o qual consiste no pressuposto de que os pares de opostos são formados por constructos independentes e, portanto, bidimensionais.

De acordo com Melo (2008), os indivíduos HI valorizam a auto-realização, competitividade, poder, fama, *status* social, riqueza, hedonismo e gratificação pessoal, além de apresentarem maior distância emocional dos grupos. Estes atletas atingem suas metas utilizando-se de traços como racionalidade, objetividade, egocentrismo, praticidade e determinação. Já os indivíduos HA apresentam uma grande preocupação pela coesão e bem estar da equipe. Lealdade, fidelidade, submissão, responsabilidade e resignação são alguns traços valorizados por estes atletas. E, os indivíduos ISOC se destacam por apresentarem comportamentos e atitudes igualitárias para com os seus grupos de pertença (equipe) ao mesmo tempo em que valorizam as conquistas individuais.

No final, o Perfil I-A elaborado por Melo (2008) ficou composto por 27 itens, sendo 16 para a escala de idiocentrismo e 11 para a escala de alocentrismo. Segundo o modelo teórico elaborado previamente, pode-se definir que os fatores avaliam os seguintes perfis na escala de idiocentrismo (MELO, 2008):

Fator 1 - **Autorrealização & Competitividade**: este fator busca se diferenciar e se destacar dos demais, valorizando a hierarquia, a busca do sucesso pessoal, fama, poder, autorrealização, *status* social e riqueza.

Fator 2 - **Hedonismo**: este fator valoriza a estimulação, a autodeterminação, superação, criatividade, ousadia, independência, liberdade, curiosidade, autorrespeito e escolha das próprias metas.

Fator 3 - **Distância Emocional da Equipe**: este avalia a distância emocional do atleta em relação à sua equipe.

Fator de segunda ordem - **Nível de Idiocentrismo**: é resultante da correlação existente entre os três fatores anteriormente apresentados e agrupa vários aspectos individualistas do *self* no contexto esportivo.

Para a escala de Alocentrismo, Melo (2008) ressalta que o fator Nível de Alocentrismo avalia tanto a preocupação com a integridade da equipe, como atitudes na qual o *self* assume atitudes igualitárias, englobando aspectos relativos à benevolência (preservação ou intensificação do bem-estar das pessoas com as quais se está em contato).

Diante do contexto teórico apresentado em relação ao Perfil I-A, alguns estudos foram realizados com atletas para melhor definir o perfil dos mesmos, entre eles cita-se o estudo de Melo (2008), o qual conclui que, quando separados por grupos, os atletas tendem a apresentar características de personalidade semelhantes ou, quando muito, diferem quanto à intensidade e que não existe um perfil psicológico ideal para atletas. Os diferentes perfis podem se adequar melhor a um ou outro desporto, dependendo do perfil de cada desporto. Além disso, os perfis adequam-se diferentemente do posicionamento em quadra/campo (esportes coletivos), ao tipo de prova (no caso dos esportes individuais) e à situação de jogo, o que corrobora com os estudos de Melo; Giavoni (2010).

Os resultados destes dois estudos citados fortalecem os estudos de Gomes (2007), quando avaliaram os esquemas de gênero do autoconceito em jogadores de futsal e o de Gomes; Sotero; Giavoni (2011), que avaliou a composição corporal e a aptidão física de acordo com os grupos tipológicos, encontrando o mesmo resultado em relação ao perfil dos atletas.

Ampliando os estudos acima citados, Amaral; Melo; Giavoni (2010) avaliaram os jogadores de futebol, cujos principais resultados revelaram que a incidência de faltas foi maior entre os HI e os ISOC, quando comparados aos HA, os quais não cometeram nenhuma falta ao longo dos jogos, sendo que os atletas com características do individualismo cometeram mais faltas que atletas coletivistas, observando, assim, que existe uma relação entre o perfil psicológico dos atletas e suas funções em campo.

Finalizando os estudos encontrados sobre esta temática, Melo; Giavoni (2011) com o intuito de aplicar a metodologia do Modelo Interativo no modelo do Individualismo-Coletivismo: Horizontal e Vertical para melhor entender este último modelo, inferiram que, quando os campos do idiocentrismo e alocentrismo tornam-se mais distantes da bissetriz, o domínio vertical aumenta (hierarquia) e a maior proximidade da bissetriz favorece o domínio horizontal (igualdade), sendo que esses domínios não mais refletem a predominância ou não de um constructo sobre o outro.

Diante do exposto, percebe-se que os estudos relacionados a estes constructos, principalmente com atletas, são recentes, o que dificulta definir um perfil psicológico destes indivíduos mediante a complexidade do mundo esportivo. Em se tratando deste, alguns aspectos serão abordados a seguir, os quais influenciam, de uma ou outra forma, a personalidade dos atletas, pois eles são o foco do cenário esportivo.

## 2.6 O MUNDO DO ESPORTE

O mundo do desporto foi sempre um espaço que acompanhou a evolução da sociedade. As competições de jogos na antiga Grécia já possuíam características daquilo que, hoje considera-se desporto (CABRITA, 2011). Nesta evolução, o esporte surge como um fenômeno que atravessa os tempos e pode ser encontrado em distintas eras, em diferentes povos, de forma que seus atributos vão depender das características da sociedade, na qual está inserido (GUTTMANN, 1979).

Referindo-se às bases teóricas, o esporte teve uma grande influência marxista, sobretudo no futebol, por ser o mais popular das modalidades. No entanto, alguns pensadores marxistas contemporâneos, como Jean-Marie Brohm e Pierre Laguillaumie, mantiveram a tendência hegemônica, que predominou no século XX, apesar das mudanças ocorridas na formatação social, política e cultural do futebol (MURAD,

2009). Estas mudanças são percebidas desde o surgimento de atividades físicas com a finalidade de competição até aos grandes espetáculos dos dias atuais (SILVA; RUBIO, 2003).

O “mundo esportivo”, isto é, o conjunto de práticas, instituições e relações sociais existentes em razão do esporte, constituiu-se, historicamente, a partir do século XIX, principalmente na Inglaterra (PRONI, 1998). Desde então, as modalidades esportivas se multiplicaram, surgiram os torneios nacionais e internacionais, em que os praticantes foram separados em amadores e profissionais e os métodos de treinamento ficaram cada vez mais sofisticados, gerando, assim, uma influência política e econômica na organização e promoção do esporte (PRONI, 2011).

Em se tratando de modalidades esportivas, elas podem ser categorizadas de muitas formas, dependendo do critério que se usa, podendo apresentar diferentes naturezas, ter características únicas, ou mais diversificadas (CARDOSO, 2008b). Quanto à sua natureza, coletiva ou individual, Silva (1998) ressalta que as modalidades esportivas coletivas podem ser entendidas como um confronto entre duas equipes, alternando-se em situações de ataque e defesa. Porém, Gonzales (2004) classifica as modalidades de acordo com a existência de uma relação com os companheiros e se há uma interação direta com os adversários. Diante disto, este autor classifica as modalidades esportivas da seguinte maneira: esportes individuais, em que não há interação com o oponente (ex: natação, ciclismo); esportes coletivos em que não há interação com o oponente (ex: voleibol); esportes individuais, em que há interação com o oponente (ex: lutas) e esportes coletivos, em que há interação com o oponente (ex: futebol, futsal).

As modalidades esportivas também podem ser categorizadas como cíclicas e/ou acíclicas, o que representa uma capacidade muito importante no desempenho de modalidades coletivas e individuais, mais especificamente nas modalidades cíclicas, expressa em padrões de movimentos denominados na literatura como *sprints* (LEVERITT; ROSS; RIEK, 2001).

Elas também podem ser descritas e classificadas em mais ou menos organizadas e complexas e, quanto ao tipo de interação, que pode ser com um grupo ou consigo mesmo (CARDOSO, 2008a; 2008b). No que tange à complexidade, principalmente quando está voltada ao esporte, Morin (2001) destaca que é um fenômeno quantitativo, o qual possui várias interações e interferências entre um grande número de possibilidades. Mas, indiferente da classificação das modalidades, a

estrutura esportiva em cada país ou região é diferenciada pelo histórico do próprio esporte no local e, também, pelos cenários político e econômico, exprimindo os diferenciais no grau de mercantilização sofrida pelo esporte de alto nível (PRONI, 2000).

De acordo com Dunning (1992), junto ao fenômeno da profissionalização, veio uma maior exploração econômica dos eventos esportivos que movimentam vultosas somas de dinheiro no mundo todo. Hoje, os atletas de ponta recebem dinheiro para treinar, fazendo da prática esportiva o seu meio de sustento. Eles são patrocinados por grandes marcas, tornam-se garotos propaganda de empresas dos mais variados setores, já que são ídolos de grande parte dos consumidores. Isto tudo gera uma mercantilização, na qual a valorização do esporte como investimento, a alta concorrência entre equipes e atletas, os altos salários e os valores expressivos dos direitos de transmissões alteram as relações sociais, políticas, econômicas e culturais do país (PRONI, 2000). Porém, a grande expressividade do esporte de alto rendimento em nossa cultura fica evidente em razão do destaque dado pela mídia a campeonatos e ligas nacionais e mundiais, relacionados aos diferentes tipos de esportes e, em especial, aos Jogos Olímpicos com todo o seu glamour (DIAS; SOUSA, 2012).

Neste bojo de campeonatos e competições, a presença de uma organização esportiva passa a ser de fundamental importância para a realização dos mesmos. Slack; Parent (2006) definem organização esportiva como uma entidade social, com objetivos claros e limites bem definidos, envolvida na indústria do esporte, desde clubes, associações, federações, confederações, academias, ou escolas de esporte até empresas que fabricam material esportivo, transmitem jogos ou assessoram atletas. Partindo dessa definição, ressalta-se que, no Brasil, duas organizações são responsáveis pelo desenvolvimento do esporte de alto nível, respectivamente, o Comitê Olímpico Brasileiro (COB) e o Ministério do Esporte, representado pela Secretaria Nacional de Alto Rendimento. No entanto, em alguns países, o Governo e/ou os Institutos do Esporte são responsáveis pelo desenvolvimento do esporte como um todo (MEIRA; BASTOS; BÖHME, 2012).

Alguns estudos buscam compreender o funcionamento dos programas esportivos em diferentes países e, principalmente, naqueles com destaque no contexto internacional (GREEN; OAKLEY, 2001; HOULIHAN; GREEN, 2008; DE BOSSCHER et al., 2009; 2010). Outros mostram que os países que alcançam sucesso internacional no esporte de alto nível possuem planos de ações nacionais, gerenciados

pelo governo ou por entidades esportivas, os quais são elaborados de maneira central e aplicados em todo o território nacional (DE BOSSCHER et al., 2009; GREEN, 2004; GREEN; OAKLEY, 2001; HOULIHAN; GREEN, 2008). Com o intuito de fundamentar a respeito da funcionalidade do esporte na reprodução da ordem social, alguns autores deixaram suas contribuições, entre eles, Norbert Elias e Pierre Bourdieu.

Elias (1995) defende a idéia de que houve uma afinidade entre a história, o desenvolvimento e a estrutura da política na Inglaterra a partir da segunda metade do século XIX, com a “esportivização” dos jogos e passatempos das classes altas, as quais tinham nas práticas desportivas um sinal distinto de nobreza e hierarquia. Para ele, a “esportivização” contribuiu para a civilização dos indivíduos, fazendo-os interagir com as regras e normas de sua sociedade, onde o esporte passou a ter um papel civilizatório no contexto da história moderna e contemporânea, o qual leva o indivíduo a ter um autocontrole das suas ações, liberando as emoções com mais calma e civilidade.

Entretanto, Bourdieu (1990) construiu uma teoria sobre a origem e o desenvolvimento das condições de atuação das pessoas nos “campos”, baseada na herança social que está incorporada nos indivíduos, ou seja, os “*habitus*”. Ele enfatizou a relação entre o *habitus* de uma classe social, as características intrínsecas de cada esporte e a função social que lhe é atribuída. O autor acredita que cada prática cultural é portadora de valores socialmente definidos e o que seria necessário estabelecer uma correlação entre as demandas por práticas e entretenimentos esportivos, o estilo de vida e a forma de consumo de cada classe social diferenciadas por sexo, idade, etnia.

Proni (2011) ressalta que Elias destaca o controle da violência e a satisfação de necessidades emocionais dos indivíduos e Bourdieu enfatiza os determinantes da oferta e da demanda de práticas culturais, porém ambos apontam uma vertente importante do processo geral de formação das sociedades modernas, que ilumina certas ações e aspirações de indivíduos concretos: o processo de constituição e constante mudança do mundo esportivo.

O mundo esportivo passou por mudanças quantitativas e qualitativas que acarretaram novas práticas, novos princípios estruturantes, novas conexões de sentido, seja para aumentar o rendimento dos atletas e as chances de vitória das equipes, seja para valorizar o espetáculo, ampliar os mercados e elevar as receitas (PRONI, 2011).

Neste novo contexto, Dunning (1992) destaca que é inegável o papel desempenhado pelo advento do profissionalismo na tendência mundial, pois há uma crescente competitividade e seriedade no modo de envolvimento com a prática esportiva, favorecendo cada vez mais uma orientação voltada para os resultados em diferentes níveis de participação, em especial no alto rendimento.

Rodrigues (2004) complementa a idéia de Dunning (1992) destacando o treinamento esportivo como um aspecto de suma importância no esporte de alto rendimento. E ressalta, ainda, que as metodologias e os princípios de treinamento devem estar sustentados por conhecimentos científicos e dispositivos contendo, assim, elementos que buscam melhorar o desempenho do atleta.

Com o tal intuito, torna-se necessário entender alguns constructos como a competitividade e a *performance* dos atletas. Para isso, ciências como a fisiologia do esporte, biomecânica, sociologia e a psicologia do esporte vêm sendo aprimoradas, pesquisadas e aplicadas no esporte competitivo (BARA FILHO; RIBEIRO, 2005).

Em relação à competitividade, percebe-se na literatura que estudos atuais (BARBOSA et al., 2008, GONZALES et al., 2008; BALBINOTTI; SALDANHA; BALBINOTTI, 2009) destacam-na como uma das seis fundamentais dimensões motivacionais o controle de estresse, a saúde, a sociabilidade, a competitividade, a estética e o prazer que, segundo Balbinotti (2004; 2010), integram a prática regular de atividades esportivas. Entretanto, analisando por outro viés, De Rose Jr.; Korsakas (2006) ressaltam que as arestas do conceito competitividade estão relacionadas ao confronto, à disputa, ao resultado, à avaliação, à seleção, à busca pela vitória, à derrota, à pressão, à alegria e à frustração.

Desse modo, para avaliar o constructo, Balbinotti (2010) elaborou um instrumento denominado "Escala Balbinotti de Motivos à Competitividade no Esporte (EBMCE-18), no qual a variável Competitividade pode ser explicada em três diferentes perspectivas. Na primeira, ele avalia a competitividade como forma de manifestação de aspectos (positivos e negativos) relacionados a vitórias e derrotas. Na segunda, a competitividade no sentido da busca do desenvolvimento da *performance* do atleta e, na terceira, a avaliação da competitividade é voltada para a obtenção de reconhecimento social (*Status*), a partir do sucesso obtido nas disputas esportivas em geral.

Diante destas perspectivas, alguns estudos demonstram índices de competitividade mais elevados (BARBOSA, 2006; JUCHEM, 2006),

outros menos (LORES et al., 2004, CAPOZZOLI, 2006; BALBINOTTI; CAPOZZOLI, 2008, BALBINOTTI; SALDANHA; BALBINOTTI, 2009). E sob outra perspectiva, Cechin et al. (2014), no seu estudo com atletas de *squash*, sugere que o atleta seja classificado pelo tipo ou perfil de competitividade e não pelo índice mais ou menos elevado. Além disso, nota-se, também, que a competitividade no esporte pode ser um meio de inclusão social do indivíduo (AZEVEDO; GOMES FILHO, 2011).

Acredita-se que, por mais que um atleta tenha um índice de competitividade elevado, o mesmo precisa apresentar uma determinada *performance* para atingir seus objetivos na modalidade a qual representa. E, no que diz respeito à *performance* esportiva, o que a caracteriza nas modalidades profissionais é a busca da excelência, da arête<sup>7</sup>, em que, tanto como praticante quanto como espectador, buscam-se, através dos esportes, os acontecimentos extraordinários, nos quais há superação, disputa, adrenalina e tensão (CASTRO, 2012).

Para adquirir esta *performance* esportiva, a literatura aponta alguns fatores que podem interferir no decorrer do treinamento ou durante e após a competição, como por exemplo, fatores psicossociais (DE ROSE JR et al, 2004; BARA FILHO; RIBEIRO, 2005; BARA FILHO; RIBEIRO; GARCIA, 2005; HORIKAWA; YAGI, 2012; SANTOS et al., 2013, VERARDI et al., 2014), genéticos (DIAS et al., 2007; DIAS, 2011), fisiológicos (DENADAI; ORTIZ; MELLO, 2004; GUGLIELMO, 2005; CAPUTO et al., 2009; ARINS et al., 2011), fatores externos como a intensidade de carga no treinamento (VIVEIROS et al., 2011), o uso de cafeína (GUTTIERREZ et al., 2009; CAPUTO et al., 2012; CARNEIRO et al., 2013), fatores biomecânicos (GUGLIELMO; GRECO; DENADAI, 2005; FARAH et al., 2010), entre outros.

Em relação ao esporte propriamente dito, Cardoso (2008a; 2008b) ressalta que, como qualquer manifestação social, as atividades esportivas surgiram e evoluíram, respeitando as supostas diferenças biológicas entre homens e mulheres, portanto há esportes que surgiram como práticas eminentemente masculinas e/ou femininas.

Koivula (1995) categoriza as modalidades esportivas com relação à sua identidade de gênero como masculina, feminina ou neutra, de acordo com os estereótipos de gênero em cada cultura, com as

---

<sup>7</sup> Arête era entendida pelos gregos como o exercício excelente de uma atividade na qual o indivíduo se sobressaía (CASTRO, 2012).

opiniões tradicionais da sociedade. De outra maneira, Cardoso (2008a), acredita que a natureza das atividades pode ser um fator que influencia essa preferência de homens e mulheres por determinadas modalidades.

Nota-se isso nas modalidades de natação, ginástica e voleibol que são sugeridas e incentivadas às mulheres, e as modalidades de lutas ou esportes coletivos de confronto, como futebol e handebol, sugeridas aos homens (SARAIVA, 2005). Já o basquete é sugerido como um esporte neutro (KOIVULA, 1995).

No caso do atletismo, Greco (1998) considera-o como um esporte clássico, o qual serve de base para as demais modalidades, sendo assim considerado neutro. O tênis de mesa, um esporte acíclico, também pode ser praticado tanto por homens como mulheres (DE LA FLUENTE et al., 2007), bem como o ciclismo (VIGARELLO, 2000), porém este é considerado um esporte complexo (ABISS; LAURSEN, 2005).

Em relação ao xadrez, pode ser jogado por homens e mulheres, Deaner et al (2015); Barbanti (2012), uma vez que se trata de um jogo estratégico, que depende apenas de habilidade mental, não envolve o uso de habilidades motoras relativamente complexas, nem esforço físico vigoroso, podendo não ser considerado esporte. Porém, neste estudo, ele foi avaliado como esporte individual, pois o mesmo é disputado nos campeonatos estaduais e na principal competição de Santa Catarina, os Jogos Abertos de Santa Catarina (JASC).

Em meio a este cenário esportivo, homens e mulheres diferenciam-se pelos seus papéis sociais. O “indivíduo”, a “pessoa”, além de se estruturar a partir de um corpo biologicamente dimórfico e das construções sociais dos papéis de gênero, também é funcional e simbolicamente sensual e sexual (CARDOSO, 1997), caracterizando diferentes percepções sobre a sexualidade (BRANNON, 1999).

Cardoso et al. (2010) confirmam estas considerações por meio de seus estudos, quando produziram, no Brasil, os primeiros dados quantitativos sobre a *identidade gênero/sexo* e perceberam que, no esporte, os homens preferem atividades competitivas e agressivas, enquanto as mulheres, atividades mais individualizadas. Na dança, perceberam que os papéis sexuais também são impactantes na identidade de gênero.

No entanto, o que se observa é que as mulheres estão cada vez mais participando de esportes considerados mais masculinos. De acordo com Cardoso (2008a), estas diferenças entre homens e mulheres estão na preferência e habilidade nas atividades esportivas. Tanto é que nos estudos de Harris (2005) ele mostra a luta das mulheres heterossexuais

em explicar e dar sentido à sua participação em uma atividade tradicionalmente masculina, o futebol. Cardoso et al. (2010) também ressalta que as mulheres atletas não se percebem como mais masculinas por participarem de esportes tidos como masculinos.

Neste sentido, Cardoso; Sacomori (2012) concluíram que os homens se percebem mais masculinos e as mulheres mais femininas de forma geral, mas em relação à sexualidade, encontraram mais mulheres não heterossexuais do que homens, entre as atletas.

Outros estudos foram desenvolvidos, abordando os papéis de gênero/sexo nos esportes, como por exemplo, o de Harrison et al. (2009) que quanto à questão do desempenho encontrou que os homens apresentam um melhor desempenho do que as mulheres nas tarefas de endurance. No estudo de Pieron (2004) percebe-se que a participação dos homens é mais significativa nos esportes do que a das mulheres, já no estudo de Cardoso et al. (2012), os homens apresentam médias superiores às mulheres, em relação à intensidade do treinamento desportivo.

Indiferente do ser homem ou mulher, masculino ou feminino, Davis (1979), já citava que o corpo e suas particularidades ocupam diferentes espaços e “*status*” na organização social, material e simbólica, de acordo com os valores culturais de cada sociedade (CARDOSO et al., 2009).

O que significa que o indivíduo pode apresentar determinado *status* por meio de avaliações positivas e negativas feitas pelas pessoas, e/ou pelas posições na estrutura social que ocupa (OLLIVIER, 2009), por meio de uma hierarquia (MAGEE; GALINSKI, 2008).

No meio esportivo, os indivíduos se movem dentro de uma ordem de *status* em que os atletas passam por vários processos de detecção, seleção e promoção (VIEIRA; VIEIRA; KREBS, 2003), o que fica evidente quando ocorre a transição da carreira esportiva<sup>8</sup>, a partir das esferas da vida ocupacional, financeira, social e psicológica do atleta (ALFERMANN, 2005; LALLY, 2007).

Estudos têm demonstrado a relação do *status* com a carreira esportiva. Para manter o *status* social, o desafio de muitos atletas é

---

<sup>8</sup> O termo “carreira esportiva” é entendido como a prática voluntária e plurianual de uma atividade esportiva escolhida pelo atleta com o objetivo de alcançar altos níveis de desempenho em um ou vários eventos esportivos (ALFERMANN & STAMBULOVA, 2007).

conseguir ter o equilíbrio entre as exigências da carreira esportiva (AMARAL et al., 2007; AGRESTA; BRANDÃO; BARROS NETO, 2008,). Alguns resultados negativos foram encontrados em atletas que se especializaram no esporte, deixando de lado outros aspectos de sua vida, como lesões, ansiedade competitiva e problemas com identidade (LALLY, 2007; VISSOCI, 2009).

Em outra perspectiva, estudos apontam para a importância dos relacionamentos interpessoais neste processo para o desenvolvimento da carreira dos atletas, entre eles o papel dos pais, dos técnicos, dos companheiros de equipe (MORAES; RABELO; SALMELA, 2004, DURAND-BUSH; SALMELA, 2002, ULLRICH-FRENCH; SMITH, 2006, FRASER-THOMAS; COTE, J.; DEAKIN, J., 2008; GOULD et al., 2008) e para o sucesso da transição entre esporte amador e esporte profissional (PUMMEL; HARWOOD; LAVALLE, 2008). Nesta transição, muitos atletas e familiares acreditam que o futebol é a modalidade com maior ascensão social (MARQUES; SAMULSKI, 2009; SOARES et al., 2011).

Por fim, os estudos apontados no referencial exposto acima, abordam questões relacionadas aos atletas e ao meio esportivo, mas fica evidente a falta de um estudo que aborde uma associação entre o nível de satisfação de vida dos atletas com a satisfação com o esporte, o *status* social subjetivo, os esquemas de gênero e com o idiocentrismo-alocentrismo, sendo o presente, pioneiro nesta busca.

Assim, o próximo capítulo mostrará a metodologia e os resultados encontrados no estudo, o qual tem como principal intuito associar o nível de satisfação com a vida dos atletas com as demais variáveis discutidas neste referencial.



### 3 MATERIAIS E MÉTODO

#### 3.1 CARACTERIZAÇÃO DO ESTUDO

Este estudo caracteriza-se como uma pesquisa descritiva, exploratória e quali-quantitativa, (GAYA, 2008). Trata-se, ainda, de uma pesquisa com delineamento transversal e não probabilística, a qual investigou questões pouco discutidas pela literatura, considerando a satisfação dos atletas com a vida, a satisfação com o esporte, o *status* social subjetivo, os esquemas de gênero, o idiocentrismo-alocentrismo e as modalidades esportivas.

Primeiramente, foram descritas as características sociodemográficas, econômicas e esportivas dos atletas catarinenses. Em um segundo momento, foram descritos o nível de satisfação com a vida dos atletas catarinenses do sexo masculino e feminino, o nível de satisfação com o esporte, o *status* social subjetivo em três esferas: família, clube e equipe, os esquemas de gênero do autoconceito e o Perfil I-A nas modalidades esportivas. Por último, foi verificada a existência de uma possível associação entre o nível de satisfação com a vida dos atletas catarinenses do sexo masculino e feminino, com as variáveis em questão, nas modalidades esportivas.

#### 3.2 PARTICIPANTES DO ESTUDO

No primeiro momento, foram convidados a participar do estudo os atletas do município de Chapecó-SC, participantes de 14 modalidades esportivas, individuais e coletivas, totalizando 253 atletas, sendo 153 do sexo masculino e 100 do feminino. Porém, percebeu-se que o número de atletas em algumas modalidades seria insuficiente para a análise das mesmas enquanto um grupo mínimo de 30, para facilitar futuras análises estatísticas. Nesse sentido, adotou-se o critério da exaustividade ou saturação, pois se trata de uma pesquisa com amostragem intencional que objetiva estudar e comparar o perfil de atletas de diferentes modalidades (GAYA, 2008). Não objetivamos uma amostragem representativa para o Estado, mas sim variabilidade suficiente em cada modalidade.

Com isso, a pesquisadora passou a convidar os atletas das equipes localizadas em outros municípios na mesoregião oeste do Estado. Infelizmente, muitos destes, que participam das competições oficiais como jogadores treinam somente nos finais de semana e não

puderam participar do estudo devido aos critérios de inclusão: a) Ter idade mínima de 16 anos; b) Participar de competição em nível estadual, nacional e internacional; c) Treinar de forma sistematizada no mínimo há 1 ano; d) Treinar no mínimo 3 vezes por semana; e) Estar federado por um clube, associação ou secretaria de esporte por no mínimo 1 ano; f) Estar treinando regularmente no período da coleta de dados; g) Concordar em participar do estudo e ser autorizado pelos técnicos ou responsáveis das equipes por meio da assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido e Assentimento (APÊNDICE I e II).

Em uma terceira tentativa em aumentar o número de atletas nas modalidades que estavam abaixo do esperado (n=30) para cada sexo, a pesquisadora recorreu às outras mesoregiões catarinenses (Grande Florianópolis, Norte, Serrana, Sul e Vale do Itajaí). Com essa estratégia, atingiu-se um total de n= 529 atletas com média de idade de 21,51 anos (DP= 5,74), sendo n= 307 do sexo masculino e n= 222 do feminino, distribuídos em 14 modalidades, como mostra o quadro 1.

Quadro 1- Número de atletas catarinenses participantes de acordo com o sexo e as modalidades esportivas:

Modalidades	Sexo		
	Total (n=529)	Masculino (n= 307)	Feminino (n= 222)
	% (n)	% (n)	% (n)
<b>Atletismo</b>	2,5 (15)	3,0 (11)	1,8 (4)
<b>Ginástica Olímpica (GO)</b>	0,5 (3)	0,3 (1)	0,9 (2)
<b>Natação</b>	1,2 (7)	1,3 (5)	0,9 (2)
<b>Judô</b>	10,6 (63)	9,4 (35)	12,6 (28)
<b>Karatê</b>	0,3 (2)	0,3 (1)	0,5 (1)
<b>Taekendoo</b>	1,0 (6)	0,5 (2)	1,8 (4)
<b>Jiu-Jitsu</b>	5,2 (31)	8,1 (30)	0,5 (1)
<b>Ciclismo</b>	0,7 (4)	1,1 (4)	- -
<b>Tênis de Mesa</b>	6,6 (39)	7,0 (26)	5,9 (13)
<b>Xadrez</b>	1,7 (10)	2,2 (8)	0,9 (2)
<b>Futsal</b>	23,3 (138)	21 (78)	27,0 (60)
<b>Voleibol</b>	8,9 (53)	8,4 (31)	9,9 (22)
<b>Handebol</b>	14,8 (88)	10,2 (38)	22,5 (50)
<b>Basquetebol</b>	11,8 (70)	10,0 (37)	14,9 (33)

Fonte: Própria autora

Observa-se, no quadro 1, que somente as modalidades de judô, jiu-jitsu, tênis de mesa, futsal, voleibol, handebol e basquetebol atingiram um total superior a  $n= 30$  atletas, sendo que as demais modalidades ficaram com um número inferior a  $n= 30$ . A partir disto, o número de participantes por modalidades foi agrupado em modalidades individuais e modalidades coletivas. O quadro 2 mostra que, nas individuais, o número de atletas ficou com um total de  $n=180$ :  $n= 123$  do sexo masculino e  $n= 57$  do sexo feminino; nas coletivas, obteve-se um total de  $n= 349$  atletas, sendo  $n= 184$  do sexo masculino e  $n= 165$  do sexo feminino.

Quadro 2- Número de Atletas participantes por modalidades esportivas, individuais e coletivas:

Participantes	Total		Masculino		Feminino	
	n	%	n	%	N	%
Modalidades Individuais	180	34,0	123	40,1	57	25,7
Modalidades Coletivas	349	66,0	184	59,9	165	74,3

Fonte: Própria autora

A seleção das equipes foi feita de forma intencional devido à facilidade de acesso da pesquisadora com os dirigentes e a seleção e participação dos atletas foi não probabilística, conforme a disponibilidade dos mesmos para o preenchimento dos questionários (GAYA, 2008).

### 3.3 ASPECTOS ÉTICOS

Este estudo faz parte do projeto intitulado "Identidade Esportiva e Artística de Atletas e Bailarinos", o qual foi devidamente submetido e aprovado junto ao Comitê de Ética em Pesquisas com Seres Humanos da Universidade do Estado de Santa Catarina – UDESC, sob processo número 275.381/2013.

Em toda a apresentação do estudo foi destacado que os atletas não seriam obrigados a responder e a participar do mesmo, podendo desistir a qualquer momento, como também garantiu-se o completo anonimato dos dados.

### 3.4 PROCEDIMENTOS PARA COLETA DE DADOS

A coleta de dados iniciou-se no mês de agosto do ano de 2014 e terminou em novembro do mesmo ano.

Inicialmente, apresentou-se o projeto com seus respectivos objetivos e relevância ao representante da Secretaria Municipal de Esporte, solicitando, assim, uma autorização para efetuar a coleta de dados das equipes de Chapecó-SC. Em posse desta autorização, a secretaria de esportes cedeu o número de atletas nas 14 modalidades solicitadas, de acordo com os critérios de inclusão e os contatos dos técnicos para marcar o dia, a hora e o local da coleta com cada equipe. Devido ao fácil acesso com os técnicos e dirigentes das equipes, a coleta de dados no município de Chapecó transcorreu de uma maneira tranqüila e rápida.

A aplicação dos questionários teve duração de 30 a 40 minutos e ocorreu nas dependências dos locais de treinamento, em que os atletas respondiam individualmente e de forma conjunta. Foi recomendado aos atletas que não conversassem durante o preenchimento dos questionários. Os mesmos foram aplicados pela própria pesquisadora e, à medida que surgiam dúvidas em relação às questões, estas eram sanadas no momento da coleta.

No segundo momento, quanto às equipes das mesoregiões de Santa Catarina, a pesquisadora solicitou a ajuda de 03 acadêmicos do Curso de Educação Física da Universidade do Oeste de Santa Catarina - UNOESC, sendo que os mesmos foram treinados e capacitados para aplicar os questionários.

A coleta nas modalidades de futsal, voleibol, handebol e basquetebol foram realizadas durante os Jogos Microregionais dos Jogos Abertos de Santa Catarina (JASC) nos municípios de Seara e Concórdia – SC e nos Campeonatos Estaduais realizados em Chapecó. Antes de iniciar os jogos foi feito um contato por telefone com os técnicos para ver se os atletas estavam inseridos nos critérios de inclusão do estudo. Nos casos positivos, marcou-se o dia, local e horário para aplicar os questionários, sem que atrapalhasse os jogos.

Para as modalidades de judô e tênis de mesa, a coleta foi realizada durante as competições que aconteceram nos meses de setembro, outubro e novembro. Foi realizada individualmente, em tempos diferentes, mas sempre com a presença do acadêmico.

Somente às equipes de handebol masculino, basquetebol masculino e feminino dos municípios de Joaçaba, Videira e Itajaí, todos

de Santa Catarina, foi necessário enviar os questionários para que um dirigente da equipe os aplicasse. Todos os questionários terceirizados foram enviados pessoalmente, por pessoas conhecidas e de confiança da pesquisadora, retornando com os questionários preenchidos. Neste caso, foi enviada uma carta ao dirigente da equipe, explicando algumas questões que apresentaram dúvidas durante a coleta, além do telefone e do e-mail da pesquisadora para qualquer informação.

Um procedimento adotado pela pesquisadora e pelos demais que aplicaram os questionários, para que todas as questões fossem respondidas e para o resultado ser mais fidedigno, foi o de receber os questionários e verificar se todas as questões estavam preenchidas após o processo de coleta. Como salienta Markoni e Lakatos (2003, p. 166) “o rigoroso controle na aplicação dos instrumentos de pesquisa é fator fundamental para evitar erros e defeitos resultantes de entrevistadores inexperientes ou de informantes tendenciosos”.

### 3.5 INSTRUMENTOS E VARIÁVEIS

Para caracterizar e avaliar os atletas participantes deste estudo, utilizaram-se quatro instrumentos em forma de questionários.

#### **3.5.1 Características sociodemográficas, econômicas e esportivas dos atletas participantes.**

O primeiro instrumento é um questionário que contém as características sociodemográficas e econômicas, as informações referentes ao treinamento, satisfação com a vida, satisfação com o esporte que pratica (APÊNDICE III). As questões referentes às características dos atletas e do treinamento foram elaboradas pela própria autora.

As características sociodemográficas foram de acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística/IBGE (2008) e as características econômicas com a Associação Brasileira de Empresas de Pesquisas (ABEP/2013). A ABEP determina o nível econômico do indivíduo por meio da posse de bens móveis e o grau de escolaridade do chefe da família, classificando nas classes A1, A2, B1, B2, C1, C2, D e E. Para um melhor agrupamento dos dados, os mesmos foram divididos em: Classe Alta (A1 e A2), Classe Média (B1, B2 e C1, C2) e Classe Baixa (D e E).

Com o objetivo de avaliar o nível de satisfação com a vida dos atletas catarinenses foi utilizada a Escala de Satisfação com a Vida (ESV). Esta escala foi elaborada por Diener et al. (1985), com o objetivo de avaliar um dos componentes cognitivos do bem estar subjetivo (BES) do indivíduo, em que o mesmo faz um julgamento sobre o quão satisfeito encontra-se com sua vida. Ela foi validada com estudantes universitários por meio de uma análise fatorial dos eixos principais (PAF – *Principal Axis Factoring*), na qual obteve *Alfa de Cronbach* de 0,87, explicando 66% da variância total do construto. É uma escala simples e rápida, composta por 5 itens, os quais são respondidos por meio de uma Escala Likert, variando de 01 (discordo totalmente) a 07 (concordo totalmente), sendo que quanto mais a resposta do indivíduo se situa próxima de 07, mais elevados são os seus índices de Satisfação com a Vida. Para calcular os escores, somam-se os números correspondentes das respostas escolhidas pelos indivíduos, podendo variar de 05 a 35, classificando os escores em: a) 31 a 35, extremamente satisfeito; b) 26 a 30, satisfeito; c) 21 a 25, moderadamente satisfeito; d) 20, neutro; e) 15 a 19, moderadamente insatisfeito; f) 10 a 14, insatisfeito e g) 05 a 09, extremamente insatisfeito (DIENER et al., 1985). Porém, para melhor caracterizá-los, agruparam-se as categorias em: a) Satisfeito (21 a 35), Neutro (20), Insatisfeito (05 a 19).

O nível de satisfação com o esporte foi verificado por meio de uma questão, em que o atleta responde: Em relação ao esporte que você pratica, qual o grau de satisfação que tem? O atleta marca um “X” em uma escala do tipo Likert de 0 (zero) a 5 (cinco), sendo que o zero corresponde a pouco satisfeito e o cinco a muito satisfeito. No entanto, para melhor categorizar os atletas foram agrupados os escores 04 e 05, considerando o atleta em um elevado grau de satisfação, 02 e 03 em um grau médio de satisfação, 00 e 01 em um grau baixo, ou seja, quanto mais próximo do 05, mais satisfeito com o esporte está o atleta.

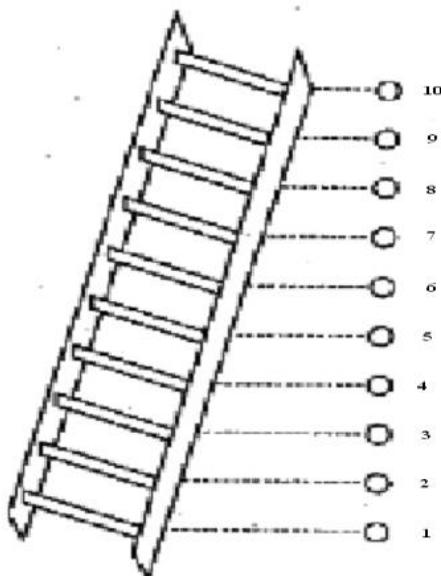
### **3.5.2 Escala MacArthur de *Status* Social Subjetivo Versão para Jovens**

Para descrever a autopercepção de *status* dos atletas frente aos aspectos de *status* social subjetivo da família na comunidade, do atleta no clube, a que lugar o atleta gostaria de estar na equipe, o segundo instrumento refere-se à Escala MacArthur de *Status* Social Subjetivo Versão para Jovens (GOODMAN, et al. 2001) (ANEXO I).

De acordo com Goodman et al. (2001), a validação desta escala foi realizada com 10.843 adolescentes e uma amostra de 166 pares adolescente/mãe. Esta escala é representada pela imagem de uma escada com 10 degraus (Figura 2), em que os indivíduos identificam sua posição dentro de uma hierarquia social: os lugares mais altos da escada representam os que têm uma melhor posição social, maior respeito e os lugares mais baixos uma pior posição social, as pessoas que ninguém respeita.

Como o presente estudo está envolvendo o contexto esportivo, ela foi adaptada de forma que os atletas retratem sua autopercepção em relação à sua família na comunidade, no clube que pratica o esporte e sua autopercepção em relação ao lugar que gostaria de estar na equipe. Assim, o (a) atleta marca um “X” no número (degrau) correspondente à sua autopercepção.

Figura 2- Escala MacArthur de *Status Social Subjetivo* Versão para Jovens



Fonte: GOODMAN et al. (2001).

Para melhor classificar os (as) atletas em relação ao *status* social subjetivo agrupou-se a escala em 3 níveis: do degrau 1 ao 3,

considera-se um nível de *status* baixo, do degrau 4 ao 7 um *status* médio e do degrau 8 ao 10 um nível de *status* alto.

### **3.5.3 Inventário dos esquemas de gênero do autoconceito masculino (IMEGA) e feminino (IFEGA).**

Com o intuito de identificar os esquemas de gênero do autoconceito, foram utilizados o IMEGA para o sexo masculino (ANEXO II) e o IFEGA para o sexo feminino (ANEXO III).

O IMEGA foi desenvolvido e validado por Giavoni; Tamayo (2003), cuja amostra para a validação deste instrumento foi composta por 592 estudantes universitários, com faixa etária média de 22,23 anos, sendo as análises fatoriais realizadas para as escalas masculina e feminina (*Principal Axis Factoring*, com rotações oblíquas e ortogonais), assim como foram avaliados os índices de consistência interna dos fatores (Alfa de Cronbach) para que o instrumento fosse apropriadamente validado. Os resultados demonstraram que ambas as escalas são compostas por estruturas multifatoriais (GIAVONI; TAMAYO, 2003).

Este instrumento é aplicado para homens e composto por 71 itens, em que 41 representam o EM cujos fatores são Egocentrismo, Ousadia, Racionalidade e 30 representam o EF, apresentando os fatores Integridade, Sensualidade, Insegurança, Emotividade e Sensibilidade, fator de segunda ordem, resultante da correlação entre o fator integridade e emotividade (GIAVONI; TAMAYO, 2003).

Já o IFEGA foi desenvolvido e validado por Giavoni; Tamayo (2005) e sua amostra foi composta por 673 mulheres, universitárias (77,4%), na faixa etária média de 21,48 anos. Este instrumento é semelhante ao inventário anterior, porém é aplicado para o sexo feminino e composto por 75 itens, dos quais 36 representam o EM por meio dos fatores: Arrojamento, Egocentrismo e Negligência e 39 o EF, cujos fatores são: Sensualidade, Inferioridade e Ajustamento Social (GIAVONI; TAMAYO, 2005).

### **3.5.4 Inventário do Perfil Idiocêntrico-Alocêntrico (Perfil I-A)**

O último instrumento é o Inventário de Perfil I-A de Atletas (ANEXO IV), o qual foi desenvolvido e validado por Melo (2008), com uma amostra de 273 atletas participantes das modalidades individuais (natação, atletismo, lutas e ginástica artística) e das modalidades

coletivas (voleibol, basquetebol, handebol, futsal e futebol de campo), sendo 57,6% homens, com faixa etária de 21,17 anos e nível de escolaridade variando de segundo grau incompleto a terceiro grau completo. É um questionário composto por 27 itens, subdivididos em três fatores para o Idiocentrismo: Auto-Realização e Competitividade, Hedonismo, Distância Emocional de Equipe e um fator de segunda ordem – Nível de Idiocentrismo e um fator para o Alocentrismo, o Nível de Alocentrismo. Os tipos psicológicos são obtidos a partir de uma relação entre os fatores Nível de Idiocentrismo e o Nível de Alocentrismo (MELO, 2008).

### 3.6 ANÁLISE DE DADOS

O programa estatístico utilizado para a análise dos dados foi o *software Statistical Package for the Social Sciences (SPSS) for Windows*<sup>®</sup> versão 20.0. A normalidade da distribuição dos dados foi analisada por meio do teste de *Kolmogorov-Smirnov*, sendo que nenhuma variável apresentou normalidade. Diante deste fato, além da média, desvio padrão, frequência absoluta e relativa, os testes não paramétricos U de Mann-Whitney, para as variáveis numéricas e o Quiquadrado, variáveis categóricas, foram utilizados para verificar as comparações entre os grupos, todos com nível de significância  $p < 0,05$ . O teste correlação de Pearson foi utilizado para verificar se existe uma correlação entre a variável satisfação com a vida e a satisfação com o esporte.

Por fim, o teste quiquadrado também foi utilizado para verificar as possíveis associações existentes entre o nível de satisfação com a vida dos atletas catarinenses do sexo masculino e feminino, com as variáveis satisfação com o esporte, *status* social subjetivo na família, no clube e na equipe, esquemas de gênero do autoconceito e o perfil I-A nas modalidades esportivas individuais e coletivas, sendo o valor de significância  $p < 0,05$ .



## 4 RESULTADOS

Primeiramente, foram descritas as características sociodemográficas, econômicas e esportivas dos atletas participantes e verificadas as possíveis diferenças entre os sexos e entre as modalidades individuais e coletivas. Em um segundo momento, foram descritos o nível de satisfação com a vida, o nível de satisfação com o esporte, o *status* social subjetivo na família, no clube e na equipe, os esquemas de gênero do autoconceito e o Perfil I-A dos atletas do sexo masculino e feminino e verificadas as possíveis diferenças entre os sexos. Cabe salientar que as diferenças entre estas variáveis também foram analisadas nas modalidades esportivas individuais e coletivas. Sequencialmente, foram descritas as modalidades esportivas utilizadas neste estudo de acordo com sua natureza (individual, coletiva, complexa, cíclica, acíclica), sua identidade de gênero (masculina, feminina e neutra), pontuação e participação nas modalidades (individual e/ou equipe).

Por último, foi verificada a existência de uma possível associação entre o nível de satisfação com a vida dos atletas catarinenses, do sexo masculino e feminino, com a satisfação pelo esporte, com o *status* social subjetivo na família, no clube e na equipe, com os esquemas de gênero do autoconceito e com o Perfil I-A nas modalidades esportivas individuais e coletivas

### 4.1 PERFIL SOCIODEMOGRÁFICO, ECONÔMICO E ESPORTIVO DOS ATLETAS CATARINENSES

Para uma melhor visualização destes perfis, foram elaboradas três tabelas. A primeira apresenta o perfil sociodemográfico e econômico dos atletas participantes. A segunda apresenta o perfil esportivo dos atletas e, a terceira o nível de competição e os melhores resultados alcançados pelos atletas.

Inicialmente, foi descrita uma análise por modalidades, no que diz respeito à origem, ao estado civil, à cor da pele, à classe econômica e à escolaridade dos atletas participantes deste estudo.

Na tabela 1, é possível observar que, nas modalidades individuais, 58,5% (n=72) dos atletas do sexo masculino e 54,4% (n=31) do sexo feminino é do município de Chapecó-SC. Já nas modalidades coletivas a maior representação, 51,1% (n= 94) dos atletas do sexo masculino e 44,2% (n= 72) do sexo feminino, está concentrada na região

oeste de Santa Catarina. Sob outro viés, percebe-se que há uma diferença significativa ( $p < 0,05$ ) entre as modalidades no que diz respeito à origem. No geral, existe uma maior concentração dos atletas nas modalidades individuais no município de Chapecó enquanto nas modalidades coletivas, a maioria dos atletas representam os municípios da região oeste de Santa Catarina e as demais regiões.

Referindo-se ao estado civil dos atletas participantes, nota-se na tabela 1, que, 67,5% ( $n=83$ ) dos atletas do sexo masculino e 80,7% ( $n=46$ ) do feminino, nas modalidades individuais e 74,5% (137) do sexo masculino e 77,0% ( $n= 127$ ) do feminino, nas modalidades coletivas, vive sem companheiro (a). No que diz respeito à cor da pele, esta mesma tabela mostra que 64,2% ( $n= 79$ ) atletas do sexo masculino e 66,7% ( $n=38$ ) do feminino, nas modalidades individuais, e 66,3% ( $n=122$ ) do sexo masculino e 67,9% ( $n= 112$ ) do feminino, nas modalidades coletivas, declararam-se de cor branca, seguindo em menores proporções aquelas que se consideravam com outras cores de pele. Este resultado mostra que mais da metade dos atletas participantes deste estudo é de cor branca, indiferente da modalidade que pratica, seja ela individual ou coletiva.

Em se tratando da classe econômica dos atletas catarinenses, observa-se que tanto nas modalidades individuais como nas modalidades coletivas, 81,3% ( $n=100$ ) e 83,7% ( $n= 154$ ) dos atletas do sexo masculino e 94,7% ( $n= 54$ ) e 83,0% ( $n= 137$ ) do sexo feminino, respectivamente, declararam-se pertencer à classe econômica média. Porém, cabe ressaltar que alguns atletas eram dependentes da família e, outros, eram independentes, além de praticar e se dedicar ao esporte também trabalhavam para se sustentar, porém ambos recebem uma ajuda de custo para representar os municípios nas competições.

Ainda na tabela 1, é possível observar que nas modalidades individuais, 41,5% ( $n= 51$ ) dos atletas do sexo masculino concluíram o Ensino Médio e 45,6% ( $n = 26$ ) do sexo feminino concluíram o Ensino Fundamental II e, nas modalidades coletivas, 52,7% ( $n= 97$ ) dos atletas do sexo masculino e 54,5% ( $n =90$ ) do sexo feminino, concluíram o Ensino Médio. Em relação ao grau de instrução, também se percebe que há uma diferença significativa entre as modalidades, sendo que há um número maior de atletas nas modalidades coletivas que concluíram o Ensino Médio, contudo cabe ressaltar que nas modalidades individuais há um número maior de atletas concluintes do Ensino Superior em relação às modalidades coletivas.

Tabela 1: Perfil sociodemográfico e econômico dos atletas catarinenses do sexo masculino e feminino, participantes nas modalidades individuais e coletivas:

Variáveis	Modalidades Individuais				Modalidades Coletivas				Dif. sexo p val.	Dif. mod. p val.	
	Masculino		Feminino		Masculino		Feminino				
	(n)	%	(n)	%	(n)	%	(n)	%			
<b>Origem:</b>	Chapecó	(72)	58,5	(31)	54,4	(81)	44,0	(69)	41,8	0,38	0,00*
	Região Oeste	(18)	14,6	(10)	17,5	(94)	51,1	(73)	44,2		
	Demais Regiões	(33)	26,8	(16)	28,1	(09)	4,9	(23)	13,9		
<b>Est.Civ:</b>	S/companheiro(a)	(83)	67,5	(46)	80,7	(137)	74,5	(127)	77,0	0,10	0,32
	C/companheiro(a)	(40)	32,5	(11)	19,3	(47)	25,5	(38)	23,0		
<b>Cor Pele:</b>	Preta	(11)	8,9	(05)	8,8	(20)	10,9	(16)	9,7	0,54	0,86
	Branca	(79)	64,2	(38)	66,7	(122)	66,3	(112)	67,9		
	Parda	(07)	5,7	(01)	1,8	(06)	3,3	(06)	3,6		
	Amarela	(25)	20,3	(10)	17,5	(34)	18,5	(28)	17,0		
	Indígena	(01)	0,8	(03)	5,3	(02)	1,1	(03)	1,8		
<b>Classe Econômica:</b>	Alta	(18)	14,6	(01)	1,8	(28)	15,2	(24)	14,5	0,45	0,14
	Média	(100)	81,3	(54)	94,7	(154)	83,7	(137)	83,0		
	Baixa	(05)	4,1	(02)	3,5	(02)	1,1	(04)	2,4		
<b>Grau Inst.:</b>	Ensino Fund.I	(02)	1,6	-	-	(04)	2,2	(01)	0,6	0,50	0,04*
	Ensino Fund.II	(39)	31,7	(26)	45,6	(54)	29,3	(41)	24,8		
	Ensino Médio	(51)	41,5	(23)	40,4	(97)	52,7	(90)	54,5		
	Ensino Superior	(31)	25,2	(08)	14,0	(29)	15,8	(33)	20,0		

Fonte: Própria autora

\* Teste quiquadrado - nível de significância  $p < 0,05$

Legenda: Frequência absoluta (n); Frequência relativa (%); Diferenças (Dif.); Valor (val.); Sem (S/); Com (C/); Fundamental (Fund.)

A tabela 2 apresenta a média de idade dos atletas catarinenses, além de algumas variáveis referentes ao perfil esportivo dos atletas catarinenses. Nota-se, nesta tabela, que a média de idade dos atletas do sexo masculino é de 23,07 anos (DP= 7,20) e do sexo feminino é 19,09 anos (DP= 3,66) nas modalidades individuais e a média de idade do sexo masculino nas modalidades coletivas é de 21,83 anos (DP= 5,64) e do feminino é 20,82 anos (DP= 4,78). Observa-se que há uma diferença de idade entre os sexos, sendo os homens mais velhos que as mulheres em ambas as modalidades.

Nas modalidades individuais, os atletas do sexo masculino treinam de forma sistematizada, em média há 7,40 anos (DP= 6,63), e as do sexo feminino há 7,16 anos (DP= 3,51). Já nas modalidades coletivas, os atletas do sexo masculino estão treinando em média há 9,20 anos (DP = 5,49) e as do sexo feminino em média há 8,56 anos (DP = 4,58), havendo uma diferença significativa entre as modalidades: os atletas das modalidades coletivas treinam de forma sistematizada há mais tempo do que os atletas das modalidades individuais.

No que se refere à frequência semanal de treino, a tabela 2 mostra que, nas modalidades individuais, as mulheres (X= 4,61, DP= 1,30) treinam mais vezes por semana do que os homens (X= 4,23, DP = 1,31). Já nas modalidades coletivas, os homens (X= 4,96, DP= 1,05) treinam mais vezes na semana do que as mulheres (X= 4,36, DP= 0,98), havendo, assim, uma diferença significativa entre os sexos e entre as modalidades esportivas individuais e coletivas. Estas mesmas diferenças também são significativas quando analisada a duração de treino diário, em que o treinamento das mulheres é mais longo do que o dos homens. Isto é visível na tabela 2, tanto nas modalidades individuais, em que as mulheres apresentam uma média de 2,28 horas (DP= 1,19) e os homens de 2,11 horas (DP= 0,99), quanto nas modalidades coletivas, em que as mulheres apresentam uma média de 2,68 horas (DP = 1,53) e os homens de 2,40 horas (DP = 1,09) de treinamento diário.

Quando se trata de nível de competição, percebe-se, na tabela 3, que tanto os homens (82,1% n= 101), como as mulheres (68,4% n= 39), nas modalidades individuais, bem como os homens (87,5% n= 161) e as mulheres (70,3% n=116), nas modalidades coletivas, participam mais de competições em nível estadual. No entanto, ressalta-se que há uma diferença significativa entre os sexos e entre as modalidades, o que se justifica por homens terem uma participação maior nas competições estaduais em ambas as modalidades, e as mulheres por participarem mais de competições nacionais, em ambas as modalidades, e internacionais nas modalidades coletivas.

Inclusive, pode-se destacar que a equipe de handebol de Concórdia – SC, que participou do estudo com (n=27) atletas, é campeã da Copa Brasil e vice-campeã da Liga Nacional e Jogos Abertos de Santa Catarina (2014), sendo que algumas atletas integram a Seleção Brasileira de Handebol. E, a equipe de futsal feminino do município de Chapecó participou do estudo com 28 atletas, conquistou 06 títulos no ano de 2014 e dois vice-campeonatos, incluindo competições estaduais e nacionais. Além disso, 04 atletas e 04 membros da comissão técnica foram convocados para integrar a Seleção Brasileira no Mundial de Seleções, realizado na Costa Rica, o qual conquistou o Penta campeonato.

Cabe destacar que algumas atletas femininas que participaram de competições em nível internacional, relataram que as mais importantes são as de nível nacional, devido à rivalidade entre as equipes e o número de equipes participantes nos campeonatos, o qual é maior do que as de nível internacional.

No que diz respeito aos resultados, a tabela 3 mostra que 49,1% (n=28) das mulheres nas modalidades individuais e 66,1% (n= 109) nas modalidades coletivas obtiveram melhores resultados nas competições em relação aos homens (32,5% n=40 e 35,9% n=66, respectivamente). Resultados estes, que apresentam uma diferença significativa entre os sexos, o que está atrelado às mulheres subirem mais vezes ao topo do pódio em ambas as modalidades. No entanto, a diferença entre as modalidades é devido ao fato de que os melhores resultados foram nas modalidades coletivas, tanto pelos homens como pelas mulheres.

#### 4.2 NÍVEL DE SATISFAÇÃO COM A VIDA, SATISFAÇÃO COM O ESPORTE, STATUS SOCIAL SUBJETIVO, ESQUEMAS DE GÊNERO DO AUTOCONCEITO E PERFIL I-A DOS ATLETAS DO SEXO MASCULINO E FEMININO NAS MODALIDADES ESPORTIVAS

Com intuito de descrever o nível de satisfação com a vida, satisfação com o esporte, *status* social subjetivo na família, no clube e na equipe, os esquemas de gênero do autoconceito e o perfil I-A dos atletas catarinenses do sexo masculino e feminino nas modalidades esportivas optou-se por elaborar duas tabelas para uma melhor compreensão dos resultados.

Os resultados obtidos em relação à satisfação com a vida são observáveis na tabela 4, a qual nos mostra que nas modalidade

Tabela 2: Perfil esportivo dos atletas do sexo masculino e feminino participantes nas modalidades individuais e coletivas:

Variáveis	Modalidades Individuais				Modalidades coletivas				Dif. Sexo p valor	Dif. Mod. p valor
	Masculino		Feminino		Masculino		Feminino			
	X	(DP)	X	(DP)	X	(DP)	X	(DP)		
<b>Idade</b>	23,07	(7,20)	19,09	(3,66)	21,83	(5,64)	20,82	(4,78)	0,00*	0,47
<b>Tempo Pratica Sist.</b>	7,40	(6,63)	7,16	(3,51)	9,20	(5,49)	8,56	(4,58)	0,47	0,00*
<b>Frequência semanal</b>	4,23	(1,31)	4,61	(1,30)	4,96	(1,05)	4,36	(0,98)	0,00*	0,01*
<b>Duração treino</b>	2,11	(0,99)	2,28	(1,19)	2,40	(1,09)	2,68	(1,53)	0,01*	0,00*

Fonte: Própria autora.

\* Teste U de Mann-Whitney – nível de significância  $p < 0,05$ .

Legenda: Média (X), Desvio Padrão (DP); Sistemática (Sist.); Diferença (Dif.); Modalidades (Mod.)

Tabela 3: Nível de competição e melhores resultados alcançados pelos atletas do sexo masculino e feminino, nas modalidades individuais e coletivas:

Variáveis	Modalidades Individuais				Modalidades coletivas				Dif. Sexo p valor	Dif. Mod. p valor
	Masculino		Feminino		Masculino		Feminino			
	(n)	%	(n)	%	(n)	%	(n)	%		
<b>Nível Competição:</b>										
Estadual	(101)	82,1	(39)	68,4	(161)	87,5	(116)	(70,3)	0,00*	0,00*
Nacional	(16)	13,0	(16)	28,1	(15)	8,2	(27)	(16,4)		
Internacional	(03)	2,4	(01)	1,8	(06)	3,3	(22)	(13,3)		
<b>Melhor Resultado:</b>										
1º	(40)	32,5	(28)	49,1	(66)	35,9	(109)	(66,1)	0,00*	0,01*
2º	(29)	23,6	(13)	22,8	(58)	31,5	(29)	(17,6)		
3º	(27)	22,0	(13)	22,8	(28)	15,2	(17)	(10,3)		
Demais	(24)	19,5	(02)	3,5	(30)	16,3	(10)	(6,1)		

Fonte: Própria autora.

\* Teste quiquadrado - nível de significância  $p < 0,05$ .

Legenda: Frequência absoluta (n); Frequência relativa (%); Diferença (Dif.); Modalidades (Mod.)

individuais 77,2% (n= 95) dos atletas do sexo masculino, 84,2% (n = 48) das atletas do sexo feminino e nas modalidades coletivas 83,7% (n= 154) dos atletas do sexo masculino e 78,8% (n= 130) do sexo feminino estão satisfeitos com suas vidas. Isto significa que a maioria dos atletas do sexo masculino, como do feminino, em ambas as modalidades, estão satisfeitos com sua vida.

No que tange à satisfação com o esporte, os resultados apontados na tabela 4 mostram que, nas modalidades individuais 77,2% (n= 95) dos atletas do sexo masculino, 71,9% (n = 41) das atletas do sexo feminino e nas modalidades coletivas 81,0% (n= 149) dos atletas do sexo masculino e 76,4% (n= 126) das atletas do sexo feminino estão satisfeitos com o esporte que praticam. A única diferença significativa nesta variável está entre os sexos: os atletas do sexo masculino estão mais satisfeitos com o esporte que praticam do que as atletas do sexo feminino.

Os resultados obtidos também apontam que há uma correlação entre estas variáveis ( $r= 0,298$   $p<0,01$ ), com uma variação positiva de 6,4%, o que significa que quanto maior a satisfação com o esporte, maior a satisfação com a vida.

Referindo-se ao *status* social subjetivo, este foi analisado em três esferas: a primeira diz respeito ao *status* familiar, como o atleta percebe sua família perante a comunidade; a segunda, ao *status* no clube, como ele se percebe no mesmo e a terceira, em que lugar o atleta gostaria de estar na equipe.

Em relação ao *status* na família, é visível na tabela 4 que os atletas do sexo masculino e do sexo feminino (49,6% n= 61 e 54,4% n= 31, respectivamente), nas modalidades individuais, apresentam um alto grau de *status* familiar perante à comunidade. Isto também acontece nas modalidades coletivas, tanto no sexo masculino (61,4% n= 113) como no sexo feminino (50,9% n= 84), o que significa que indiferente do sexo e das modalidades que os atletas praticam, os mesmos percebem que seus familiares são reconhecidos e respeitados no contexto em que vivem.

Entretanto, no *status* relacionado ao clube, nota-se na tabela 4 que os atletas do sexo masculino (51,2% n= 63) e do sexo feminino (57,9% n= 33) das modalidades individuais e os atletas do sexo masculino (58,2% n= 107) e do feminino (59,4% n= 98) das modalidades coletivas se percebem no clube com um *status* médio, o que significa que mais da metade dos atletas percebem que, ao mesmo tempo em que são respeitados, não recebem a valorização que

gostariam, não havendo nenhuma diferença significativa entre os sexos e entre as modalidades esportivas.

No que diz respeito ao *status* na equipe, em qual lugar o atleta gostaria de estar na mesma, percebe-se na tabela 4 que 87,8% (n= 108) dos atletas do sexo masculino e 87,7% (n= 50) das atletas do sexo feminino, nas modalidades individuais, bem como 86,4% (n= 159) dos atletas do sexo masculino e 90,9% (n= 150) das atletas do sexo feminino nas modalidades coletivas, gostariam de estar no topo da escada, isto é de atingir o *status* mais elevado, buscando assim, maior liderança, uma melhor renda, enfim um melhor rendimento, maior respeito dentro da equipe da qual faz parte.

A tabela 5 apresenta os resultados dos atletas catarinenses nas variáveis esquemas de gênero do autoconceito e perfil idiocêntrico-alocêntrico. Nesta tabela, os atletas são classificados de acordo com os esquemas de gênero do autoconceito em heteroesquemático masculino (HM), isoesquemático (ISOE) e heteroesquemático feminino (HF). Já em relação ao perfil idiocêntrico-alocêntrico, eles são classificados em heteroidiocêntrico (HI), isocêntrico (ISOC) e heteroalocêntrico (HA).

Percebe-se, na tabela 5, que, nas modalidades individuais, 62,6% (n= 72) atletas do sexo masculino e 57,9% (n= 33) do sexo feminino apresentam um perfil ISOE, bem como nas modalidades coletivas em que 67,9% (n= 125) dos atletas do sexo masculino e 55,8% (n= 92) do sexo feminino obtiveram o mesmo resultado, os quais se destacam por apresentarem uma simetria entre os EM e EF consistentes com a estrutura dos dois esquemas. Estes resultados apontam que os atletas ISOE estão distribuídos tanto nas modalidades consideradas individuais como nas coletivas, o que demonstra que em qualquer modalidade é necessário que o atleta tenha um comportamento equilibrado nas diferentes situações durante um jogo ou uma luta, seja no ataque ou na defesa.

No entanto, verificou-se que há uma diferença significativa entre os sexos ( $p < 0,05$ ), a qual pode estar atrelada ao fato de que os homens são mais ISOE que as mulheres. Sob outro aspecto, analisando os atletas que apresentaram outros perfis, percebe-se que as mulheres apresentam uma predominância maior para o perfil HF (28,1% n= 16 nas modalidades individuais e 27,3% n= 45 nas modalidades coletivas), isto é, são mais sensíveis, emotivas, inseguras e os homens mais para o perfil HM (31,7% n= 39 nas modalidades individuais e 22,8% n= 42 nas modalidades coletivas), ousados, firmes, corajosos, guerreiros.

Tabela 4: Nível de satisfação com a vida, satisfação com o esporte, nível do *status* social subjetivo na família, no clube e na equipe dos atletas catarinenses do sexo masculino e feminino nas modalidades esportivas:

Variáveis	Modalidades Individuais				Modalidades coletivas				Dif. Sexo p val.	Dif. Mod. p val.	
	Masculino		Feminino		Masculino		Feminino				
	(n)	%	(n)	%	(n)	%	(n)	%			
<b>Nível Satisfação Vida:</b>	Satisfeito	(95)	77,2	(48)	84,2	(154)	83,7	(130)	78,8	0,21	0,65
	Neutro	(07)	5,7	(04)	7,0	(04)	2,2	(11)	6,7		
	Insatisfeito	(21)	17,1	(05)	8,8	(26)	14,1	(24)	14,5		
<b>Nível Satisfação Esp.:</b>	Satisfeito	(95)	77,2	(41)	71,9	(149)	81,0	(126)	76,4	0,04*	0,55
	Neutro	(27)	22,0	(16)	28,1	(31)	16,8	(39)	23,6		
	Insatisfeito	(01)	0,8	-	-	(04)	2,2	-	-		
<b>SSS Família:</b>	Alto	(61)	49,6	(31)	54,4	(113)	61,4	(84)	50,9	0,05	0,22
	Médio	(57)	46,3	(26)	45,6	(68)	37,0	(80)	48,5		
	Baixo	(05)	4,1	-	-	(03)	1,6	(01)	0,6		
<b>SSS Clube:</b>	Alto	(49)	39,8	(21)	36,8	(65)	35,3	(57)	34,5	0,62	0,47
	Médio	(63)	51,2	(33)	57,9	(107)	58,2	(98)	59,4		
	Baixo	(11)	8,9	(03)	5,3	(12)	6,5	(10)	6,1		
<b>SSS Equipe:</b>	Alto	(108)	87,8	(50)	87,7	(159)	86,4	(150)	90,9	0,27	0,79
	Médio	(15)	12,2	(07)	12,3	(25)	13,6	(15)	9,1		

Fonte: Própria autora.

Teste quiquadrado, \* nível de significância  $p < 0,05$ .

Legenda: Frequência absoluta (n); Frequência relativa (%); Modalidades (Mod.); Diferença (Dif.), Esporte (Esp.) *Status* Social Subjetivo (SSS)

A tabela 5 também mostra que o número de mulheres heteroesquemáticas masculinas é baixo (14,0% n= 08 / 17,0% n= 28), assim como o número de homens heteroesquemáticos femininos (5,7% n= 07 / 9,2% n= 17) perante o número da amostra total nas modalidades individuais e nas modalidades coletivas, respectivamente.

Com os achados nesses resultados, pode-se dizer que nem todo homem atleta que participa de modalidades culturalmente femininas, apresenta comportamento feminino, bem como nem todas as mulheres que participam de modalidades masculinas, apresentam comportamentos masculinos.

A tabela 5 aponta, ainda, os resultados do perfil I-A, em que 57,7% (n= 71) dos atletas do sexo masculino e 61,4% (n= 35) do feminino nas modalidades individuais e 67,9% (n= 112) das atletas do sexo feminino nas modalidades coletivas apresentam um perfil HA. Já os atletas do sexo masculino (51,1% n= 94), nas modalidades coletivas, apresentam um perfil ISOC, podendo-se concluir que, de uma forma geral, não existe um perfil definido em relação a este constructo.

Verificou-se, contudo, que essa variável apresenta uma diferença significativa entre os sexos, sendo possível perceber que os homens não apresentam um perfil definido, pois nas modalidades individuais eles são mais coletivos, mais fiéis, preocupam-se mais com o bem estar da equipe, são HA. Já nas modalidades coletivas, eles apresentam uma simetria entre o individualismo e coletivismo, isto é, comportamentos igualitários no que diz respeito à sua equipe. No caso das mulheres, em ambas as modalidades elas apresentam um perfil HA, o que as caracteriza por apresentarem traços mais coletivistas, mais fiéis, mais submissos, mais responsáveis em relação ao bem-estar da equipe, o que as diferencia dos homens. Tais resultados apontam, nas modalidades individuais, que os atletas não são apenas individualistas, inclusive é possível verificar, nos resultados apontados, que o maior número de atletas nas modalidades individuais apresenta um perfil HA, ou seja, são mais coletivistas.

#### 4.3 MODALIDADES ESPORTIVAS DE ACORDO COM SUA NATUREZA, COMPLEXIDADE, IDENTIDADE, PONTUAÇÃO E PARTICIPAÇÃO

Para uma melhor compreensão das modalidades que foram descritas no quadro 1 (p.56), as mesmas serão analisadas de acordo com sua natureza, complexidade, identidade, pontuação e participação. A natureza, complexidade e identidade serão descritas de

Tabela 5: Esquemas de gênero do autoconceito, perfil idiocêntrico-alocêntrico dos atletas do sexo masculino e feminino nas modalidades esportivas individuais e coletivas:

Variáveis	Modalidades Individuais				Modalidades coletivas				Dif. Sexo p valor	Dif. Mod. p valor
	Masculino		Feminino		Masculino		Feminino			
	(n)	%	(n)	%	(n)	%	(n)	%		
<b>Esquema Gênero</b>										
<b>HF</b>	(07)	5,7	(16)	28,1	(17)	9,2	(45)	27,3		
<b>ISOE</b>	(77)	62,6	(33)	57,9	(125)	67,9	(92)	55,8	0,00*	0,14
<b>HM</b>	(39)	31,7	(08)	14,0	(42)	22,8	(28)	17,0		
<b>Perfil I-A</b>										
<b>HI</b>	(10)	8,1	(05)	8,8	(34)	18,5	(04)	2,4		
<b>ISOC</b>	(42)	34,1	(17)	29,8	(94)	51,1	(49)	29,7	0,00*	0,06
<b>HÁ</b>	(71)	57,7	(35)	61,4	(56)	30,4	(112)	67,9		

Fonte: Própria autora.

\* Teste quiquadrado - nível de significância  $p < 0,05$

Legenda: Frequência absoluta (n); Frequência relativa (%); Modalidades (Mod.); Diferença (Dif.); Perfil Idiocêntrico-Alocêntrico (Perfil I-A); Heteroesquemático Feminino (HF); Isoesquemático (ISOE); Heteroesquemático masculino (HM); Heteroidiocêntrico (HI); Isocêntrico (ISOC); Heteroalocêntrico (HA).

acordo com a literatura apresentada anteriormente no referencial teórico e no que diz respeito à pontuação e participação, estas serão de acordo com as regras de cada modalidade e participação neste estudo.

O quadro 3 destaca que as modalidades de Atletismo, Ginástica Olímpica (GO), Natação, Lutas (Judô, Karatê, Taekendoo, Jiu-Jitsu), Ciclismo, Tênis de Mesa e Xadrez, de acordo com sua natureza, são consideradas individuais, porém as lutas e o tênis de mesa interagem com o oponente. As modalidades de futsal, voleibol, handebol e basquetebol, são consideradas coletivas.

No entanto, quando estas modalidades são analisadas de acordo com a pontuação, percebe-se que as individuais, no final da competição, também são pontuadas por equipe (coletivamente). Este quadro mostra que as modalidades individuais, analisadas neste estudo, não são exclusivamente individuais, de uma forma ou outra sempre existem ações coletivas, seja por meio dos tipos de provas ou pontuações que acabam caracterizando-as como coletivas, o que vem a deixar um ponto de interrogação quanto à classificação da natureza individual da modalidade.

Em relação à classificação quanto ao tipo de atividade cíclica e/ou acíclica, nota-se, no quadro 3, que a natação e o ciclismo são modalidades que desenvolvem atividades cíclicas, devido a seus sprints e as demais modalidades são consideradas acíclicas. Cabe ressaltar que o atletismo apresenta provas cíclicas e acíclicas. Já no que diz respeito à complexidade das modalidades, destaca-se o atletismo, a GO, a natação, o ciclismo e o handebol como modalidades mais complexas.

Analisando a identidade de gênero no quadro 3, ressalta-se que as lutas (judô, karatê, taekendoo, jiu-jitsu), o futsal, o handebol classificam-se como masculinas, a GO e a natação como feminina e o atletismo, o ciclismo, o tênis de mesa, o xadrez, o voleibol e o basquete como neutras. Porém é importante destacar que independente da identidade de gênero da modalidade, houve a participação de mulheres e homens na maioria das modalidades, com exceção do ciclismo, que a participação foi somente masculina.

#### 4.4 ASSOCIAÇÃO ENTRE O NÍVEL DE SATISFAÇÃO COM A VIDA, COM O ESPORTE, COM O *STATUS* SOCIAL SUBJETIVO, ESQUEMAS DE GÊNERO DO AUTOCONCEITO, PERFIL I-A DOS ATLETAS CATARINENSES E COM AS MODALIDADES ESPORTIVAS

Quadro 3 - Modalidades Esportivas de acordo com sua natureza, complexidade, identidade, pontuação e participação.

Modalidades	Natureza					Identidade			Pontuação		Participação	
	Ind.	Col	Cícl.	Acíc	Compl.	M	N	F	Ind.	Eq.	M	F
Atletismo	X		X	X	X		X		X	X	X	X
Ginástica Olímpica	X			X	X			X	X	X	X	X
Natação	X		X		X			X	X	X	X	X
Judô	X			X		X			X	X	X	X
Karatê	X			X		X			X	X	X	X
Taekendo	X			X		X			X	X	X	X
Jiu-Jitsu	X			X		X			X	X	X	X
Ciclismo	X		X		X		X		X	X	X	
Tênis de Mesa	X			X			X		X	X	X	X
Xadrez	X			X			X		X	X	X	X
Futsal		X		X		X				X	X	X
Voleibol		X		X			X			X	X	X
Handebol		X		X	X	X				X	X	X
Basquetebol		X		X			X			X	X	X

Fonte: Própria autora

Legenda: Individual (Ind.); Coletiva (Col.); Cíclica (Cícl.); Acíclica (Acíc.); Complexa (Compl.); Masculina (M); Neutra (N); Feminina (F); Equipe (Eq.).

Contemplando o quarto e quinto objetivos específicos deste estudo, a Tabela 6 apresenta o nível de satisfação com a vida, dos atletas catarinenses, em relação às variáveis: sexo, nível de satisfação com o esporte, *status* social subjetivo nas três esferas: família, clube e equipe, esquemas de gênero do autoconceito, perfil I-A, nas modalidades esportivas e as possíveis associações entre o nível de satisfação com a vida e estas variáveis.

A mesma tabela aponta que há uma associação do nível de satisfação com a vida com o nível de satisfação com o esporte, em que 82,2% (n= 351) dos atletas que estão satisfeitos com o esporte, também são os que estão mais satisfeitos com suas vidas. Além disso, há uma associação com o *status* social subjetivo na família, no qual, 58,5% (n= 250) dos atletas que percebem o *status* familiar mais elevado na comunidade são os mais satisfeitos com suas vidas. A tabela 6, mostra uma associação do nível de satisfação com a vida, com o perfil I-A (52,5% n= 224), sendo os atletas HÁ os mais satisfeitos com suas vidas.

Em relação às demais variáveis ressalta-se que os atletas mais satisfeitos com suas vidas são os do sexo masculino (58,3% n= 249), os que participam das modalidades coletivas (66,5% n= 284), os que se percebem em um *status* médio no clube (56,0% n= 239), os que gostariam de estar em um *status* alto na equipe (87,8 n= 375) e os que apresentam um perfil ISOE (63,5% n= 271), porém elas não apresentam associação com o nível de satisfação com a vida.

Tabela 6: Associação do nível de satisfação com a vida, com o sexo, modalidades esportivas, satisfação com o esporte, *status* social subjetivo nas três esferas: família, clube e equipe, esquemas de gênero do autoconceito e perfil idiocêntrico-alocêntrico:

Variáveis	Nível de Satisfação com a Vida						p val.
	Satisfeito		Neutro		Insatisfeito		
	(n)	%	(n)	%	(n)	%	
<b>Sexo: Masc.</b>	(249)	58,3	(11)	42,3	(47)	61,8	0,21
<b>Fem.</b>	(178)	41,7	(15)	57,7	(29)	38,2	
<b>Modalidades:</b>							
<b>Individual</b>	(143)	33,5	(11)	42,3	(26)	34,2	0,65
<b>Coletiva</b>	(284)	66,5	(15)	57,7	(50)	65,8	

continua

Tabela 6: Associação do nível de satisfação com a vida, com o sexo, modalidades esportivas, satisfação com o esporte, *status* social subjetivo nas três esferas: família, clube e equipe, esquemas de gênero do autoconceito e perfil idiocêntrico-alocêntrico:

continuação

Variáveis	Nível de Satisfação com a Vida						p val.
	Satisfeito		Neutro		Insatisfeito		
	(n)	%	(n)	%	(n)	%	
<b>NSE:Satisfeito</b>	(351)	82,2	(17)	4,1	(43)	56,5	
Neutro	(76)	17,8	(08)	7,1	(29)	38,2	0,00
Insatisfeito	(00)	0,0	(01)	30,8	(04)	5,3	*
<b>SSS Família:</b>							
Alto	(250)	58,5	(15)	57,7	(24)	31,6	
Médio	(170)	39,8	(11)	42,3	(50)	65,8	0,00
Baixo	(07)	1,6	(00)	0,0	(02)	2,6	*
<b>SSS Clube:</b>							
Alto	(161)	37,7	(06)	23,1	(25)	32,9	
Médio	(239)	56,0	(17)	65,4	(45)	59,2	0,51
Baixo	(27)	6,3	(03)	11,5	(06)	7,9	
<b>SSS Equipe:</b>							
Alto	(375)	87,8	(22)	84,6	(70)	92,1	0,52
Médio	(52)	12,2	(04)	15,4	(06)	7,9	
<b>Esq. Gên.: HF</b>	(64)	15,0	(06)	23,1	(15)	19,7	
ISOE	(271)	63,5	(15)	57,7	(41)	53,9	0,47
HM	(92)	21,5	(05)	19,2	(20)	26,3	
<b>Perfil I-A: HI</b>	(39)	9,1	(00)	0,0	(14)	18,4	
ISOC	(164)	38,4	(09)	34,6	(29)	38,2	0,03
HA	(224)	52,5	(17)	65,4	(33)	43,4	*

Fonte: Própria autora

\*Teste quiquadrado – nível de significância  $p < 0,05$ .

Legenda: Frequência absoluta (n); Frequência relativa (%); Masculino (Masc.); Feminino (Fem.); Valor (val.); Nível de satisfação com o esporte (NSE); *Status* Social Subjetivo (SSS); Esquemas (Esq.); Gênero (Gên.); Heteroesquemático feminino (HF); Isoesquemático (ISOE); Heteroesquemático masculino (HM); Perfil Idiocêntrico-Alocêntrico (Perfil I-A); Heteroidiocêntrico (HI); Isocêntrico (ISOC); Heteroalocêntrico (HA).

No próximo capítulo, os resultados encontrados, serão discutidos de acordo com a teoria apresentada no referencial teórico.

## 5 DISCUSSÃO

A discussão realizar-se-á por meio de um texto corrido, porém seguindo a sequência dos resultados apontados no capítulo anterior.

Referindo-se ao perfil sociodemográfico e econômico dos atletas participantes, os dados deste estudo revelam que os mesmos têm em média 21,51 anos de idade, a maioria vive sem companheiro(a), pertence à classe média e declaram-se de cor branca. Em relação ao grau de instrução, a maioria dos atletas concluiu o Ensino Médio. Dados estes, de grande influência no desenvolvimento esportivo do atleta (BRONFENBRENNER, 1992), o qual identifica o mesmo dentro do esporte que pratica.

No que diz respeito ao perfil socioeconômico, Andrade et al (2014) aponta que atletas de jiu-jitsu declararam-se pertencer a uma classe econômica alta, o que não corresponde aos achados no estudo de Tineli et al. (2011) com atletas de judô e nem com este estudo com atletas de diversas modalidades. Porém, é relevante salientar que, neste estudo, em torno de 25,7% dos atletas participantes, os quais convivem com um companheiro(a), além de se dedicarem ao treinamento, também ocupam outras funções que envolvem trabalho e/ou estudo, o que também, influencia no seu nível socioeconômico. Esta influência é visível no estudo de Vieira; Vieira (2008) quando apontam que os atletas de atletismo, também ocupam outras funções, sendo que o esporte foi um caminho para a melhora de qualidade de vida, em todos os aspectos.

Quando se trata da escolaridade dos atletas, os resultados apontados não são compatíveis com o de Marques; Samulski (2009), os quais ressaltam que os atletas apresentam dificuldades de conciliar estudos e treinamentos, ocorrendo, assim, uma defasagem no nível de escolaridade, embora corroborem com o estudo de Andrade et al. (2014), os quais relatam que 45,5% dos atletas de jiu-jitsu (Florianópolis-SC) concluíram o Ensino Superior. Por outro lado, Marques; Samulski (2009) deixam um alerta em relação à dificuldade dos atletas em conciliar estudo e vida esportiva, colocando que é de responsabilidade social dos clubes oferecerem alternativas que facilitem e estimulem a continuação dos estudos, para que eles tenham uma opção vocacional futura. Deve-se ressaltar, contudo, que o incentivo para o atleta estudar e treinar depende da cultura de cada região.

Em relação a isto, percebe-se que o município de Chapecó (SC), bem como os demais municípios catarinenses, por meio das escolas de

educação básica, das universidades e dos órgãos que representam o esporte catarinense, já apresentam um movimento para sanar a lacuna que envolve a escolaridade dos atletas. Através de parceria entre estes órgãos, os atletas catarinenses são beneficiados com bolsas de estudos, tanto no Ensino Médio como no Ensino Superior, o que os incentiva a dar continuidade aos estudos durante o treinamento esportivo. Knijnik; Simões (2002) associaram o alto grau de escolarização das atletas brasileiras de handebol ao incentivo e facilidades que são fornecidos às atletas para estudarem e ainda ressaltam que, em troca disso, na época de torneios escolares e universitários, as atletas compõem as equipes das instituições patrocinadoras, como veículo de propaganda institucional.

No que se refere ao sexo, percebe-se que os homens tiveram uma maior participação neste estudo em relação às mulheres, o que, segundo Craig (2002); Guttman (1991; 2004); Potter (2011), já é percebido desde as sociedades históricas (DEANER; BALISH; LOMBARDO, 2015). Esta participação masculina pode estar associada ao fato de que os homens recebem maior incentivo às práticas esportivas do que as mulheres (Mc CARTY; JONES; CLARK-CARTES, 2008), principalmente porque os esportes ainda são considerados atividades do domínio masculino (GIBBON; LYNN; STILES, 1997; KOIUVA, 1999).

De acordo com Cardoso et al. (2009), mesmo com todas as mudanças sociais que ocorreram nas últimas décadas, os homens e as mulheres ainda vivem em diferentes “*ethos*” sociais: um dos homens, dos negócios, dos esportes e outro das mulheres, das crianças, das emoções. Embora essas características ainda estejam presentes no contexto esportivo, acredita-se que as diferenças entre os sexos em relação à participação neste estudo está relacionada a natureza da modalidade, pois, após uma análise das modalidades individuais e coletivas, percebe-se que nas coletivas a diferença é pequena entre homens e mulheres em relação às individuais, que é maior. Porém, houve uma baixa participação feminina em algumas modalidades individuais que ainda não estão bem difundidas no município de Chapecó e região oeste de Santa Catarina, devido à própria cultura da região. Para Brake (2010); Hogshead-Makar; Zimbalist (2007) as diferenças entre os sexos estão no comportamento dos atletas e não no interesse dos mesmos pelo esporte (DEANER; BALISH; LOMBARDO, 2015).

Sobre o perfil esportivo, constatou-se que os atletas catarinenses praticam o esporte de sua preferência em média há 8,36 anos, sendo que

há uma diferença significativa entre as modalidades em que os atletas (das modalidades coletivas) treinam há mais tempo do que nas individuais. De acordo com De Rose Jr et al. (2004) e Mahl; Raposo (2007) este é um tempo adequado para o atleta adquirir experiências desportivas competitivas. Experiências que refletem no condicionamento técnico, tático, físico e psicológico do atleta, que quando bem trabalhadas podem influenciar na busca por melhores resultados nas competições.

Já no que diz respeito ao tempo de treinamento (frequência e duração), os atletas treinam 4 vezes por semana, em média 2h 45min, tempo suficiente para adquirir uma ótima capacidade de jogo (KNIJNIK; SIMÕES, 2002). Em relação a este tempo, percebe-se que há uma diferença significativa entre os sexos e entre as modalidades. No que tange à frequência semanal, ressalta-se que os homens, nas modalidades coletivas, treinam mais vezes na semana em relação às mulheres, o que corrobora com o estudo de Deaner; Balish; Lombardo (2015) que também relatam que os homens praticam esportes mais frequentemente do que as mulheres, pelo menos duas vezes mais. Todavia, em termos de duração diária, os achados discordam destes autores, pois os resultados mostram que a duração do treinamento diário das mulheres é maior, tanto nas modalidades individuais como nas coletivas, o que pode explicar os melhores resultados atingidos por elas.

Sob outro aspecto, quando se trata do tipo de competição, os resultados apontados neste estudo vão ao encontro de Melo; Giavoni (2010), apontando ser a participação das mulheres em competições internacionais maior do que a participação dos homens, a qual pode estar atrelada à evolução histórica da mulher no meio esportivo, que vem quebrando barreiras e estereótipos durante vários anos, no que se refere ao corpo feminino (ADELMAN, 2003).

Indiferentemente do nível de competições, os atletas participantes deste estudo apresentam um nível elevado de satisfação com a vida e com o esporte que praticam. Nascimento Jr et al. (2011) ressalta que o nível de satisfação com a vida do atleta é um elemento interveniente na percepção de coesão das equipes esportivas, sendo que os resultados encontrados em seu estudo mostram que os atletas de futsal apresentaram um nível moderado de satisfação e altas percepções de coesão. Neste estudo, o futsal está inserido nas modalidades coletivas e encontrou-se um alto nível de satisfação dos atletas destas modalidades, o que difere dos resultados encontrados por Nascimento Jr et al. (2011). Além disso, sabe-se que não somente a coesão do grupo

(equipe), mas outros fatores influenciam na satisfação com a vida dos atletas e na satisfação com o esporte, como por exemplo a motivação, a liderança do treinador, a liderança no grupo, sendo o número relativo de líderes dentro de grupos esportivos relacionado à percepção individual de satisfação (EYES, LOUGHEAD, HARDY, 2007), entretanto estes aspectos não foram avaliados neste estudo.

Analisando as lutas, que estão inseridas nas modalidades individuais, percebe-se que os atletas de karatê e taekendo demonstraram um nível menor tanto na satisfação com a vida como na satisfação com o esporte, em relação aos atletas de judô e jiu-jitsu. Porém, encontrou-se na literatura que os atletas do taekendo não apresentam um grau de satisfação elevado devido à falta de patrocínio e à possibilidade de lesões decorrentes dos treinamentos e competições (ALBUQUERQUE et al., 2008), o que não justifica os encontrados neste estudo, pois outras modalidades também sofrem com a falta de patrocínio e a possibilidade de lesões, como mostra o estudo de Rech et al. (2003), com atletas de handebol e os próprios resultados encontrados neste estudo com outras modalidades, os quais apresentaram um elevado nível de satisfação tanto com a vida, bem como com o esporte. Neste estudo, acredita-se que o baixo número de atletas participantes no karatê e no taekendo podem ter interferido nos resultados.

Outro ponto observado foi que existe uma correlação positiva, porém baixa, entre a satisfação com a vida e com o esporte. Esta correlação baixa pode ser decorrente de dois fatores: o primeiro por ser a satisfação com a vida uma variável extrínseca, que depende do ambiente, da tarefa, determinada por condições de vida pessoal, influenciada por fatores internos como motivação, ansiedade, genética (EGITO; MATSUDO; MATSUDO, 2005; GALAHUE; OZMUN, 2005) e o segundo fator, por ter o atleta níveis diferenciados de satisfação, o que depende do seu desempenho individual e/ou coletivo (BORREGO, et al, 2010) e da sua interação no ambiente esportivo com a equipe (LOWTHER; LANE, 2002). Fatores que também dependem da motivação do atleta, a qual pode vir do espírito esportivo, bem como de fatores externos como dinheiro, troféu, fama, entre outros (BARBANTI, 2012).

Contudo, Chelladurai e Riemer (1997), Carron; Hausenblas e Eys (2005) fazem um alerta aos técnicos e treinadores sobre a necessidade dos mesmos estarem atentos ao nível de satisfação de seus atletas para que o indivíduo ou a equipe, alcance seus objetivos, pois,

segundo Chelladurai et al. (1988), a satisfação do atleta é fundamental para a avaliação de uma equipe esportiva.

Em busca do alcance desses objetivos, o indivíduo atleta usa critérios subjetivos de *status* para julgar seu próprio *status* social (SINGH-MANOUX; ADLER; MARMOT, 2003). Por exemplo, neste estudo, a maioria dos atletas percebe que suas famílias estão em um grau elevado de *status*, reconhecendo que seus familiares são respeitados no contexto social em que vivem, dispõem de uma renda razoável, apresentam um nível de escolaridade e uma ocupação na sociedade. Estes resultados corroboram com Vissoci (2009) quando ele coloca que desde as fases de experimentação (12/13 anos), os atletas já reconhecem que seus pais representam importantes pares sociais, o que se torna um forte fator motivacional para o atleta. Embora este estudo não tenha avaliado atletas de futebol, ressalta-se que Medeiros; Ferrari e Cardoso (2014) quando avaliaram os atletas de futebol de campo, de acordo com suas posições, concluíram que somente os goleiros percebem o *status* da família na comunidade como mais elevado.

Sob outra esfera, os dados também mostram que os atletas catarinenses, nas modalidades individuais e coletivas, percebem-se em um *status* médio quando relacionados ao clube. Estes resultados se justificam devido ao clube apresentar muitos fatores que não dependem das capacidades físicas, técnicas e táticas (PEREIRA, 2008). Fatores como a objetividade, a liderança, a maturidade, a dedicação, o gosto pela rotina no treino, a autocrítica, a paixão pelo esporte são trabalhados e tidos como primordiais para o desenvolvimento do atleta (PERES, LOVISOLO, 2006). Embora os atletas tenham se percebido em um *status* médio no clube, Berzonski; Kuk (2005) deixam claro que o *status* sofre modificações de acordo com o momento de vida do indivíduo.

Referindo-se ao *status* na equipe, os atletas apontam que gostariam de estar em um *status* mais elevado, no qual seriam mais respeitados pelos colegas, teriam uma melhor renda, um melhor desempenho. No que diz respeito aos atletas de rendimento, inclusive os deste estudo, percebe-se que eles buscam um destaque na equipe, a qual de acordo com Rúbio (2006) é o valor supremo da competição esportiva e está associada ao reconhecimento social, ao dinheiro e ao desejo da permanência, levando ao menosprezo de qualquer outro resultado.

Quando analisados os esquemas de gênero do autoconceito, nota-se que a maioria dos atletas classificou-se em um perfil ISOE, os quais não apresentam predomínio de um dos esquemas, demonstrando, assim, uma simetria entre o esquema masculino e feminino (GOMES,

2007; MARQUES et al., 2010; GOMES; SOTERO; GIAVONI; MELO, 2011), o que geralmente acontece em uma disputa, na qual existe a necessidade de ataque e recuo, quando necessário (GOMES; SOTERO; GIAVONI; MELO, 2011). Corroborando com os resultados deste estudo, Marques et al. (2010) também encontraram um perfil ISOE na maioria dos atletas de diversas modalidades, porém com idade entre 15 e 17 anos. Além disso, Gomes (2007); Gomes; Sotero; Giavoni; Melo (2011) ressaltam que os diferentes perfis psicológicos adequam-se melhor ao desempenho de determinadas posições do jogo e/ou a determinadas situações específicas durante o jogo, o que não foi avaliado neste estudo.

Nos resultados apresentados, também se constatou que há uma diferença significativa dos esquemas de gênero do autoconceito entre os sexos, embora a maioria dos atletas, em ambas as modalidades, apresente um perfil ISOE. Acredita-se que a principal diferença entre os sexos está relacionada com os atletas, que não são ISOE, mas que apresentam um perfil HF e HM. Neste enfoque, analisando somente as mulheres e homens não ISOE, nota-se que há uma proporção maior de mulheres com um perfil HF, isto é, mais sensíveis, emotivas, inseguras, bem como uma proporção maior de homens HM, ousados, firmes, corajosos, guerreiros, o que não corrobora com o estudo de Gilenstam; Karp S; Henriksson-Larsén (2008), os quais identificam que as mulheres praticantes de esportes tendem a apresentar comportamentos mais masculinos.

No entanto, estas diferenças confirmam o estudo de Cardoso e Sacomori (2012), em que os homens se percebem mais masculinos e as mulheres mais femininas. Estes autores ressaltam que uma mulher pode ter características muito femininas em sua cultura, mas possuir uma capacidade de liderança muito proeminente, que acabe masculinizando o seu comportamento ou a percepção que os outros têm dela. Em relação às características de masculinidade e feminilidade, Melo; Giavoni; Tróccoli (2004) assinalam que estas constituem o esporte em geral, mas podem interferir no julgamento dos indivíduos, principalmente quando o sexo do atleta contraria a característica do desporto praticado. Como exemplo disto, pode-se citar que, no decorrer do estudo, observou-se que no judô, modalidade considerada masculina, as mulheres se consideraram mais HF. O estudo de Harris (2005), também mostra a luta das mulheres heterossexuais em explicar e dar sentido à sua participação no futebol, modalidade considerada masculina.

No que se refere ao Perfil I-A dos atletas catarinenses, os mesmos não apresentaram um perfil definido, o que se atesta com os estudos de Melo; Giavoni (2010) em que as autoras também não encontraram um perfil psicológico ideal para os atletas, inclusive os diferentes perfis podem se adequar melhor a um ou a outro desporto. No entanto, esta variável apresenta uma diferença significativa entre os sexos, uma vez que, é possível perceber que os atletas do sexo masculino avaliados não apresentam um perfil definido, pois uma grande proporção se dispersa entre o perfil ISOC e o HA, nas modalidades individuais e coletivas, respectivamente; já no sexo feminino, há uma tendência maior para o perfil HA em ambas as modalidades.

Os atletas ISOC apresentam uma simetria entre o idiocentrismo e o alocentrismo. Eles são capazes de pensar, sentir e atuar segundo seus próprios interesses, mas, ao mesmo tempo, eles também são capazes de manter fortes relações com os demais membros do seu endogrupo, compartilhando os mesmos interesses (GOUVEIA, et al., 2002). Destacam-se por apresentarem comportamentos e atitudes igualitárias para com os seus grupos de pertença (equipe), ao mesmo tempo em que valorizam as conquistas individuais (MELO, 2008). Enquanto os atletas HA apresentam características mais coletivas, são mais sensíveis, emotivos, valorizam mais a família, o grupo, são mais benevolentes, características estas que segundo Melo; Giavoni (2010) apresentam um *self* interdependente com grande preocupação pela coesão e bem-estar da equipe, o que resulta em aumento da autoestima e do autoconceito.

Por meio destes achados, foi possível observar, também, que a maioria dos atletas HA que possuem um elevado grau de traços coletivos estão dispersos nas modalidades individuais. Isto pode ser explicado por Triandis et al (1985) e Triandis (1989; 1995) quando ressalta que em ambas as culturas (neste caso considera-se as modalidades individuais e coletivas) existem indivíduos com traços individualistas e coletivistas.

Outro fato que explica a coletividade nas modalidades individuais são as próprias regras, pois geralmente há um somatório de pontos para a equipe no final da competição, mesmo buscando um resultado positivo individualmente. Podem-se citar, como exemplo, as próprias lutas em que as características de um indivíduo HA são distintas aos lutadores no ambiente social e no seu desenvolvimento. Ultrapassam os limites do tatame e os atletas conseguem compartilhar os processos de treinamento, competições e seletivas, sem deixar a

competitividade por uma vaga inferir na relação de amizade (MASSA; UEZU; BOHME, 2010).

Os achados neste estudo apontam, que nas modalidades individuais, nem todos os atletas são individualistas, o que é possível verificar nos resultados gerais apontados. Das 10 modalidades consideradas individuais, em 05 os atletas apresentaram um perfil HA e das 04 modalidades coletivas, 02 apresentaram este mesmo perfil, o que segundo Melo; Giavoni (2010) apresentam atitudes mais igualitárias em relação às suas metas, aquelas pertinentes aos membros da equipe. Contudo, percebe-se que todas as modalidades elencadas como individuais neste estudo apresentam uma pontuação em equipe ou provas coletivas, como por exemplo, a natação, o atletismo, ciclismo e a GO, o que, diante da literatura referenciada, justifica a presença de indivíduos HA e abre-se um questionamento se realmente existem modalidades individuais.

De acordo com Garganta (1998), as modalidades esportivas são entendidas como um confronto entre duas equipes. Confronto que pode ser por meio da existência de uma relação ou não com os companheiros e interação direta ou não com os adversários (GONZALES, 2004). De outra forma, se a análise for de acordo com as regras e a cultura dos indivíduos, pode-se dizer que não existem modalidades individuais, mas sim modalidades, pensadas sob a ótica de uma orientação motora específica, em termos de potencialidade que o indivíduo atleta apresenta, como exemplo, modalidades de acordo com a embaticidade e a ritmicidade (CARDOSO, 2008b).

Em se tratando de regras, a pontuação obtida nas provas individuais são somadas no final da competição e os pontos vão para as equipes, como nas lutas (Judô, Jiu-Jitsu, karatê, Taekendo), na natação, no atletismo, no ciclismo, na GO, no tênis de mesa e no xadrez, lembrando que, no esporte, as regras do jogo definem um conjunto de procedimentos com guias e restrições e devem ser obedecidas (BARBANTI, 2012).

Outro fator que pode ser levado em consideração em relação às modalidades individuais e coletivas seria o fato de os atletas apresentarem traços muito fortes de coletivismo (MELO, 2008), nas modalidades consideradas “individuais”, o que, de certa forma, é necessário, pois os atletas precisam pensar na equipe, além do seu resultado individual.

No que tange a categorização das modalidades esportivas em relação a identidade de gênero, percebe-se, na literatura que ao longo da

história, estas questões vêm sendo discutidas no esporte (SÁ SLVA; SANDRE-PEREIRA; SALLES-COSTA, 2011). Tanto que, Koivula (1995) categorizou as modalidades esportivas com relação à sua identidade de gênero, como masculina, feminina ou neutra. Diante desta categorização, Deaner, Balish, Lombardo (2015) referenciam alguns autores como Deaner; Smith (2013) que ressaltam que há mais esportes masculinos do que femininos e Hogshead –Makar; Zimbalist (2007) destacam que há uma contestação desta hipótese, colocando que as diferenças subjacentes de interesses masculinos pelos esportes não são representativos, o que já era visível na antiga Esparta, em que meninas treinavam e competiam em vários esportes, inclusive nas lutas livres (GUTTMAN, 1991).

Neste estudo, percebe-se que as lutas (judô, karatê, taekendo, jiu-jitsu), o futsal, o handebol são categorizadas como masculinas, a GO e a natação como femininas e o atletismo, o ciclismo, o tênis de mesa, o xadrez, o voleibol e o basquete como neutras. Nestas modalidades, só não houve participação do sexo feminino no ciclismo, modalidade pouco divulgada na região Oeste de Santa Catarina. Contudo, a literatura aponta que, nos últimos anos, tem aumentado a participação das mulheres nos tipos de esportes tradicionalmente limitados para homens (KOCA; AŞÇI; KIRAZCR, 2005). Sob outro foco, o que se percebe nesse contexto, apesar de as mulheres estarem cada vez mais participando de esportes considerados mais masculinos, é que homens e mulheres diferem em termos de preferência e habilidade nas atividades esportivas (CARDOSO, 2008a).

Por fim, diante dos resultados apresentados, nota-se que os atletas mais satisfeitos com a vida são os do sexo masculino, participam das modalidades coletivas, apresentam uma satisfação com o esporte, percebem sua família em um *status* elevado na comunidade, percebem-se em um *status* médio no clube, gostariam de estar em um *status* elevado na equipe, além de ser os que têm um predomínio do perfil ISOE e do perfil HA. No entanto, houve uma associação do nível de satisfação com a vida somente com o nível de satisfação com o esporte, com o *status* na família e com o perfil I-A.

Em relação à associação com o esporte, é importante destacar que a satisfação de um atleta pode ser caracterizada como uma condição afetiva positiva, determinada por uma avaliação complexa das estruturas, processos e resultados relacionados com a experiência esportiva (CHELLADURAI; RIEMER, 1997). Estes autores ressaltam que, nas experiências desportivas, os processos conduzem a resultados

que, por sua vez, levam à satisfação e que tanto os processos como os resultados podem ser associados ao indivíduo ou à equipe.

Cabe destacar que o nível de satisfação com a vida pode influenciar no grau de coesão de uma equipe, levando-a a um melhor desempenho e sucesso da mesma (CARRON et al., 2002; FREITAS et al., 2009). Em relação a estas variáveis, Nascimento Júnior et al. (2011) realizou um estudo com atletas de futsal e as equipes que apresentaram melhores níveis de satisfação pessoal, também apresentaram melhores percepções de coesão de grupo, o que leva aos técnicos ficarem mais atentos à satisfação de seus atletas.

Quando se associa o nível de satisfação com a vida dos atletas catarinenses com o *status* familiar estes resultados confirmam com o estudo de Stambulova; Stephan; Japhag (2007), os quais ressaltam que os atletas considerados mais satisfeitos foram os que apresentaram um elevado nível de *status* familiar, considerando que o indivíduo usa critérios subjetivos sobre o seu próprio *status* social (SINGH-MANOUX; ADLER; MARMOT, 2003). Os indivíduos que desenvolvem melhor *status*, são propensos a terem renda mais elevada, níveis mais elevados de escolaridade e uma ocupação melhor (OPERÁRIO; ADLER; WILLIAMS, 2004; GONG, et al., 2011; SANCHÓN-MACIAS et al., 2015).

Outra variável a apresentar uma associação com o nível de satisfação com a vida é o Perfil I-A. Resultados que corroboram com o estudo de Nascimento Jr et al.(2011), quando colocam que as equipes com melhores níveis de satisfação pessoal dos atletas apresentam melhores percepções de coesão de grupo, isto é, quanto maior o envolvimento individual do atleta, melhor a integração da equipe para o alcance das metas. No que tange esta associação, pode-se dizer que as contribuições básicas dos indivíduos ao comportamento coletivo, ultrapassam os limites das relações interpessoais, adentrando a legitimidade das relações interativas e funcionais, cuja realidade existencial das equipes encontra a suas razões no sentido de disponibilidade e de consentimento hierárquico de natureza ética e moral, proporcionados por técnicos e atletas (SIMÕES; HATA; RÚBIO, 1998).

## 6 CONCLUSÃO

Ao avaliar os atletas catarinenses de alto rendimento, percebeu-se que, diante dos objetivos propostos e dos resultados encontrados, não foi possível definir um perfil ideal para os atletas, a partir das variáveis investigadas, porém há uma predominância para determinados perfis. Notou-se, também, que o nível de satisfação com a vida é de suma importância no desenvolvimento do atleta no esporte, sendo que os técnicos e dirigentes das equipes devem estar atentos a esta variável, bem como às outras aqui estudadas.

Contemplando os objetivos propostos, é possível concluir que os atletas catarinenses do sexo masculino apresentam um nível de satisfação com a vida e com o esporte, tanto nas modalidades individuais como nas coletivas, maior do que as mulheres. Porém, os atletas que praticam as modalidades coletivas, indiferente do sexo são mais satisfeitos com a vida do que os que praticam as modalidades individuais.

Em relação ao *status* social subjetivo, conclui-se que as mulheres, nas modalidades individuais, e os homens, nas modalidades coletivas, percebem sua família em um *status* mais elevado perante a comunidade, sendo que estes atletas são os que apresentam um nível maior de satisfação com a vida. Quanto à percepção do status no clube, os atletas do sexo masculino e feminino se percebem em um *status* médio, mas as mulheres, tanto nas modalidades individuais como nas coletivas, apresentam uma percepção maior do que os homens. No entanto, os atletas que se percebem neste *status* são os mais satisfeitos com a vida. No que diz respeito ao *status* na equipe, homens e mulheres atletas gostariam de estar com um *status* mais elevado na equipe, mas nas modalidades coletivas esta percepção é maior entre as mulheres do que entre os homens, diferença que não acontece nas modalidades individuais. Inclusive, estes atletas, do sexo masculino e feminino, que buscam o melhor lugar na equipe, um melhor *status*, são os que apresentam um nível de satisfação com a vida maior, em relação aos outros atletas.

Mediante os resultados, também é possível concluir que tanto os atletas do sexo masculino como do feminino apresentam um predomínio maior para o perfil ISOE, embora, tanto nas modalidades individuais como nas coletivas, os homens apontam uma predominância maior para este perfil do que as mulheres. No que diz respeito ao nível de satisfação

com a vida, os atletas que apresentam este perfil, ISOE, são os mais satisfeitos.

Por último, os atletas HA são os mais satisfeitos com suas vidas em relação aos atletas que apresentaram outros perfis, embora o alocentrismo tenha sido maior nas mulheres do que nos homens, nas modalidades coletivas e individuais. Contudo, cabe ressaltar que os homens apresentaram uma predominância para o perfil ISOC nas modalidades coletivas.

Considerando estes achados e analisando a categorização das modalidades, pode-se concluir que atualmente, tanto atletas do sexo masculino como do feminino participam de modalidades indiferente da sua classificação como feminina, neutra ou masculina. Além disso, os resultados apontam que atletas heteroalocêntricos, os que apresentam um perfil mais coletivista, estão muito presentes nas modalidades individuais.

Sugerem-se, portanto, novos estudos com esta temática nos demais estados brasileiros, ampliando o número de atletas e o número de modalidades esportivas individuais e coletivas, a fim de que os resultados possam auxiliar os técnicos, psicólogos e dirigentes das equipes, em busca de um melhor rendimento do atleta como um todo: físico, técnico, tático e psicológico.

## REFERÊNCIAS

ABBISS, C.R.; LAURSEN, P.B. Models to explain fatigue during prolonged endurance cycling. *Sports Med.* v. 35, n.10, p. 865-98, 2005.

ADELMAN, M. “Mulheres atletas: re-significações do corpo feminino?” **Rev. Est. Feministas**. Florianópolis: UFSC, v.11, n. 2, p. 445-466, 2003.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE EMPRESAS DE PESQUISA (2013). Critério de classificação econômica Brasil. Recuperado em 10 de março, 2014, de <http://www.abep.org/new/codigosConduas.aspx>

ADLER, N. E. et al. Relationship of subjective and objective social status with psychological and physiological functioning: Preliminary data in healthy, White women. **Health Psychology**, v. 19, n. 6, p. 586-592, 2000.

AFONSO, J. M. P.; GOMES, A. R. Stress ocupacional em profissionais de segurança pública: um estudo com militares da Guarda Nacional Republicana. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, v. 22, n. 2, p. 294-303, 2009.

AGRESTA, M. C.; BRANDÃO, M. R. F.; BARROS NETO, T. L. Impacto do término de carreira esportiva na situação econômica e profissional de jogadores de futebol profissional. **Rev. Bras.Ciênc. do Mov.**, v. 16, n. 1, p. 29-38, 2008.

ALBUQUERQUE, A. S.; TRÓCCOLI, B. T. Desenvolvimento de uma escala de bem-estar subjetivo. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, v. 20, n. 2, p. 153-164, 2004.

ALBUQUERQUE, F. J. B. de; SOUSA, F. M. de; MARTINS, C. R. Validação das escalas de satisfação com a vida e afetos para idosos rurais. **Psico**, v. 41, n. 1, 2010.

ALBUQUERQUE, F. J. B. de. et al. Valores humanos básicos como preditores do bem-estar subjetivo. **Psico**, v. 37, n. 2, 2006.

ALBUQUERQUE, M. R. et al. Avaliação Do perfil motivacional dos atletas de alto rendimento: Do Taekwondo brasileiro. **Rev. Iberoamericana de Psicol. del Ejercicio y el Deporte**, v. 3, n. 1, p. 75-94, 2008.

ALFERMANN, D. Career transition and concomitant changes in athletes. In: **Proceedings of 11th World Congress of Sport Psychology**. 2005.

ALFERMANN, D.; STAMBULOVA. Career transitions and career termination. **Handbook of Sport Psychology, Third Edition**, p. 712-733, 2007.

ALMAGRO, B.J.; CONDE, C. Factores motivacionales como predictores de la intención de ser físicamente activos en jóvenes jugadores de baloncesto. **Cuadernos de Psicología del Deporte**, v. 12, n. 1, p. 1-4, 2012.

AMARAL, C. M.; MELO, G. F. de.; GIAVONI, A. Incidência de faltas cometidas por jogadores futebol de campo categorizados no perfil psicológico idiocêntrico-alocêntrico. **Educ. Fís. em Rev.**, v. 4, n. 3, 2010.

AMARAL Z. M. P. do. et al. Fatores associados ao sedentarismo no lazer em idosos, Campinas, São Paulo, Brasil Variables associated with sedentary leisure time in the elderly in Campinas, São Paulo State, Brazil. **Caderno Saúde Pública**, v. 23, n. 6, p. 1329-1338, 2007.

ANDRADE A. et al. Tempo de reação, motivação e caracterização sociodemográfica de atletas iniciantes de Jiu-Jitsu. **Rev. Bras. de Ciênc. e Mov.**, v. 22, n. 1, p. 111-121, 2014.

ANDERY, M. A. et al. **Para compreender a ciência: uma perspectiva histórica**. 9ª edição. Rio de Janeiro: Espaço e Tempo; São Paulo: EDUC, 2000 436p.

ARINS, F. B. et al. Índices fisiológicos e neuromusculares relacionados à performance nas provas de 800m e 1500m rasos. **Motriz**, Rio Claro, v.17 n.2, p.338-348, 2011.

AVANCI, J.Q. et al. Fatores associados aos problemas de saúde mental em adolescentes. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, v. 23, n. 3, p. 287-294, 2007.

AZEVEDO, M. A. O.; GOMES FILHO, A.. Competitividade e inclusão social por meio do esporte. **Rev. Bras. de Ciênc.do Esp.**, v. 33, n. 3, 2011.

BALBINOTTI, A. A. M. Inventário de motivação a pratica regular de atividade física (IMPRAFE-126): 2ª versão. Porto Alegre: **Laboratório de Psicologia do Esporte**. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2004.

\_\_\_\_\_. Inventário de motivos para a prática regular de atividades físicas e esportivas (IMPRAF-132): 3ª versão. Montréal: **Service d'Intervention et de Recherche en Orientation et Psychologie**, 2010.

BALBINOTTI, M. A. A.; CAPOZZOLI, C. J. Motivação à prática regular de atividade física: um estudo exploratório com praticantes em academias de ginástica. **Rev. Bras. de Educ. Fís. e Esp.**, v. 22, n. 1, p. 63-80, 2008.

BALBINOTTI, M. A. A.; SALDANHA, R. P.; BALBINOTTI, C. A. A. Dimensões motivacionais de basquetebolistas infanto-juvenis: um estudo segundo o sexo. **Motriz Rev. Educ. Fís. (Impresso)**, v. 15, n. 2, p. 318-329, 2009.

BANDEIRA, D. R.; ARTECHE, A. X.; REPPOLD, C. T. Escala de autopercepção de Harter para adolescentes: um estudo de validação. **Psicologia: teoria e pesquisa**. Brasília. vol. 24, n. 3, p. 341-345, 2008.

BARA FILHO, M. G.; RIBEIRO, L. C. S.; GARCÍA, F. G. Comparison of personality characteristics between high-level Brazilian athletes and non-athletes. **Rev. Bras.de Med. do Esp.**, v. 11, p. 114e-118e, 2005.

BARA FILHO, M. G.; RIBEIRO, L. C. S. Personalidade e esporte: uma revisão. **Rev. Bras. Ciênc. do Mov.** v. 13, n. 2, p. 101-110, 2005.

BARBANTI, Valdir. O que é esporte?. **Rev. Bras. de Ativ. Fís.& Saúde**, v. 11, n. 1, p. 54-58, 2012.

BARBOSA, M. E. **Investigação experimental da memória: o impacto da emoção no tipo de informação recuperada**, 2009.

BARBOSA, M. L. L. **Propriedades métricas do inventário de motivação à prática regular de atividades físicas**. [dissertação]. Porto Alegre (RS): Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Escola de Educação Física, 2006.

BARBOSA, M. L. L. et al. A motivação à prática de atividade física regular relacionada à competitividade em adolescentes do sexo feminino. **Coleção Pesquisa em Educ. Fís.**, v. 7, p. 109-14, 2008.

BARDAGI, M. P.; HUTZ, C. S. Satisfação de vida, comprometimento com a carreira e exploração vocacional em estudantes universitários. **Arquivos Brasileiros de Psicologia**, v. 62, n. 1, p. 159-170, 2010.

BELON, A. P.; BARROS, M. B. A.; MARÍN-LEÓN, L. Mortality among adults: gender and socioeconomic differences in a Brazilian city. **BMC public health**, v. 12, n. 1, p. 39, 2012.

BEM S.L. The measurement of psychological androgyny. **Journal of Consulting and Clinical Psychology**, v. 42, p.155-162, 1974.

\_\_\_\_\_. Gender schema theory: A cognitive account of sex typing. **Psychological Review**, v. 88, n. 4, p. 354, 1981.

\_\_\_\_\_. Gender schema theory and self-schema theory compared: A comment on Markus, Crane, Bernstein, and Siladi's' Self-schemas and gender. **Journal Pers Social Psychoogyl**, v. 43, p. 1192-1194, 1982.

BERZONSKY, M. D.; KUK, L. S. Identity style, psychosocial maturity, and academic performance. **Personality and Individual Differences**, v. 39, n. 1, p. 235-247, 2005.

BOURDIEU, P. **Coisas Ditas**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1990. 234 p.

BORREGO, C. M. C. et al. Análise confirmatória do Questionário de Satisfação do Atleta: versão Portuguesa. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, v. 23, n. 1, p. 110-120, 2010.

BRAKE, D. L. **Getting in the game**: Title IX and the women's sports revolution. NYU Press, 2010.

BRANNON, L. **Gender**: psychological perspectives. Boston: Allyn and Bacon, 1999.

BREDEMEIER, J. et al. Versão brasileira do Quality of Care Scale: qualidade de cuidado na perspectiva de pessoas com incapacidades. **Rev. Saúde Pública**, v. 48, n. 4, p. 583-593, 2014.

BRONFENBRENNER, U. **Six Theories of Child Development**. In: VASTA, R. Ecological Systems Theory. London: Jessica Knigsley, p. 187-249, 1992.

BUENO, C. de O.; STRELHOW, M. R. W.; CÂMARA, S. G. Inserção em grupos formais e qualidade de vida entre adolescentes. **Psico-USF**, v. 15, n. 3, p. 311-320, 2010.

CABRITA, J. M. R. **Representações sociais do rugby na Grande Lisboa**. 2011. Dissertação de mestrado em sociologia e planejameto. Instituto Universitário de Lisboa. Lisboa, 2011.

CAPOZZOLI, C. J. **Motivação à prática de atividades físicas**: um estudo com praticantes em academias de ginástica de Porto Alegre. 2006. 153 f. Dissertação (Mestrado em Ciências do Movimento Humano)-Escola de Educação Física, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2006.

CAPUTO, F. et al. Exercício aeróbio: Aspectos bioenergéticos, ajustes fisiológicos, fadiga e índices de desempenho. **Rev. Bras. de Cineantrop. e Desemp. Hum.**, Florianópolis, v. 11, n. 1, p. 94-102, 2009.

CAPUTO, F. et al. Caffeine and anaerobic performance. **Rev. Bras. de Cineantrop. & Desemp. Hum.**, v. 14, n. 5, p. 602-614, 2012.

CARDOSO L. **Valores no desporto de jovens, atitudes face à prática desportiva e orientação motivacional.** Monografia de licenciatura. FCDEF - Universidade de Coimbra, 2004.

CARDOSO, F. L. Diferença sexual: o diacronismo das teorias sobre o gênero. *Mulheres em movimento*. Vitória: EDUFES, p. 65-80, 1997.

CARDOSO, F. L. O conceito de orientação sexual na encruzilhada entre sexo, gênero e motricidade. *Interamerican Journal of Psychology*, v. 42, n. 1, p. 69-79, 2008a.

\_\_\_\_\_. Etiologia da orientação sexual e suas implicações para a ciência do movimento humano/etiologia da orientação sexual. *Morvivência*, n.30, p. 197-216, 2008b.

CARDOSO, F. L.; SACOMORI, C. Identidade de gênero/sexo de atletas e sedentários. *Rev. Bras. de Ciênc.do Esp.*, v. 34, n. 4, p. 925-941, 2012.

CARDOSO, F.L.; et al. Implicações do conhecimento corporal no comportamento sexual. *Rev. Bras. de Educ. Fís. e Esp.*, São Paulo, v. 23, p. 345-354, 2009.

CARDOSO, F. L. et al. Auto-percepção corporal e preferências motoras de praticantes de dança. *Movimento*, v. 16, n. 1, p. 97-112, 2010.

CARDOSO, F. L. et al. Percepção e satisfação corporal em relação ao exercício físico. *Rev. Bras. de Ativ. Fís. & Saúde*, v. 16, n. 2, p. 95-99, 2012.

CARLO, G.; KOLLER, S. H. Desenvolvimento moral pró-social em crianças e adolescentes: conceitos, metodologias e pesquisas no Brasil. *Psicologia: Teoria e pesquisa*, v. 14, n. 2, p. 161-172, 2012.

CARNEIRO, J. G. et al. Efeito da ingestão de cafeína sobre o desempenho físico e estado de humor de ciclistas. *Rev.da Educ. Fís./UEM*, v. 24, n. 2, p. 279-286, 2013.

CARVALHO, J.M. de. Pesquisa científica e evolução social. *Educação e filosofia*. v.17, n.33, p. 185-193, jan/jun. 2003.

- CARRON, A. V.; HAUSENBLAS, H. A.; EYS, M. A. **Group dynamics in sport**. Fitness Information Technology, 2005.
- CARRON, A. V. et al. Cohesion and Performance in Sport: A meta analysis. **Journal of Sport & Exercise Psychology**, v. 24, p. 168-188, 2002.
- CASTRO, S. de. SEM CULPA DE VENCER, SEM MEDO DE SOFRER. **Redescrições**, v. 4, n. 1, 2012.
- CECHIN, F. M. et al. Motivação competitiva de "squashistas" juvenis federados. **Rev. Bras. de Educ. Fís. e Esp.**, v. 28, n. 3, p. 469-480, 2014.
- CHARON, J. M.; VIGILANT, L.G. **Sociologia**. 2ª ed. Saraiva. São Paulo, 2013.
- CHELLADURAI P; RIEMER H. A classification of the facets of athlete satisfaction. **Journal Sport Management**, v.11 n.2, p.133-59, 1997.
- CHELLADURAI, P. et al. Sport Leadership in a cross-national setting: The case of Japanese and Canadian university athletes. **Journal of Sport and Exercise Psychology**, n. 10, p. 374-389, 1988.
- COIMBRA, S.; MENDONCA, M. G. Intergenerational solidarity and satisfaction with life: mediation effects with emerging adults. **Paidéia (Ribeirão Preto)**, v. 23, n. 55, p. 161-169, 2013.
- CRAIG, S. **Sports and Games of the Ancients**. Greenwood Publishing Group, 2002.
- CROSNOE, R.; FRANK, K.; MUELLER, A. S. Gender, body size and social relations in American high schools. **Social Forces**, v. 86, n. 3, p. 1189-1216, 2008.
- DAMASCENO, M. L. et al. Associação entre comportamento alimentar, imagem corporal e esquemas de gênero do autoconceito de universitárias praticantes de atividades físicas. **Rev. Bras. de Ativ. Fís. & Saúde**, v. 16, n. 2, p. 138-143, 2012.

DARWIN, C. **Origem das espécies**. São Paulo, 1985.

DAVIS, J. A. Status symbols and the measurement of status perception. **Sociometry**, p. 154-165, 1956.

DAVIS, F. **A comunicação não-verbal**. São Paulo: Summus, 1979.

DEANER, R. O.; SMITH, B. A. Sex differences in sports across 50 societies. **Cross-Cultural Research**, v. 47, n. 3, p. 268-309, 2013.

DEANER, R. O., BALISH, S. M., & LOMBARDO, M. P. (2015, April 27). Sex Differences in Sports Interest and Motivation: An Evolutionary Perspective. **Evolutionary Behavioral Sciences**. Advance online publication. <http://dx.doi.org/10.1037/ebs0000049>

DE BOSSCHER, V.; et al. Explaining international sporting success: an international comparison of elite sport systems and policies in six countries. **Sport Management Review**, Sydney, v.12, p.113-36, 2009.

DE BOSSCHER, V.; et al. Developing a method for comparing the elite sport systems and policies of nations: a mixed research methods approach. **Journal of Sport Management**, Champaign, v.24, n.5, p.567-600, 2010.

DE LA FUENTE, F. P. et al. Perfil antropométrico, somatotipo y composición corporal de jóvenes jugadores de tenis de mesa. **RICYDE. Rev. Internac.de Cienc. del Deporte**, v. 3, n. 7, p. 11-23, 2007.

DEMAKAKOS, P. et al. Socioeconomic status and health: the role of subjective social status. **Social science & medicine**, v. 67, n. 2, p. 330-340, 2008.

DENADAI, B. S.; ORTIZ, M. J.; MELLO, M.T de. Índices fisiológicos associados com a performance aeróbia em corredores de endurance: efeitos da duração da prova. **Rev. Bras. de Med. do Esp.**, v. 10, n. 5, p. 401-4, 2004.

DE ROSE JR, D.; KORSASAKAS, P. O processo de competição e o ensino do desporto. **Pedagogia do Desporto**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2006.

DE ROSE JR, D. et al. Situações de jogo como fonte de " stress" em modalidades esportivas coletivas. **Rev. Bras. de Educ.Fís. e Esp.**, v. 18, n. 4, p. 385-395, 2004.

DIAS, R. G. Genética, performance física humana e doping genético: o senso comum versus a realidade científica. **Rev. Bras. de Med. do Esp.**, v. 17, n. 1, p. 62-70, 2011.

DIAS, M. H.; SOUSA, E. L. A. de. High performance sports: psychoanalytics and utopians reflections. **Psicologia & Sociedade**, v. 24, n. 3, p. 729-738, 2012.

DIAS, R. G. et al. Polimorfismos genéticos determinantes da performance física em atletas de elite. **Rev. Bras. de Med. do Esp.**, v. 13, n. 3, p. 209-16, 2007.

DÍAZ, E.M. et al. Empleados y desempleados, atribuciones causales y bienestar subjetivo. **Psicologia & Sociedade**, v. 25, n. 2, p. 440-450, 2013.

DIENER, E. Subjective well-being. **Psychological Bulletin**. v.95, p. 542-575, 1984.

DIENER, E.; BISWAS-DIENER, R. New directions in subjective well-being research: The cutting edge. **Indian Journal of Clinical Psychology**, v. 27, n. 1, p. 21-33, 2000.

DIENER, E. et al. The satisfaction with life scale. **Journal of personality assessment**, v. 49, n. 1, p. 71-75, 1985.

DIENER, E. et al. Subjective well-being: Three decades of progress. **Psychological bulletin**, v. 125, n. 2, p. 276, 1999.

DUNNING, E. A dinâmica do desporto moderno: notas sobre a luta pelos resultados e o significado social do desporto. In: N. Elias & E. Dunning, **A Busca da excitação**, p. 299-325, 1992.

DURAND-BUSH, N.; SALMELA, J.H. The development and maintenance of expert athletic performance: perceptions of world and

olympic champions. **Journal of Applied Sport Psychology**, v.4, p.154-71, 2002.

EDWARDS, D. A.; WETZEL, K.; WYNER, D. R. Intercollegiate soccer: saliva cortisol and testosterone are elevated during competition, and testosterone is related to status and social connectedness with teammates. **Physiology & behavior**, v. 87, n. 1, p. 135-143, 2006.

EGITO, M.; MATSUDO, S.; MATSUDO, V. Auto-estima e satisfação com a vida de mulheres adultas praticantes de atividade física de acordo com a idade cronológica. **Rev. Bras. Ciênc. do Mov.**, v. 13, n. 3, p. 59-66, 2005.

ELIAS, Norbert. **A sociedade dos indivíduos**. Zahar, 1994. 201p.

ELIAS, N. **Mozart**: sociologia de um gênio. Zahar, 1995.

ELIAS, N.; DUNNING, E. **Deporte y ocio en el proceso de la civilización**. 2ª edição, México: Fondo de Cultura Econômica, 1995

EMMONS, R. A. Personal strivings: An approach to personality and subjective well-being. **Journal of Personality and Social psychology**, v. 51, n. 5, p. 1058, 1986.

ERIKSON, E. H. **Identity: Youth and crisis**. WW Norton & Company, 1968.

EYS, M. et al. Role ambiguity and athlete satisfaction. **Journal of sports sciences**, v. 21, n. 5, p. 391-401, 2003.

EYS, M. A.; LOUGHEAD, T.M.; HARDY, J. Athlete leadership dispersion and satisfaction in interactive sport teams. **Psychology of Sport and Exercise**, v. 8, n. 3, p. 281-296, 2007.

FARAH, B. Q. et al. Análise descritiva do desempenho em uma prova de 100 m nado livre feminino baseada em variáveis biomecânicas. **Rev. Bras. Educ. Fís. e Esp.**, v. 24, n. 4, p. 463-69, 2010.

FERNANDES, M.G.; RAPOSO, J.V.; FERNANDES, H.M. Relação entre orientações motivacionais, ansiedade e autoconfiança, e bem-estar subjetivo em atletas brasileiros. **Motricidade**, v. 8, n. 3, p. 4-18, 2012.

FIGUEIREDO, D.; LIMA, M. P.; SOUSA, L. Os “pacientes esquecidos”: satisfação com a vida e percepção de saúde em cuidadores familiares de idosos. **Kairós. Rev. da Fac. de Ciênc. Hum. e Saúde**. v. 12, n. 1, 2009.

FONSECA, P. N. da.; CHAVES, S. S da S.; GOUVEIA, V.V. Professores do ensino fundamental e bem-estar subjetivo: uma explicação baseada em valores. **Psico-USF**, v. 11, n. 1, p. 45-52, 2006.

FORMIGA, N.S.; CAMINO, L. A Dimensão do Inventário de Papeis Sexuais (BSRI): A masculinidade e feminilidade em universitários. **Estudos de psicologia (Campinas)**, v. 18, n. 2, p. 41-49, 2001.

FRANÇA, L. M. de. **A filosofia da história hegeliana e a trindade cristã**. 3º Encontro de Pesquisa na Graduação de Filosofia da UNESP, vol. 1, nº 1, 2008.

FRANZINI, L.; FERNANDEZ-ESQUER, M. E.. The association of subjective social status and health in low-income Mexican-origin individuals in Texas. **Social science & medicine**, v. 63, n. 3, p. 788-804, 2006.

FRASER-THOMAS, J.; COTE, J.; DEAKIN, J. Examining adolescent sport dropout and prolonged engagement from a developmental perspective. **Journal of Applied Sport Psychology**, v. 20, n. 3, p. 318-333, 2008.

FREITAS, C.M.S.M. de. et al. Aspectos psicossociais que interferem no rendimento de modalidades desportivas coletivas. **Rev. Bras. de Cineantrop. e Desemp. Hum.**, v. 11, n. 2, p. 195-201, 2009.

FRIEDMAN, T. L. **La tierra es plana: breve historia del mundo globalizado del siglo XXI**. Madrid (España) Martínez Roca, 11ª edição, 2012.

GALLAHUE, David L.; OZMUN, John C. **Compreendendo o desenvolvimento motor**: bebês, crianças, adolescentes e adultos. 3 ed. . São Paulo: Phorte, 2005.

GARGANTA, J. **Analisar o jogo nos jogos desportivos colectivos**. Uma preocupação comum ao treinador e ao investigador. 1998.

GAYA, A. **Ciências do movimento humano: introdução à metodologia da pesquisa**. Artmed, Porto Alegre, 2008. 304p.

GIACOMONI, C. H. **Bem-estar subjetivo infantil: conceito de felicidade e construção de instrumentos para avaliação**. 2002. Tese de Doutorado. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2002.

GIAVONI, A. **A interação entre os esquemas masculino e feminino do autoconceito. Modelo interativo**. 2000. Tese de doutorado (Doutorado em Psicologia) - Universidade de Brasília, Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico, 2000.

GIAVONI, A. Estereótipos sexuais aplicados às nadadoras. **Rev. Bras. Ciênc. e Mov.**, Brasília, v. 10, n. 2, 2002.

GIAVONI, A.; TAMAYO, Á. Inventário dos esquemas de gênero do autoconceito (IEGA). **Psicologia: teoria e pesquisa**, v. 16, n. 2, p. 175-184, 2000.

\_\_\_\_\_. Inventário masculino dos esquemas de gênero do autoconceito (IMEGA). **Psicologia: teoria e pesquisa**, v. 19, n. 3, p. 249-259, 2003.

\_\_\_\_\_. Inventário feminino dos esquemas de gênero do autoconceito (IFEGA) **Rev. de Est. de Psicol.**, v. 10, p. 25-34, 2005.

\_\_\_\_\_. The psychological synthesis evaluated by the Interactive Model. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, v. 23, n. 3, p. 593-601, 2010.

GIBBON, J.L., LYNN, M., STILES, D.A. Cross-National Gender Differences in Adolescents' Preferences for Free-Time Activities. **Cross-Cultural Research**. v.31, p.55-69, 1997.

GILENSTAM, K.; KARP, S.; HENRIKSSON-LARSÉN, K. Gender in ice hockey: women in a male territory. **Scandinavian journal of medicine & science in sports**, v. 18, n. 2, p. 235-249, 2008.

GLATZER, W. Subjective well-being-components of well-being. **Social Indicators Research**, v. 19, n. 1, p. 25-31, 1987.

GOMES, S.A. **Tipologia dos esquemas de gênero e os níveis de aptidão física dos atletas de futsal**. Brasília. 2007. 87f. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Universidade Católica de Brasília, Brasília, 2007.

GOMES, A. R.; PEREIRA, A. P.; PINHEIRO, A. R. Liderança, coesão e satisfação em equipes desportivas: um estudo com atletas portugueses de futebol e futsal. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, v. 21, n. 3, p. 482-491, 2008.

GOMES, R.; PAIVA, P. Leadership, coach-athlete compatibility and satisfaction in handball: perceptions of novice and experienced athletes. **Psico-USF**, v. 15, n. 2, p. 235-248, 2010.

GOMES, A.R.; SOTERO, R. C.; GIAVONI, A.; MELO, G.F. Avaliação da Composição Corporal e dos Níveis de Aptidão Física de Atletas de Futsal Classificados Segundo a Tipologia dos Esquemas de Gênero. **Rev. Bras. Med. do Esp.**, vol. 17, n. 3, p. 156-160, mai/jun 2011.

GOMES, A.R.; TEIXEIRA, F. Influência dos processos de avaliação cognitiva na atividade laboral de bombeiros portugueses. **Psico-USF**, Bragança Paulista, v. 18, n. 2, p. 309-320, 2013.

GONDIM, S. M. G. et al. Gênero, autoconceito e trabalho na perspectiva de brasileiros e angolanos. **Cadernos de Psicologia Social do Trabalho**, v. 16, n. 2, p. 153-165, 2013.

GONG, F., et al. A life course perspective on migration and mental health among Asian immigrants: The role of human agency. **Social Science & Medicine**, v. 73, n. 11, p. 1618-1626, 2011.

GONZÁLEZ, F. J. Sistema de classificação de esportes com base nos critérios: cooperação, interação com o adversário, ambiente,

desempenho comparado e objetivos táticos da ação. **Lecturas: Educación física y deportes**, n. 71, p. 3, 2004.

GONZALEZ, R. H. et al. A motivação à prática de atividade física regular relacionada à Competitividade em adolescentes do sexo masculino. **Coleção Pesquisa em Educação Física**, v. 7, p. 59-66, 2008.

GOODMAN, E. et al. Adolescents' perceptions of social status: development and evaluation of a new indicator. **Pediatrics**, v. 108, n. 2, p. E31, 2001.

GOODMAN, E. et al. Impact of objective and subjective social status on obesity in a biracial cohort of adolescents. **Obesity Research**, v. 11, n. 8, p. 1018-1026, 2003.

GOULD, D.; DIEFFENBACH, K.; MOFFETT, A. The development of psychological talent in US Olympic champions. **Grant sponsored by the Sport Science and Technology Division of the United States Olympic Committee**, 2001.

GOULD, D., et al. The role of parents in tennis success: Focus group interviews with junior coaches. **The sport Psychologist**, Amsterdam, v. 22, p. 18-37, 2008.

GOUVEIA, V. V. et al. Escala multi-fatorial de individualismo e coletivismo: Elaboração e validação de construto. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, v. 18, n. 2, p. 203-212, 2002.

GOUVEIA, V. V. et al. A utilização do QSG-12 na população geral: estudo de sua validade de construto. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, v. 19, n. 3, p. 241-248, 2003.

GOUVEIA, V. V. et al. Medindo a satisfação com a vida dos médicos no Brasil. **Jornal Brasileiro Psiquiatria**, v. 54, n. 4, p. 298-305, 2005.

GOUVEIA, V. V. et al. Life satisfaction in Brazil: Testing the psychometric properties of the satisfaction with life scale (SWLS) in five Brazilian samples. **Social Indicators Research**, v. 90, n. 2, p. 267-277, 2009.

GRECO, J. **Iniciação esportiva universal**: Da aprendizagem motora ao treinamento técnico. Belo Horizonte, UFMG, 1998.

GREEN, M. Changing policy priorities for sport in England: the emergence of elite sport development as a key policy concern. **Leisure Studies**, Colchester, v.23, n.4, p.365-85, 2004

GREEN, M.; OAKLEY, B. Elite sport development systems and playing to win: uniformity and diversity in international approaches. **Leisure studies**, v. 20, n. 4, p. 247-267, 2001.

GUEDEA, M. T. D. et al. Relação do bem-estar subjetivo, estratégias de enfrentamento e apoio social em idosos. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, v. 19, n. 2, p. 301-308, 2006.

GUGLIELMO, L. G. A. **Efeitos de diferentes tipos de treinamento sobre a intensidade e o tempo de exaustão a 100 % do VO<sub>2</sub>max**. 2005. Tese (Doutorado em Ciências da Motricidade)-Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, 2005.

GUGLIELMO, L. G. A.; GRECO, C. C.; DENADAI, B.S. Relação da potência aeróbica máxima e da força muscular com a economia de corrida em atletas de endurance. **Rev. Bras. Med. do Esp.**, v. 11, p. 53-6, 2005.

GUTTIERRES, A. P. M. et al. Ergogenic effect of a caffeinated sports drink on performance in soccer specific abilities tests. **Rev. Bras. de Med. do Esp.**, v. 15, n. 6, p. 450-454, 2009.

GUTTMANN, A. **From Ritual to Record: The Nature of Modern Sports**. Columbia University Press, 1979.

\_\_\_\_\_. **Women's sports: A history**. Columbia University Press, 1991.

\_\_\_\_\_. **Sports: The first five millennia**. Univ of Massachusetts Press, 2004.

HARRINGE, M. L.; LINDBLAD, S.; WERNER, S. Do team gymnasts compete in spite of symptoms from an injury?. **British journal of sports medicine**, v. 38, n. 4, p. 398-401, 2004.

HARRINGE, M. L.; RENSTRÖM, P.; WERNER, S. Injury incidence, mechanism and diagnosis in top-level teamgym: a prospective study conducted over one season. **Scandinavian journal of medicine & science in sports**, v. 17, n. 2, p. 115-119, 2007.

HARRIS, J. The image problem in women's football. **Journal of Sport & Social Issues**, v. 29, n. 2, p. 184-197, 2005.

HARRISON, L. A.; LYNCH, A. B. Social role theory and the perceived gender role orientation of athletes. **Sex roles**, v. 52, n. 3-4, p. 227-236, 2005.

HARRISON, C. K. et al. The role of gender identities and stereotype salience with the academic performance of male and female college athletes. **Journal of Sport & Social Issues**, v. 33, n. 1, p. 78-96, 2009.

HERNANDEZ, J. A. E.. Reevaluating the Bem Sex-Role Inventory. **Estudos de Psicologia (Campinas)**, v. 26, n. 1, p. 73-83, 2009.

HERNANDEZ, J. A. E.; OLIVEIRA, T. C. Autopercepção de papéis sexuais em professores de Educação Física: um estudo exploratório. **Lecturas: Educación física y deportes**, n. 98, p. 13, 2006.

HERNANDEZ, J. A. E.; HUTZ, C. S. Gravidez do primeiro filho: papéis sexuais, ajustamento conjugal e emocional. **Psicologia: teoria e pesquisa**, v. 24, n. 2, p. 133-141, 2008.

HERNANDEZ, J. A. E.; SOARES, V. L. A. B. Gênero, amor e satisfação em casais homo e heterossexuais. **Relações românticas, conjugais e parassociais**, p. 68, 2013.

HOFSTEDE, G. **Culture's consequences**. Beverly Hills. 1980.

HOGSHEAD-MAKAR, N.; ZIMBALIST, A.S. (Ed.). **Equal play: Title IX and social change**. Temple University Press, 2007.

HORIKAWA, M.; YAGI, A. The relationships among trait anxiety, state anxiety and the goal performance of penalty shoot-out by university soccer players. **PloS one**, v. 7, n. 4, p. e35727, 2012.

HOULIHAN, Barrie; GREEN, Mick (Ed.). **Comparative Elite Sport Development: Systems, Structures and Public Policy**. Routledge, 2008.

HU, P., et al. Relationship between subjective social status and measures of health in older Taiwanese persons. **Journal of the American Geriatrics Society**, v. 53, n. 3, p. 483-488, 2005.

HUI, C. H. Measurement of individualism-collectivism. **Journal of research in personality**, v. 22, n. 1, p. 17-36, 1988.

HUTZ, C. S.; KOLLER, S. H. A mensuração do gênero: Uma readaptação do BSRI. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, v. 5, n. 2, p. 15-21, 1992.

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. (2008). Características Étnico-raciais da População: Um estudo das categorias de classificação de cor ou raça. Recuperado em 10 de março, 2014, de [http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/caracteristicas\\_raciais/PCERP2008.pdf](http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/caracteristicas_raciais/PCERP2008.pdf)

JACKMAN, M. R.; JACKMAN, R. W. An interpretation of the relation between objective and subjective social status. **American Sociological Review**, p. 569-582, 1973.

JOIA, L.C.; RUIZ, T.; DONALISIO, M. R. Condições associadas ao grau de satisfação com a vida entre a população de idosos. **Rev. Saúde Pública**, v. 41, n. 1, p. 131-8, 2007.

JUCHEM L. **Motivação à prática regular de atividades físicas: um estudo sobre tenistas brasileiros infanto-juvenis**. 2006. [dissertação]. Porto Alegre (RS): Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Escola de Educação Física; 2006.

KALITERNA, LJ; PRIZMIC, L. Z.; ZGANEC, N. Quality of life, life satisfaction and happiness in shift-and non-shiftworkers. **Rev. Saúde Pública**, v. 38, p. 3-10, 2004.

KNIJNIK, J. D.; SIMÕES, A. C. Características sócio-culturais das atletas de elite do handebol brasileiro no ano de 2000. **Rev. Bras. Ciênc. do Mov.**, v. 10, n. 2, p. 63-70, 2002.

KOCA, C.; AŞÇI, F. H.; KIRAZCR, S. Gender role orientation of athletes and non athletes in a patriarchal society: A study in Turkey. **Sex Roles**, v. 52, n. 3-4, p. 217-225, 2005.

KOIUVA N. Sport participation: differences in motivation and actual participation due to gender typing. **Journal of Sport Behavior**, v. 22, p. 360-380, 1999.

KOIVULA, N. Rating gender appropriateness of sports participation: Effects of gender-based schematic processing. **Sex Roles**, New York, v.33, p. 543-557, 1995.

LACERDA, G. B. de. Auguste Comte and " Positivism" rediscovered. **Rev. de Sociol. e Política**, v. 17, n. 34, p. 319-343, 2009.

LALLY, P. Identity and athletic retirement: A prospective study. **Psychology of Sport and Exercise**, Amsterdam, v. 8, p. 85-99, 2007.

LECHNER, F. J.; BOLI, J. (Ed.). **The globalization reader**. John Wiley & Sons, 2014.

LEITE, C. D. **Avaliação da percepção e tolerância à dor aguda dos grupos tipológicos de esquemas de gênero**. 2009. Tese de Doutorado. Universidade Católica de Brasília, 2009.

LEVANDOSKI, G. **Análise de fatores associados ao comportamento bullying no ambiente escolar: Características cineantropométricas e psicossociais**. 2009. Tese de Doutorado. Dissertação de Mestrado em Ciências do Movimento Humano, Universidade do Estado de Santa Catarina, Florianópolis, SC, Brasil, 2009.

LEVERITT, M.; ROSS, A.; RIEK, S. **Neural influences on sprint running**: training adaptations and acute responses. 2001.

LEVY, M. M. Bem-estar e locus de controle no esporte. **Rev. Bras.de Psicol. do Esp.**, v. 2, n. 1, p. 01-23, 2008.

LOPES, M. C.; SAMULSKI, D. M.; SILVA, L. A. da. Validação do questionário de satisfação do atleta: versão liderança. **Rev. Bras.Ciênc. do Mov.**, v. 15, n. 4, p. 47-56, 2007.

LORES, A. I. P. et al. Motivos de práctica físico-deportiva según la edad y el género en una muestra de universitarios. **Apunts: educación física y deportes**, n. 76, p. 13-21, 2004.

LOWTHER, J.; LANE, A. Relationships between mood, cohesion and satisfaction with performance among soccer players. **Athletic Insight**, v. 4, n. 3, p. 57-69, 2002.

LOUGHEAD, T. M.; HARDY, J.; EYS, M. A. The nature of athlete leadership. **Journal of Sport Behavior**, v. 29, n. 2, p. 142, 2006.

LUNA-BERNAL, A. C. Funcionamiento familiar, conflictos con los padres y satisfacción con la vida de familia en adolescentes bachilleres. **Acta Colombiana de Psicología**, v. 15, n. 1, p. 77-85, 2012.

MACHADO, W. de L.; BANDEIRA, D. R.; PAWLOWSKI, J. Validação da Psychological Well-being Scale em uma amostra de estudantes universitários. **Avaliação Psicológica**, v. 12, n. 2, p. 263-272, 2013.

MACLEOD, J. et al. Is subjective social status a more important determinant of health than objective social status? Evidence from a prospective observational study of Scottish men. **Social science & medicine**, v. 61, n. 9, p. 1916-1929, 2005.

MCCARTHY, P. J.; JONES, M. V.; CLARK-CARTER, D. Understanding enjoyment in youth sport: A developmental perspective. **Psychology of Sport and Exercise**, v. 9, n. 2, p. 142-156, 2008.

MAGEE, J.C.; GALINSKY, A.D. Social Hierarchy: The Self-Reinforcing Nature of Power and Status. **The Academy of Management Annals**, v. 2, n. 1, p. 351-398, 2008.

MAHL, A.; RAPOSO, J. V. Perfil psicológico de prestação de jogadores profissionais de futebol do Brasil. **Rev. Portuguesa de Ciênc. do Desp.**, v. 7, n. 1, p. 80-91, 2007.

MARCONI, E.V.; LAKATOS, M.A. **Fundamentos de metodologia científica**. 5 ed. São Paulo: Atlas, 2003.

MARKUS, H. Self-schemata and processing information about the self. **Journal of personality and social psychology**, v. 35, n. 2, p. 63-78, 1977.

MARKUS, H. et al. Self-schemas and gender. **Journal of Personality and Social Psychology**, v. 42, p. 38-50, 1982.

MARQUES, C.M. **Estudo correlativo entre atitudes e a orientação motivacional para o ego: estudo realizado em jovens atletas em função do gênero, contexto de prática e tipo de modalidade**. 2005. Dissertação em Ciências do Desporto e Educação Física, Universidade de Coimbra, Coimbra, Portugal, 2005.

MARQUES, M.P.; SAMULSKI, D. M. Análise da carreira esportiva de jovens atletas de futebol na transição da fase amadora para a fase profissional: escolaridade, iniciação, contexto sócio-familiar e planejamento da carreira. **Rev. Bras. de Educ. Fís. e Esp.**, v. 23, n. 2, p. 103-119, 2009.

MARQUES, R. da S. et al. Os níveis de estresse pré-competitivo de atletas classificados segundo a tipologia dos esquemas de gênero. **Motriz Rev. de Educ. Fís. (Impresso)**, v. 16, n. 1, p. 59-68, 2010.

MASSA, M; UEZU, R; BÖHME, M.T.S. Judocas olímpicos brasileiros: fatores de apoio psicossocial para o desenvolvimento do talento esportivo. **Rev.Bras. de Educ. Fís. e Esp.**, São Paulo, v. 24, n. 4, p. 471-481, 2010

MATTA, A.; BIZARRO, L.; REPPOLD, C.T. Crenças irracionais, ajustamento psicológico e satisfação de vida em estudantes universitários. **Psico-USF**, v. 14, n. 1, p. 71-81, 2009.

MAUREIRA, F. Motivos para participar en competiciones de resistencia en corredores urbanos de Chile. **Cuadernos de Psicología del Deporte**, v. 14, n. 2, p. 145-150, 2014.

MEDEIROS, T. E.; FERRARI, E. P.; CARDOSO, F. L. Relação entre status social subjetivo e esquemas de gênero do autoconceito em jogadores de futebol. **Rev. Pesq. e Prát. Psicossociais**, v. 9, n. 1, p. 106-117, 2014.

MEIRA, T. de B.; BASTOS, F. da C.; BÖHME, M. T. S. Analysis of the organizational structure of elite sport in Brazil: a preliminary study. **Rev. Bras.de Educ. Fís. e Esp.**, v. 26, n. 2, p. 251-262, 2012.  
MEIRELES M.A.; CUSTÓDIO, M.R.M. Diferenças do autoconceito entre enfermeiros portadores de estoma intestinal. **Encontro Rev. de Psicol.**, v.14 n. 20, 2011.

MELO, G. F.de.; GIAVONI, A.; TRÓCCOLI, B. T. Estereótipos de gênero aplicados a mulheres atletas. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, v. 20, n. 3, p. 251-256, 2004.

MELO, G. F. de. **Perfil psicológico de atletas brasileiros baseado na teoria do individualismo-coletivismo e na metodologia do modelo interativo**. 2008. Tese de doutorado. Programa de Pós-graduação Strictu-Sensu em Educação Física, Universidade Católica de Brasília, Brasília, 2008.

MELO, G.F; GIAVONI, A. O perfil psicológico de atletas baseado na teoria do individualismo e do coletivismo. **Rev. Bras. de Psicol. do Esp.**, v. 3, n. 1, p. 2-18, 2010.

\_\_\_\_\_. Application of the interactive modl in the context of individualism and collectivism. **Avaliação Psicológica** [online]. v.10 n.1, p. 81-89, 2011.

MELO, G.F.; GIAVONI, A.; CUSTÓDIO, M.R.M. Differences in muscular strength acquisition between gender schema typological groups. **Motricidade**, v. 8, n. 2, p. 970-980, 2012.

MONEY, J. **Sin, science, and the sex police**: Essays on sexology & sexosophy. New York: Prometheus Books, 1998.

MORAES, L. C.; RABELO, A. S.; SALMELA, J. H. Papel dos pais no desenvolvimento de jovens futebolistas. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, Porto Alegre, v. 17, n. 2, p. 211-222, 2004.

MORALES, B. S. et al. Satisfacción con la alimentación y la vida, un estudio exploratorio en estudiantes de la Universidad de La Frontera, Temuco-Chile. **Psicologia & Sociedade**, v. 23, n. 2, p. 426-435, 2011.

MORIN, E. **As duas globalizações**: complexidade e comunicação, uma pedagogia do presente. Edipucrs, 2001.

MORRIS, D. **O macaco nu**. 1967.

MURAD, M. **Sociologia e Educação Física: diálogos, linguagens do corpo, esportes**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2009. 204p.  
NASCIMENTO JR, J. R. A. et al. Nível de satisfação do atleta e coesão de grupo em equipes de futsal adulto. **Rev. Bras. Cineantrop. e Desemp. Hum.**, v. 13, n. 2, p. 138-144, 2011.

NORIEGA, J. A. V. et al. Locus de controle em uma população do nordeste brasileiro. **Psicologia: teoria e pesquisa**, v. 19, n. 3, p. 211-220, 2003.

NUNES, C. H. S.; HUTZ, C. S.; GIACOMONI, C. H. Associação entre bem estar subjetivo e personalidade no modelo dos cinco grandes fatores. **Avaliação Psicológica**, v. 8, n. 1, p. 99-108, 2009.

NUNES, M.F.O., et al. Subjective well-being and time use of brazilian PhD professors. **Paidéia (Ribeirão Preto)**, v. 24, n. 59, p. 379-387, 2014.

ODEA, J.A.; CAPUTI, P. Association between socioeconomic status, weight, age and gender, and the body image and weight control practices of 6-to 19-year-old children and adolescents. **Health education research**, v. 16, n. 5, p. 521-532, 2001.

OISHI, S.; et al. The measurement of values and individualism-collectivism. **Personality and Social Psychology Bulletin**, v. 24, n. 11, p. 1177-1189, 1998.

OLIVEIRA, F. G.; COSTA, S. P. P. J.; RODRIGUES, A. E. G. Satisfação com a vida em portadores de necessidades especiais. **Saúde coletiva: coletânea**, v. 2, 2008.

OLLIVIER, M. Status em sociedades pós-modernas: a renovação de um conceito. **Lua Nova**, São Paulo, n. 77, p. 41-71, 2009.

OPERARIO, D.; ADLER, N. E.; WILLIAMS, D.R. Subjective social status: Reliability and predictive utility for global health. **Psychology & Health**, v. 19, n. 2, p. 237-246, 2004.

OSTROVE, J. M. et al. Objective and subjective assessments of socioeconomic status and their relationship to self-rated health in an ethnically diverse sample of pregnant women. **Health Psychology**, v. 19, n. 6, p. 613, 2000.

PASSOS, L. C. P. **O gênero e o auto-conceito**: contributos para o estudo do papel do gênero na formação do auto-conceito. 2010.

PAVOT, W. et al. Further validation of the Satisfaction with Life Scale: Evidence for the cross-method convergence of well-being measures. **Journal of personality assessment**, v. 57, n. 1, p. 149-161, 1991.

PEREIRA, A. B. **A construção social do tipo “jogador de futebol profissional”: um estudo sobre os repertórios usados por jogadores de distintas categorias etárias e por integrante de suas matrizes**. 2008. Tese de Doutorado. Tese de doutorado em Psicologia Social. PUCSP, 2008.

PERES, L.; LOVISOLO, H. Formação esportiva: teoria e visões do atleta de elite no Brasil. **Rev. da Educ. Fís./UEM**, Maringá, v. 17, n. 2, p. 211-218, 2006.

PIERON, M. Estilo de Vida, Prática de Atividades Físicas e Esportivas: qualidade de vida. **Fitness & performance journal**, n. 1, p. 10-17, 2004.

PRONI, M. W. **Esporte-espetáculo e futebol-empresa**. 1998. Tese de Doutorado. Universidade Estadual de Campinas. Campinas.

\_\_\_\_\_. **A metamorfose do futebol**. Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Economia, 2000.

\_\_\_\_\_. Proposições para o estudo do esporte contemporâneo. **Rev. da ALESDE**, v. 1, n. 1, p. 166-182, 2011.

POTTER, D. **The victor's crown: a history of ancient sport from Homer to Byzantium**. Oxford University Press, 2011.

PUMMELL, B.; HARWOOD, C.; LAVALLE, D. Jumping to the next level: a qualitative examination of within-career transition in adolescent event riders. **Psychology of Sport and Exercise**, Amsterdam, v.9, p.427-47, 2008.

RECH, C.R. et al. Avaliação psicossocial de atletas de handebol juvenil da cidade de Santa Maria-RS. Revista Digital – Buenos Aires – Año 9 – Nº 60 – Mayo de 2003. <http://www.efdeportes.com/> acesso em março 2015.

REMOR, E.; GÓMEZ, M. A. Efecto de un programa de intervención para la potenciación de las fortalezas y los recursos psicológicos sobre el estado de ánimo, optimismo, quejas de salud subjetivas y la satisfacción con la vida en estudiantes universitarios. **Acta colombiana de Psicología**, v. 15, n. 2, p. 75-85, 2012.

RESENDE, M. C.de. et al. Rede de relações sociais e satisfação com a vida de adultos e idosos. **Psicologia para América Latina**, n. 5, p. 0-0, 2006.

RESENDE, M.C. de, et al. Envelhecer atuando: bem-estar subjetivo, apoio social e resiliência em participantes de grupo de teatro Fractal: **Rev. de Psicologia**, v. 22 – n. 3, p. 591-608, 2010.

RESENDE, M.C.; GOUVEIA, V.V. Qualidade de vida em adultos com deficiência física. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, v. 24, n. 1, p. 99-106, 2011.

RESENDE, R.; GOMES, R.; VIEIRA, O. Liderança no futsal de alta competição: importância dos resultados desportivos. **Motriz Rev. Educ. Fís. (Impresso)**, v. 19, n. 2, p. 502-512, 2013.

RIEMER, H. A.; CHELLADURAI, P. Development of the Athlete Satisfaction Questionnaire (ASQ). **Journal of sport & Exercise psychology**, v. 20, p. 127-156, 1998.

RIGGOTTO, D. M. **Evidências de validade entre suporte familiar, suporte social e autoconceito**. 2006. Dissertação de Mestrado em Psicologia, Programa de Pós-Graduação Stricto-Sensu em Psicologia, Universidade São Francisco, Itatiba, São Paulo, 2006.

RODRIGUES, F. X. F. Modernity, discipline and soccer: a sociological analysis of the social production of soccer players in Brazil. **Sociologias**, n. 11, p. 260-299, 2004.

RUBINSTEIN, G.; LANSISKY, L. Beauty and the Beast: Authoritarianism and gender roles of Israeli footballers, basketballers, non-athletes, and their wives. **Personality and Individual Differences**, v. 55, n. 4, p. 411-416, 2013.

RUBIO, K. **Psicologia do Esporte: teoria e prática**. Casa do Psicólogo, 2003.

RUBIO, K. O imaginário da derrota no esporte contemporâneo. **Psicologia & Sociedade**, v. 18, n. 1, p. 86-91, 2006.

SÁ SILVA, S. P. de; SANDRE-PEREIRA, G.; SALLES-COSTA, R. Fatores sociodemográficos e atividade física de lazer entre homens e mulheres de Duque de Caxias/Rio de Janeiro, **Ciência da saúde coletiva**, v. 16, n. 11, p. 4491-4501, 2011.

SALDANHA, A. A. W.; OLIVEIRA, I.C.V.de.; AZEVEDO, R, L.W. O autoconceito de adolescentes escolares. **Paidéia**, v. 21, n. 48, p. 9-19, 2011.

SANCHÓN-MACIAS, M. V. et al. Determinants of Subjective Social Status and Health Among Latin American Women Immigrants in Spain:

A Qualitative Approach. **Journal of Immigrant and Minority Health**, p. 1-6, 2015.

SANTOS, A. R. M. et al. Ansiedade pré-competitiva em jovens atletas de nado sincronizado: uma análise à luz dos aspectos emocionais. **Rev. Educ. Fis./UEM**, v. 24, n. 2, p. 207-214, 2013.

SARAIVA, M.do C. **Co-educação física e esportes: quando a diferença é mito**. Ijuí: 2. ed. UNIJUÍ, 2005.

SCORSOLINI-COMIN, F.; SANTOS, M. A. dos. Satisfação com a vida e satisfação diádica: correlações entre construtos de bem-estar. **Psico-USF**, v. 15, n. 2, p. 249-256, 2010.

\_\_\_\_\_. Relações entre bem-estar subjetivo e satisfação conjugal na abordagem da Psicologia Positiva. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, v. 24, n. 4, p. 658-665, 2011.

\_\_\_\_\_. A medida positiva dos afetos: bem-estar subjetivo em pessoas casadas. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, v. 25, n. 1, p. 11-20, 2012.

SEGABINAZI, J. D. et al. Desenvolvimento e validação preliminar de uma escala multidimensional de satisfação de vida para adolescentes. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, v. 26, n. 4, p. 653-659, 2010.

\_\_\_\_\_. Escala de afetos positivos e negativos para adolescentes: adaptação, normatização e evidências de validade. **Avaliação Psicológica**, v. 11, n. 1, p. 1-12, 2012.

SERAFINI, A.J.; BANDEIRA, D. R. A influência da rede de relações, do coping e do neuroticismo na satisfação de vida de jovens estudantes. **Estudos de psicologia (Campinas)**. vol. 28, n. 1, p. 15-25, 2011.

SHIN, D. C.; JOHNSON, D. M. Avowed happiness as an overall assessment of the quality of life. **Social Indicators Research**. v. 5, n. 1-4, p. 475-492, 1978.

SILVA, J. M. G. da. O ensino dos jogos desportivos coletivos: perspectivas e tendências. **Movimento. Porto Alegre. vol. 4, n. 8, p. 19-26, 1998.**

SILVA, M. L.; RUBIO, K. Superação no esporte: limites individuais ou sociais. **Rev. Portuguesa de Ciênc. do Desp., v. 3, n. 3, p. 69-76, 2003.**

SIMÕES, A. C.; HATA, M.; RUBIO, K. Dinâmica das relações grupais: análise sociométrica de uma equipe de handebol. **Rev. Paul. Educ. Fís., São Paulo, v. 12, n. 2, p. 115-25, 1998.**

SINGELIS, T. M. The measurement of independent and interdependent self-construals. **Personality and Social Psychology Bulletin, v. 20, n. 5, p. 580-591, 1994.**

SINGELIS, T. M. et al. Horizontal and vertical dimensions of individualism and collectivism: A theoretical and measurement refinement. **Cross-cultural research, v. 29, n. 3, p. 240-275, 1995.**

SINGH-MANOUX, A.; ADLER, N.E.; MARMOT, M. G. Subjective social status: its determinants and its association with measures of ill-health in the Whitehall II study. **Social science & medicine, v. 56, n. 6, p. 1321-1333, 2003.**

SINGH-MANOUX, A.; MARMOT, M.G.; ADLER, N. E. Does subjective social status predict health and change in health status better than objective status?. **Psychosomatic Medicine, v. 67, n. 6, p. 855-861, 2005.**

SLACK, T.; PARENT, M. M. **Understanding sport organizations: The application of organization theory.** Human Kinetics, 2006.

SOARES, J. P.; ASSIS, Y. A.; SOUSA, F. N. G. Estudo comparativo quanto ao gênero e auto conceito de bailarinos e jogadores de futebol amadores do vale do aço. **Rev. Movimentum, 2005.**

SOARES, G. J. A. et al. Jovens Esportistas: profissionalização no futebol e a formação na escola. **Motriz, Rio Claro, v.17 n.2, p.252-263, 2011.**

SOUZA, J.M. A.de. **Estado e sociedade civil no pensamento de Marx**. 2010.

SOUZA, L.K.; DUARTE, M.G. Amizade e Bem-Estar Subjetivo. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, v. 29, n. 4, p. 429-436, 2013.

SPIRDUSO, W. W. **Physical Dimensions of Aging Champaign: Human Kinetics**. 1995.

STAMBULOVA, N.; STEPHAN, Y.; JAPHAG, U. Athletic retirement: A cross-national comparison of elite French and Swedish athletes. **Psychology of Sports and Exercise**, Amsterdam, v. 8, p. 101-118, 2007.

STEWART, A. D. et al. Body image perception, satisfaction and somatotype in male and female athletes and non-athletes: results using a novel morphing technique. **Journal of sports sciences**, v. 21, n. 10, p. 815-823, 2003.

STUNTZ, C.P.; WEISS, M.R. Achievement goal orientations and motivational outcomes in youth sport: The role of social orientations. **Psychology of Sport and Exercise**, v. 10, n. 2, p. 255-262, 2009.

TINELI, D. et al. Ansiedade-traço pré-competitiva: um estudo com atletas de judô. **Unoesc & Ciência – ACBS**, Joaçaba, v. 2, n. 2, p. 107-116, 2011.

TORREGROSA, D.; BELANDO, N.; MORENO-MURCIA, J.A. Predicción de la satisfacción con la vida en practicantes de ejercicio físico saludable. **Cuadernos de Psicología del Deporte**, v. 14, n. 1, p. 117-122, 2014.

TRIANDIS, H. C. The self and social behavior in differing cultural contexts. **Psychological review**, v. 96, n. 3, p. 506-520, 1989.

\_\_\_\_\_. TRIANDIS, H. C. **Individualism & collectivism**. Westview Press, 1995.

TRIANDIS, H.; GELFAND, M. J. Converging measurement of horizontal and vertical individualism and collectivism. **Journal of Personality and Social Psychology**, v. 74, n. 1, p. 118-128, 1998.

TRIANDIS, H. C.; et al. Allocentric versus idiocentric tendencies: convergent and discriminant validation. **Journal of Research in Personality**, v. 19, n. 4, p. 395-415, 1985.

TRIANDIS, H. C. et al. The measurement of the etic aspects of individualism and collectivism across cultures. **Australian journal of Psychology**, v. 38, n. 3, p. 257-267, 1986.

TRIANDIS, H. C.; et al. A method for determining cultural, demographic, and personal constructs. **Journal of Cross-Cultural Psychology**, v. 21, p. 302-318, 1990.

ULLRICH-FRENCH, S.; SMITH, A. L. Perceptions of relationships with parents and peers in youth sport: Independent and combined prediction of motivational outcomes. **Psychology of Sport and Exercise**, Amsterdam, v. 7, p. 193-214, 2006.

VASCONCELOS, A. C. **Relação entre os perfis psicológicos de gênero e os fatores de manutenção da prática de atividade física pelo idoso**. 2011. Dissertação. Mestrado em Educação Física. Universidade Católica de Brasília, Brasília, 2011.

VERARDI, C. E. L. et al. Burnout and coping among football players: before and during the tournament. **Rev. Bras. de Med. do Esp.**, v. 20, n. 4, p. 272-275, 2014.

VERISSIMO, Ramiro. **Desenvolvimento psicossocial (Erik Erikson)**. 2002.

VIEIRA, L. F.; VIEIRA, J. L. L.; KREBS, R. J.. A trajetória de desenvolvimento de talentos esportivos. **Rev. de Educ. Fís./UEM**, Maringá, v. 14, n. 1, p. 83-96, 2003.

VIEIRA, L. F.; VIEIRA, J.L.L.. Talentos esportivos: estudo dos atributos pessoais dos atletas paranaenses do atletismo. **Rev. da Educ. Fís./UEM**, Maringá, v. 12, n. 1, p. 7-17, 2008.

VIGARELLO, G. **Passion sport**: histoire d'une culture. Paris: Textuel, 2000.

VISSOCI, J. R. N. **Estudo da influência do contexto esportivo no status de identidade de atletas de futebol de campo**. 2009.

Dissertação de mestrado, Universidade Estadual de Maringá, Maringá, PR, Brasil, 2009.

VIVEIROS, L. et al. Monitoramento do treinamento no judô: comparação entre a intensidade da carga planejada pelo técnico e a intensidade percebida pelo atleta. **Rev. Bras. Med. do Esp.**, v. 17, n. 4, p. 266-269, 2011.

WILIŃSKI, W. Gender identity in female football players. **Human Movement**, v. 13, n. 1, p. 40-47, 2012.

WILKINSON, R. G.; PICKETT, K. E. Income inequality and socioeconomic gradients in mortality. **American Journal of Public Health**, v. 98, n. 4, p. 699, 2008.

WRIGHT, C. E.; STEPTOE, A. Subjective socioeconomic position, gender and cortisol responses to waking in an elderly population. **Psychoneuroendocrinology**, v. 30, n. 6, p. 582-590, 2005.

YASSUDA, M. S.; SILVA, H. S.da. Participação em programas para a terceira idade: impacto sobre a cognição, humor e satisfação com a vida. **Estudos psicologia (Campinas)**, v. 27, n. 2, p. 207-214, 2010.

ZANON, C. et al. Desenvolvimento e validação de uma escala de afetos positivos e negativos. **Psico-USF**, v. 18, n. 2, p. 193-201, 2013.



Universidade do Estado de Santa Catarina – UDESC  
Centro de Ciências da Saúde e do Esporte – CEFID  
Programa de Pós-Graduação em Ciências do Movimento Humano – PPGCMH

## APÊNDICE I

### TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Eu, Mariluce Poerschke Vieira, mestranda do Curso de Pós Graduação em Ciência do Movimento Humano da UDESC-Florianópolis-SC e Professora Especialista em Psicologia do Esporte da UNOESC-Chaçapécó, portadora da CI: 2028032486, residente na Rua Alexandria, 153 E, Bairro Maria Goretti – Chapecó-SC, venho por meio desta, solicitar seu consentimento para realizar uma pesquisa com os atletas, sob sua responsabilidade, que participam da modalidade de .....e representam o município nos campeonatos estaduais, nacionais e internacionais. Esta pesquisa tem como título “Nível de satisfação com a vida de atletas segundo sexo, perfil psicológico de gênero, *status* social subjetivo nas modalidades esportiva”, sendo que, a mesma faz parte de um projeto maior intitulado “Identidade Esportiva e Artística de atletas e bailarinos” o qual foi submetido e aprovado junto ao comitê de ética em pesquisas com seres humanos da UDESC-Florianópolis, sob o processo nº 275.381/2013, coordenado pelo Prof. Dr. Fernando Luiz Cardoso.

O principal objetivo da pesquisa é avaliar uma possível associação do nível de satisfação com a vida de atletas catarinenses do sexo masculino e feminino com a satisfação com o esporte, o *status* social subjetivo, os esquemas de gênero do autoconceito e o Perfil I-A nas modalidades esportivas praticadas.

Para a realização da mesma, será solicitado aos atletas que respondam os questionários referentes às seguintes variáveis:

a) Características sociodemográficas, b) Satisfação de vida e atlética; c) Orientação esportiva; d) Esquemas de gênero do autoconceito; d) Status social. Esses questionários serão aplicados pela própria pesquisadora e fica antecipadamente garantido que:

a) Somente participarão desta, os atletas que aceitarem, após

serem esclarecidos sobre os procedimentos aos quais serão submetidos; b) Não haverá nenhum custo aos participantes deste estudo; c) Os nomes dos participantes do estudo não serão divulgados, assegurando-se o caráter confidencial das informações obtidas para esta pesquisa; d) Os participantes poderão desistir a qualquer momento; e) Os procedimentos referentes a esta investigação não apresentam nenhum risco à integridade física dos participantes; f) Os responsáveis por esta pesquisa estarão disponíveis para esclarecer dúvidas a respeito da mesma e, também, para dar acesso aos resultados de cada avaliado, se for de interesse.

Agradecemos sua atenção,



Prof. Dr. Fernando Luiz Cardoso

Coordenador do Projeto  
Fone: (048) 9911-9642



Prof. Mariluce P. Vieira

Pesquisadora

Fone: (049) 99280072



Universidade do Estado de Santa Catarina – UDESC  
Centro de Ciências da Saúde e do Esporte – CEFID  
Programa de Pós-Graduação em Ciências do Movimento Humano – PPGCMH

## APÊNDICE II

### TERMO DE ASSENTIMENTO

Eu \_\_\_\_\_ aceito participar da pesquisa intitulada “Nível de satisfação com a vida de atletas segundo sexo, perfil psicológico de gênero, *status* social subjetivo nas modalidades esportiva”. Declaro que a pesquisadora Mariluce Poerschke Vieira explicou todas as questões referente a este estudo, inclusive que o meu nome não será divulgado, mantendo assim, um total sigilo. Dessa forma, concordo livremente em participar do estudo, sabendo que posso desistir a qualquer momento, se assim desejar.

Assinatura do (a) atleta (a): \_\_\_\_\_

Pesquisador:

Prof<sup>ª</sup>. Mariluce P. Vieira

Pesquisadora

Fone: (049) 99280072

Data: -----/-----/-----.

### APÊNDICE III

## CARACTERÍSTICA SOCIODEMOGRÁFICAS, ECONÔMICAS, ESPORTIVAS E INFORMAÇÕES REFERENTES A SATISFAÇÃO COM A VIDA, SATISFAÇÃO COM O ESPORTE E AUTOPERCEPÇÃO DOS ATLETAS CATARINENSES.

### QUESTIONÁRIO

Nome: \_\_\_\_\_

Sexo: M ( ) F ( )

Data de Nascimento: \_\_\_\_\_ Idade (anos): \_\_\_\_\_

Modalidade: \_\_\_\_\_ Prova: \_\_\_\_\_

Tempo de contato com modalidade de forma sistematizada: \_\_\_\_\_

Frequência semanal de treino: \_\_\_\_\_ Duração do treino: \_\_\_\_\_

**Nível última competição importante no último ano:**

( ) Estadual ( ) Nacional ( ) Internacional

**Melhor resultado no último ano:**

( ) 1º ( ) 2º ( ) 3º ( ) Outros

**Estado civil:**

( ) Sem companheiro ( ) Com companheiro

**Como você considera sua cor da pele ou etnia (IBGE, 2000)?**

( ) Preta ( ) Branca ( ) Amarela ( ) Parda ( ) Indígena

1. Logo abaixo, você encontrará 5 afirmativas. Assinale na escala ao lado de cada afirmativa o quanto ela descreve a sua **situação pessoal em relação ao esporte que você pratica**. Não há respostas certas ou erradas, mas é importante você marcar com sinceridade como você se sente com relação a cada uma dessas afirmativas.

a- A minha vida está próxima do meu ideal.

Discordo plenamente	1	2	3	4	5	6	7	Concordo plenamente
------------------------	---	---	---	---	---	---	---	------------------------

b- Minhas condições de vida são excelentes.

Discordo plenamente	1	2	3	4	5	6	7	Concordo plenamente
------------------------	---	---	---	---	---	---	---	------------------------

c- Eu estou satisfeito com a minha vida.

Discordo plenamente	1	2	3	4	5	6	7	Concordo plenamente
------------------------	---	---	---	---	---	---	---	------------------------

d- Até agora eu tenho conseguido as coisas importantes que eu quero na vida.

Discordo plenamente	1	2	3	4	5	6	7	Concordo plenamente
------------------------	---	---	---	---	---	---	---	------------------------

e- Se eu pudesse viver a minha vida de novo eu não mudaria quase nada.

Discordo plenamente	1	2	3	4	5	6	7	Concordo plenamente
------------------------	---	---	---	---	---	---	---	------------------------

2. Em relação ao esporte que você pratica, indique, marcando um numero que represente o grau de satisfação que tens.

Pouco Satisfeito	0	1	2	3	4	5	Muito Satisfeito
------------------	---	---	---	---	---	---	------------------

3. A seguir, indique quanto cada um dos seguintes atributos lhe caracteriza (como você se vê)? Faça um círculo em um dos números na escala de resposta ao lado de cada atributo.

Cooperador, que colabora	Pouco característico	0	1	2	3	4	5	Muito característico
Um ser único, diferente dos demais	Pouco característico	0	1	2	3	4	5	Muito característico
Orientado ao êxito, ao trunfo	Pouco característico	0	1	2	3	4	5	Muito característico
Cumpridor com os demais, servidor	Pouco característico	0	1	2	3	4	5	Muito característico
Expressivo, amigável e família	Pouco característico	0	1	2	3	4	5	Muito característico
Batalhador, busca sua	Pouco característico	0	1	2	3	4	5	Muito característico

sobrevivência								
---------------	--	--	--	--	--	--	--	--

**Posse de itens (ABEP, 2013)**

Quantidade de itens	0	1	2	3	4 ou +
Televisão de cores					
Rádio					
Banheiro					
Automóvel					
Empregada mensalista					
Máquina de lavar					
Vídeo cassete/ DVD/BlueRay					
Geladeira					
Freezer (aparelho independente ou parte da geladeira duplex)					

**Grau de instrução do chefe da família (ABEP, 2013):**

Analfabeto/Fundamental 1 incompleto	Analfabeto/ até 3ª série fundamental	0
Fundamental 1 completo/Fundamental 2 incompleto	Até 4ª série fundamental	1
Fundamental 2 completo/Médio incompleto	Fundamental completo	2
Médio completo/ Superior incompleto	Médio completo	4
Superior completo	Superior completo	8

**Grau de escolaridade do indivíduo (ABEP, 2013):**

Analfabeto/Fundamental 1 incompleto	Analfabeto/ até 3ª série fundamental	0
Fundamental 1 completo/Fundamental 2 incompleto	Até 4ª série fundamental	1
Fundamental 2 completo/Médio incompleto	Fundamental completo	2
Médio completo/ Superior incompleto	Médio completo	4
Superior completo	Superior completo	8

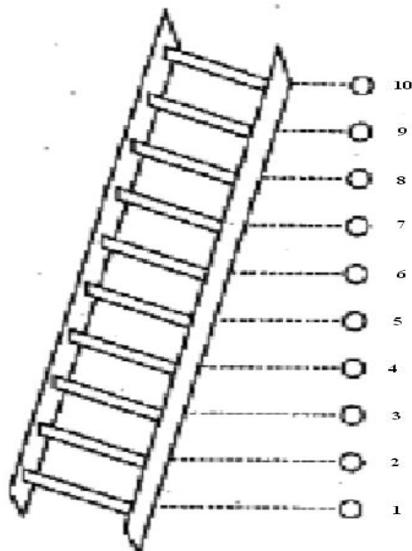
## ANEXO I

**ESCALA MACARTHUR DE STATUS SOCIAL SUBJETIVO  
VERSÃO PARA JOVENS**

Imagine que a foto desta escada representa como a sociedade está configurada. No topo da escada estão às pessoas que estão em melhor situação, eles têm mais dinheiro, mais elevado nível de escolaridade, e os empregos que trazem maior respeito. Na parte de baixo da escada estão às pessoas que estão em pior situação, eles têm menos dinheiro, pouca ou nenhuma educação, sem emprego ou empregos que ninguém quer ou respeita. Agora pense sobre sua **FAMÍLIA**. Em que lugar você acha que sua família estaria nesta escada?

Agora vamos pensar que a escada é uma forma de retratar a **EQUIPE** que você atua. No topo da escada estão às pessoas com o maior respeito, os melhores desempenhos e mais populares. Na parte de baixo da escada estão as pessoas que ninguém respeita, ninguém quer ficar com eles (não são populares), e têm os piores desempenhos.

Primeiro quero que você indique qual degrau melhor representa o lugar onde **voce** está nesta escada, e depois indique em qual degrau você gostaria de estar.



1° QUAL LUGAR SUA  
FAMILIA ESTÁ? \_\_\_\_\_

2° QUAL LUGAR VOCÊ  
ESTÁ NA SUA  
EQUIPE? \_\_\_\_\_

3° QUAL LUGAR VOCÊ  
GOSTARIA DE ESTAR  
NA SUA EQUIPE? \_\_\_\_\_

## ANEXO II

**Inventário Masculino dos Esquemas de Gênero do Autoconceito-  
IMEGA-(homens)**

Neste questionário estão listadas algumas frases relacionadas ao **autoconceito**. O **autoconceito** pode ser definido como a percepção que você possui de si mesmo. Por favor, leia as frases abaixo e utilize a escala de 0 a 4 para avaliá-las. A escala avalia o quanto cada frase se aplica a você.

**0 = Não se aplica;**

**1 = Aplica-se pouco;**

**2 = Aplica-se moderadamente;**

**3 = Aplica-se muito;**

**4 = Aplica-se totalmente.**

Não é necessário que você se identifique e não há respostas certas ou erradas. Evite deixar respostas em branco.

N.	ITENS	ESCALA				
		0	1	2	3	4
01	Respeito os espaços e limites dos outros	0	1	2	3	4
02	Quero que os meus desejos prevaleçam sobre os dos demais	0	1	2	3	4
03	Minha beleza física atrai as pessoas	0	1	2	3	4
04	Transfiro para os outros aquelas tarefas que deixei de cumprir	0	1	2	3	4
05	Critico as pessoas quando estas cometem erros	0	1	2	3	4
06	Gosto de desbravar ambientes desconhecidos	0	1	2	3	4
07	Fico violento ao ser contrariado	0	1	2	3	4
08	Luto por aquilo que desejo	0	1	2	3	4
09	Dependo do apoio dos outros para me decidir	0	1	2	3	4
10	Sou sensual	0	1	2	3	4
11	Encaro os fatos com objetividade, sem me emocionar	0	1	2	3	4
12	Sou indiferente ao sofrimento dos outros	0	1	2	3	4
13	Compartilho as minhas emoções com a pessoa amada	0	1	2	3	4
14	Busco prazer em tudo o que faço	0	1	2	3	4
15	Gosto de exercer o controle sobre os outros	0	1	2	3	4
16	Visto-me com elegância	0	1	2	3	4

17	Busco minhas metas com determinação	0	1	2	3	4
18	Cumpro as minhas tarefas diárias para que estas não recaiam sobre os outros	0	1	2	3	4
19	Trato os assuntos com objetividade	0	1	2	3	4
20	Seduzo as pessoas com meu charme e sensualidade	0	1	2	3	4
21	Sinto-me deslocado em eventos sociais	0	1	2	3	4
22	Tomo minhas decisões visando o bem, tanto para mim quanto para os demais	0	1	2	3	4
23	Agrido as pessoas, fisicamente e/ou verbalmente, quando me sinto frustrado	0	1	2	3	4
24	Estou presente quando minha companheira necessita de algum apoio	0	1	2	3	4
25	Luto pelos meus ideais	0	1	2	3	4
26	Sou ingrato com aqueles que me ajudam	0	1	2	3	4
27	Sinto prazer em cutucarr os pontos fracos das pessoas	0	1	2	3	4
28	Procuro ser o melhor naquilo que faço	0	1	2	3	4
29	Fico mal-humorado quando contrariam os meus desejos	0	1	2	3	4
30	Sou tímido	0	1	2	3	4
31	Compartilho os meus sentimentos com a minha companheira	0	1	2	3	4
32	Preocupo-me com a minha aparência	0	1	2	3	4
33	Vivo dividido entre aquilo que quero e aquilo que esperam de mim	0	1	2	3	4
34	Por preguiça, deixo para amanhã o que posso fazer hoje	0	1	2	3	4
35	Aponto os erros cometidos pelos outros	0	1	2	3	4
36	Gosto de assumir a liderança nas atividades	0	1	2	3	4
37	Procuro manter uma conversa agradável ao estar com outras pessoas	0	1	2	3	4
38	Tomo cuidado para que minhas atitudes não venham a prejudicar terceiros	0	1	2	3	4
39	Sou do tipo racional	0	1	2	3	4
40	Digo coisas insensatas ao sentir-me pressionado emocionalmente	0	1	2	3	4
41	Sou charmoso	0	1	2	3	4

42	Mal terminei uma atividade e já estou pensando na próxima	0	1	2	3	4
43	Gosto de enfrentar novos desafios	0	1	2	3	4
44	Compartilho as alegrias e tristezas vividas pela minha companheira	0	1	2	3	4
45	Tenho medo de me expressar e ser criticado pelos demais	0	1	2	3	4
46	Conforto as pessoas que dividem comigo os seus problemas	0	1	2	3	4
47	Sou negligente com coisas importantes	0	1	2	3	4
48	Quero que as minhas opiniões prevaleçam sobre as dos demais	0	1	2	3	4
49	Minha conversa somada ao meu aspecto físico torna-me atraente	0	1	2	3	4
50	Sou grato àqueles que me ajudam	0	1	2	3	4
51	Fico irritado quando as pessoas não compreendem os meus pontos-de-vista	0	1	2	3	4
52	Gosto de compartilhar os fatos diários vividos pela minha companheira	0	1	2	3	4
53	Sou grosseiro com aqueles que discordam de minhas opiniões	0	1	2	3	4
54	Sou honesto	0	1	2	3	4
55	Gosto de dar a última palavra	0	1	2	3	4
56	Sou crítico	0	1	2	3	4
57	Exponho os meus pensamentos de forma lógica	0	1	2	3	4
58	A moral rege a minha conduta diária	0	1	2	3	4
59	Sou realista	0	1	2	3	4
60	Resolvo os problemas de forma prática	0	1	2	3	4
61	A lealdade faz parte dos princípios que regem a minha vida	0	1	2	3	4
62	Vivo de acordo com as expectativas dos outros	0	1	2	3	4
63	Sou íntegro	0	1	2	3	4
64	Faço comentários depreciativos daquilo e/ou daqueles que me incomodam	0	1	2	3	4
65	Sou injusto com as pessoas quando tenho os meus desejos contrariados	0	1	2	3	4
66	Trato rudemente as pessoas	0	1	2	3	4

67	Deixo de ousar porque tenho medo de errar e ser criticado pelos demais	0	1	2	3	4
68	Minhas atitudes impulsivas acabam atingindo terceiros	0	1	2	3	4
69	Vivo a procura de novos desafios	0	1	2	3	4
70	Torno-me desagradável quando sou obrigado a fazer aquilo que não quero	0	1	2	3	4
71	Sou inflexível quanto aos meus pontos-de-vista e opiniões.	0	1	2	3	4

## ANEXO III

**Inventário Feminino dos Esquemas de Gênero do Autoconceito-  
IFEGA- (mulheres)**

Neste questionário estão listadas algumas frases relacionadas ao **autoconceito**. O **autoconceito** pode ser definido como a percepção que você possui de si mesmo. Por favor, leia as frases abaixo e utilize a escala de 0 a 4 para avaliá-las. A escala avalia o quanto cada frase se aplica a você.

**0 = Não se aplica;**

**1 = Aplica-se pouco;**

**2 = Aplica-se moderadamente;**

**3 = Aplica-se muito;**

**4 = Aplica-se totalmente.**

Não é necessário que você se identifique e não há respostas certas ou erradas. Evite deixar respostas em branco.

N.	ITENS	ESCALA				
		0	1	2	3	4
01	Preocupo-me com a minha aparência	0	1	2	3	4
02	Procuo me destacar naquilo que faço	0	1	2	3	4
03	Trago comigo a lembrança de cada ofensa e de seu ofensor	0	1	2	3	4
04	Trato os assuntos com objetividade	0	1	2	3	4
05	Gosto de exercer o controle sobre os outros	0	1	2	3	4
06	Sou descuidada com a minha saúde	0	1	2	3	4
07	Sou tímida	0	1	2	3	4
08	Gosto de cutucar os pontos fracos das pessoas	0	1	2	3	4
09	Luto pelos meus ideais	0	1	2	3	4
10	Gosto de falar da vida dos outros	0	1	2	3	4
11	Exponho os meus pensamentos de forma lógica	0	1	2	3	4
12	O meu jeito de ser agrada as pessoas	0	1	2	3	4
13	Quero que os meus desejos prevaleçam sobre os dos demais	0	1	2	3	4
14	A forma como me movimento exprime sensualidade	0	1	2	3	4
15	Invejo aqueles que alcançam aquilo que eu gostaria de alcançar	0	1	2	3	4
16	Busco minhas metas com determinação	0	1	2	3	4
17	Sinto-me deslocada em eventos sociais	0	1	2	3	4

18	Vejo segundas intenções nas atitudes dos outros	0	1	2	3	4
19	A fidelidade faz parte dos princípios que regem a minha vida	0	1	2	3	4
20	Planejo o troco de cada ofensa recebida	0	1	2	3	4
21	Minha beleza física atrai as pessoas	0	1	2	3	4
22	A moral rege a minha conduta diária	0	1	2	3	4
23	Sou desorganizada	0	1	2	3	4
24	Luto por aquilo que desejo	0	1	2	3	4
25	Seduzo as pessoas com o meu charme e sensualidade	0	1	2	3	4
26	A forma como me visto é peça fundamental na arte da sedução	0	1	2	3	4
27	A lealdade faz parte dos princípios que regem a minha vida	0	1	2	3	4
28	Transfiro para os outros aquelas tarefas que deixei de cumprir	0	1	2	3	4
29	Busco prazer em tudo o que faço	0	1	2	3	4
30	Irrito-me quando os meus planos não se realizam conforme o planejado	0	1	2	3	4
31	Desconfio das intenções dos outros	0	1	2	3	4
32	Resolvo os problemas de forma prática	0	1	2	3	4
33	Procuro ser original naquilo que faço	0	1	2	3	4
34	A harmonia de minhas formas corporais atrai as pessoas	0	1	2	3	4
35	Tomo cuidado para que minhas atitudes não venham prejudicar terceiros	0	1	2	3	4
36	Fico violenta ao ser contrariada	0	1	2	3	4
37	Quero que aquele(s) que amo só tenham olhos para mim	0	1	2	3	4
38	Sou charmosa	0	1	2	3	4
39	Presto favores quando sei que poderei retirar alguma vantagem	0	1	2	3	4
40	Expresso as minhas opiniões, sem medo de ser criticada	0	1	2	3	4
41	Sou desleixada com a minha aparência física	0	1	2	3	4
42	Vou direto aos assuntos, sem fazer rodeios	0	1	2	3	4
43	Gosto de saber tudo o que está se passando na vida dos outros	0	1	2	3	4

44	Sinto ciúme quando os outros se aproximam de pessoas que eu gosto	0	1	2	3	4
45	Sou atraente	0	1	2	3	4
46	Quando convém, transpareço ser aquilo que não sou	0	1	2	3	4
47	Sou caprichosa ao realizar as minhas tarefas	0	1	2	3	4
48	Por preguiça, deixo para amanhã o que posso fazer hoje	0	1	2	3	4
49	Vivo calada e recolhida em meus pensamentos	0	1	2	3	4
50	Sou criativa	0	1	2	3	4
51	Procuro viver uma vida sem rotinas	0	1	2	3	4
52	Busco as novas tendências no campo em que trabalho	0	1	2	3	4
53	Minha forma de vestir é deselegante	0	1	2	3	4
54	Gosto de enfrentar novos desafios	0	1	2	3	4
55	Minha conduta segue as normas ditadas pela moral e os bons costumes	0	1	2	3	4
56	Fico mal-humorada ao ter os meus desejos contrariados	0	1	2	3	4
57	Sou íntegra	0	1	2	3	4
58	Sou desleixada com as minhas coisas (roupas, objetos, etc)	0	1	2	3	4
59	Sou sensível à dor e ao sofrimento dos outros	0	1	2	3	4
60	Sou negligente com assuntos importantes	0	1	2	3	4
61	Sou delicada	0	1	2	3	4
62	Faço comentários depreciativos daquele e/ou daquilo que me incomodam	0	1	2	3	4
63	Sou grosseira com aqueles que me contrariam	0	1	2	3	4
64	Dependo do apoio dos demais para tomar minhas decisões	0	1	2	3	4
65	Agrido verbalmente as pessoas quando me sinto frustrada	0	1	2	3	4
66	Sou injusta com as pessoas quando tenho os meus desejos contrariados	0	1	2	3	4
67	Gosto de assumir a liderança	0	1	2	3	4
68	Visto-me com elegância	0	1	2	3	4
69	Sou romântica	0	1	2	3	4
70	Acredito em amores eternos	0	1	2	3	4

71	Tenho idéias inovadoras naquilo que faço	0	1	2	3	4
72	Vivo dividida entre aquilo que quero e aquilo que esperam de mim	0	1	2	3	4
73	Tomo as minhas decisões, baseando-me nas opiniões dos outros	0	1	2	3	4
74	Sou jeito de ser é sensual	0	1	2	3	4
75	Sou honesta	0	1	2	3	4

## ANEXO IV

## PERFIL I-A

Este questionário visa avaliar como você se sente em relação a diversos aspectos de sua vida atlética. Sua função será ler os itens abaixo e julgar o quanto cada item se aplica a você. Para isto, utilize a escala:

**0 = Não se aplica;**

**1 = Aplica-se pouco;**

**2 = Aplica-se moderadamente;**

**3 = Aplica-se muito;**

**4 = Aplica-se totalmente.**

N.	Itens	Escala				
		0	1	2	3	4
1	Sinto prazer em competir.	0	1	2	3	4
2	Confio plenamente na capacidade profissional do meu técnico.	0	1	2	3	4
3	Considero os meus treinamentos um ritual diário através do qual alcanço o sucesso desportivo.	0	1	2	3	4
4	Assumo os erros da equipe se for preciso.	0	1	2	3	4
5	Meus colegas de equipe são, também, colegas para outros eventos sociais.	0	1	2	3	4
6	Gosto de ter a atenção exclusiva do técnico a respeito da minha performance após as competições.	0	1	2	3	4
7	Procuro manter a união e a coesão da equipe.	0	1	2	3	4
8	Gosto de me superar a cada competição.	0	1	2	3	4
9	Minha meta é ser o melhor atleta da equipe.	0	1	2	3	4
10	Encaro cada treinamento como uma competição, procurando sempre me destacar da equipe.	0	1	2	3	4
11	Deixo a minha equipe, se for convidado para participar de uma equipe mais forte.	0	1	2	3	4
12	Realizo-me através do sucesso de minha equipe.	0	1	2	3	4
13	Sou assíduo aos treinamentos porque eles me propiciarão atingir meus objetivos de sucesso na carreira atlética.	0	1	2	3	4

14	Sou fiel ao meu técnico.	0	1	2	3	4
15	Deixo o meu técnico se for convidado para participar da equipe de um outro técnico que apresente melhores resultados.	0	1	2	3	4
16	Sirvo de amparo emocional e dou apoio psicológico aos meus colegas de equipe.	0	1	2	3	4
17	Sou competitivo por natureza.	0	1	2	3	4
18	Se for preciso, sacrifico meus objetivos pessoais em favor da equipe.	0	1	2	3	4
19	Gosto de treinamentos duros em que me destaco diante dos meus colegas de equipe.	0	1	2	3	4
20	Sofro quando vejo algum colega de equipe triste porque não obteve bons resultados.	0	1	2	3	4
21	Sinto cada treino como um novo desafio.	0	1	2	3	4
22	Para mim, o importante é vencer.	0	1	2	3	4
23	Além de minha vida esportiva, o meu técnico participa de minha vida social.	0	1	2	3	4
24	Sinto-me mais poderoso a cada competição que venço.	0	1	2	3	4
25	Quero obter lucros financeiros com minha carreira atlética.	0	1	2	3	4
26	Preocupo-me com o bem-estar dos colegas de minha equipe.	0	1	2	3	4
27	Minha meta enquanto atleta é ser reconhecido pelos meios de comunicação. Fico irritado quando o meu desempenho não é bom.	0	1	2	3	4